

Graça Indias Cordeiro

Laranjinha,
Lazer, Solidariedade:
um ensaio de antropologia
urbana

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

LARANJINHA, LAZER, SOLIDARIEDADE:
UM ENSAIO DE ANTROPOLOGIA URBANA
(Em anexo: fotografias de Luís Pavão)

GRAÇA INDIAS CORDEIRO

Tese apresentada para obtenção de Mestrado em
Antropologia Cultural e Social e Sociologia da Cultura

LISBOA

1987

ÍNDICE

<u>Introdução</u>	iv
<u>I. A tradição</u>	1
I.1. O facto social urbano	1
I.2. Em busca duma solidariedade urbana	7
I.3. Do trabalho e do tempo livre	17
I.4. Jogo, realidade e cultura	28
I.5. O problema	36
<u>II. Por uma antropologia da cidade</u>	44
II.1. Do exótico ao familiar	44
II.2. A laranjinha e a tradição oral	51
<u>III. Campo de Ourique</u>	60
III.1. O bairro e os seus habitantes	60
III.2. Tabernas e colectividades	71
<u>IV. O jogo e a associação</u>	79
IV.1. As associações voluntárias	79
IV.2. Pré-história do Grémio	83
IV.3. A vida associativa e os seus momentos festivos	86
IV.4. O jogo, a bebida e o recreio	94
<u>V. A família da laranjinha</u>	111
V.1. O ritual do jogo	111
V.2. A memória do jogo	118
V.3. O campeonato de 1985	138
V.4. As atitudes e as opiniões	145

VI. Nascer, adoecer, morrer: o percurso imprevisível da laranjinha	160
VI.1. A vocação social da laranjinha	160
VI.2. Os homens versus as coisas	162
VI.3. A rivalidade e o acaso	165
VI.4. O jogo, o trabalho e a vizinhança: a competição masculina	167
VI.5. A associação e o jogo: da razão à emoção ..	173
VI.6. Porquê o ritual da laranjinha?	178
VI.7. Para finalizar	184
 Mapas, Plantas e Documentos	 189
Bibliografia	204

INTRODUÇÃO

Na pré-história deste trabalho esteve o desejo e a intenção de estudar as formas como, na cidade, os indivíduos vivem o seu tempo livre do trabalho, das obrigações familiares, religiosas, etc. O lazer, e particularmente, as relações sociais baseadas no lazer (lazer social), surgia-me como um conceito problemático e ambíguo, de certa forma difuso, à semelhança do que se passava com a noção de urbanidade. A realidade que ambas as noções supostamente definiam e caracterizavam parecia-me extravasá-las largamente e isso bastava para me interessar por um estudo centrado na questão do lazer urbano. Além disso, o mundo das sociabilidades populares (onde incluia o do associativismo popular) olhado do seu interior, do ponto de vista do seu quotidiano, numa visão microscópica, parecia-me continuar bastante esquecido e constituir um quase-vazio dos estudos sociológicos sobre a cidade de Lisboa.

Tendo inicialmente escolhido um bairro (Campo de Ourique, por diversas razões: sociabilidade intensa nos locais públicos, grande densidade de agremiações desportivas e recreativas, o meu próprio gosto pessoal, entre outras), rapidamente me apercebi da sua impraticabilidade como unidade de análise para uma pesquisa

individual e principiante. Apesar de ter isolado como categoria analítica a vizinhança, que me parecera constituir o substrato relacional mais sólido na precariedade do tecido social urbano e, embora tenha tomado consciência duma certa continuidade entre estes relações de vizinhança e o domínio do lazer (masculino, sobretudo), esta hipótese de trabalho revelou-se demasiado ambiciosa para o bairro escolhido. Pela sua extensão e heterogeneidade, este parecia constituído por um conjunto de unidades sociais, algumas estanques entre si, e a diversidade de lazeres reflectia uma diversidade social impossível de apreender coerentemente num trabalho como o presente.

A questão genericamente formulada - o tempo livre dos habitantes de um bairro - prespectivou-se, assim, duma forma mais modesta. Se conseguisse elaborar, como unidade mínima de análise, um determinado lazer, talvez conseguisse criar um ponto de partida para uma possível resposta a uma questão prematuramente radical.

Abandonei os "lazeres" e escolhi a realidade mais restrita daquele que se praticava nas associações de recreio e cultura, substancialmente baseado nas diversas formas de jogo, cartas, dominó, bilhares, etc. Em conjunto com Luís Pavão, que fotografava as situações de jogo, começámos a viajar por estas associações (dentro e fora de Campo de Ourique) e elaborámos um ficheiro. Esta realidade também se revelou muito diversa, no entanto, com certas regularidades que a pouco e pouco fomos conhecendo.

Para além desta familiarização com as colectividades populares, houve a descoberta de um jogo até aí, para nós, desconhecido - a laranjinha - que se tornou no nosso pôlo privilegiado de atenção, não só por razões de ordem visual, como em termos do seu significado, ou seja, como produto e reflexo de um quotidiano popular lisboeta hoje quase desaparecido. Durante cerca de sete meses visitámos assiduamente os locais deste jogo, actividade que culminou com uma exposição de fotografia e um artigo no Expresso, em Outubro de 1986.

Nesta altura, continuava a encarar o investimento na laranjinha como uma pesquisa paralela à da minha tese que, essa, seria sobre o jogo e o lazer ético nas sociedades recreativas de um bairro. Quando, em Outubro, dei por terminado este investimento, apercebi-me de que a laranjinha, descoberta no Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, nos levara a outros espaços de jogo em Lisboa, e fizera com que me encontrasse já razoavelmente familiarizada com o seu universo reduzido, sem, no entanto, ter aprofundado o seu conhecimento. Por acreditar que podia ser agarrada como um ritual significativo e exemplificativo dum formar particular de sociabilidade masculina, resolvi, então, colocá-la como tema central desta pesquisa.

A laranjinha nasceu, assim, como um filho ilegítimo. Ocasionalmente surgida, acabou por se impor no decorrer da investigação, revelando-se como uma amostra social válida para uma pesquisa em terreno urbano.

Habitualmente a cidade é pensada, na ciéncia social, como uma construcao de homens individuais e independentes que decidem e optam por alternativas económicas. Tem sido entendida como um lugar privilegiado de relações contratuais entre os seus habitantes, frequentemente atacada de anomia e, por isso, como um sítio de desorganização social. Tomando como referéncia esta tradição de estudo, no cap. I são discutidos os conceitos de urbanidade, lazer e jogo, como contextualização teórica do tema central.

O objectivo deste trabalho foi encontrar um locus social dentro da cidade, tradicionalmente estudada pela sociologia, a história ou o urbanismo. Um espaço urbano que possibilitesse, com uma metodologia antropológica, argumentar que o exótico não tem a ver com áreas culturais (Melanésia, África, América Latina, etc.), mas sim com lógicas diferentes de processos de vida. Processos estes que se tecem através de interacções que estão longe do que oficialmente a ciéncia, a doutrina e a lei supõem ser o comportamento do cidadão europeu, com as suas noções de maximização de lucro, produção de cultura letrada, etc. Esta ideia de comportamento médio constitui, afinal, um estereótipo, uma referéncia etnocéntrica para aquilo que, de facto, é diferente e o seu desenvolvimento, feito no cap. II, relaciona-se com algumas considerações metodológicas, apenas esboçadas.

O jogo da laranjinha, actividade colectiva desconhecida do cidadão médio lisboeta, foi o tema

escolhido como argumento para este debate, e o seu locus de análise centrou-se numa associação recreativa dum bairro de Lisboa. Os capítulos III e IV pretendem contextualizar o jogo a nível do bairro e da associação e o cap. V expor a sua etnografia.

Esta prática social de tempo livre, esta forma de socialização através do jogo - socialização no lazer com relações definidas com o mundo do trabalho - não contém nenhum dos componentes da racionalidade oficial europeia, não faz parte de nenhum currículum dos lugares públicos onde a sociedade é suposta aprender os elementos da sua reprodução, e pode-se dizer que, na base desta forma de aprendizagem social, se encontram determinadas formas de solidariedade, ideia que será argumentada no último capítulo.

Se, por um lado, se pode dizer que, na base desta forma de aprendizagem social se encontram determinadas formas de solidariedade, por outro lado, esta interpretação, limitada e restritiva em relação à própria realidade lúdica, não esgota outras possíveis. O que, finalmente, me leva a relembrar as palavras de Jean Duvignaud (1980), quando afirma que "o importante é reconhecer, em toda a vida colectiva humana, esta região lúdica que invade a existência, desde a deambulação, o sonho ou o devaneio, à convivialidade, à festa e às inumeráveis especulações do imaginário." (27).

Só me resta agradecer a todos os que, com o seu apoio e amizade, contribuiram para este resultado final.

Em primeiro lugar, a Raul Iturra, que me orientou o trabalho. O conhecimento e o saber transmitidos não se agradecem pois estão implícitos numa relação orientador/orientado; mas a paciência, o rigor atento, a clareza das sugestões, a disponibilidade solidária e, sobretudo, a sabedoria de tudo saber conciliar numa relação afectuosa de trabalho, deixam-me uma dívida que nenhuma reciprocidade poderá saldar.

A Miguel Val de Almeida pela autoria da capa e pelos desenhos feitos a partir de algumas fotografias de Luis Pavão. A Brian Juan O'Neil pela ajuda simpática na feitura de diapositivos para uma apresentação sobre a laranjinha, apresentação que me ajudou a estruturar a presente tese; e aos colegas da cadeira que lecciono na licenciatura de Antropologia Social do ISCTE. A Luis Baptista e Pedro Prista pelas conversas esclarecedoras que tivemos.

A Carlos Guimarães pelas longas horas que perdeu numa minuciosa e paciente revisão do texto. A Isabel Louçã pela disponibilidade paciente com que me acompanhou na composição final do mesmo.

Também quero agradecer a Maria Amélia e Silvino por todo o apoio e carinho com que me acompanharam, bem como os bons conselhos do Uli e a presença amiga da Isabel. À Ana Isabel, a cumplicidade que, entre a amizade e o

trabalho, continuamos a ter.

Enfim, um agradecimento especial a todos os homens da laranjinha pela forma com que aceitaram a minha insistente indiscrição e, muito particularmente, à direcção do G.I.L.C.O. pela confiança que em mim depositaram, sem a qual não teria sido possível esta pesquisa.

Gostava de dedicar esta "Laranjinha..." a Luis Pavão com quem, em conjunto, dei os primeiros passos.

"Je pressentis qu'au-delà des règles dont les anthropologues, non sans naïveté, se satisfaient, s'étendait une zone vague, que certains nommaient résiduelle et dont l'importance ne cessait de croître. Région intermédiaire entre les croyances et les pratiques et qui m'apparut peu à peu comme le domaine des activités inutiles et du jeu."

Jean Duvignaud

CAP. I A TRADIÇÃO

A cidade, como um sistema particular de relações sociais, é um facto social original, baseado numa diversidade de modos de vida e práticas sociais. A abordagem dum tipo de lazer urbano, particularizado numa actividade de jogo é centrada em torno de um eixo teórico: o modo como, nas actividades de tempo livre, as pessoas criam vínculos solidários entre si, ou seja, de como, através de práticas lúdicas, se gera solidariedade que, para Durkheim (1893), nascia da maior ou menor especialização do trabalho.

I.1. O facto social urbano

A cidade moderna surge como resultado do desenvolvimento do capitalismo industrial, não se podendo dissociar o fenómeno urbano de todas as transformações que as sociedades têm sofrido nos últimos dois séculos. Só relacionando-o com os aspectos gerais da sociedade nascida da revolução industrial (com as suas inovações técnicas, o movimento massivo de pessoas do campo para os sectores de trabalho industrial e a sua ideologia própria) é que se torna possível compreender a mudança radical de modos de

vida, de valores sociais, de atitudes que acompanharam essa transformação.

A expansão urbana é aliada a uma economia baseada no comércio e na grande indústria, com uma lógica expansionista de lucro e uma doutrina com ela sintonizada, extraída da prática e das ideias da maximização difundidas pela ética protestante, dentro das ideias económicas, apesar das particularidades de cada cultura. Esta ética tenta penetrar a racionalidade individualista do livre-arbitrio católico, apesar das reformas colectivizadoras ocorridas nos últimos trezentos anos de história europeia. No entanto, como a expansão urbana se baseia no comércio e na grande indústria, os princípios de maximização são aplicados ao lucro num sistema económico que, em culturas colectivizadas, solidárias ou individualistas podem, no seu comportamento económico, ser ilustradas da seguinte forma: "os hábitos de frugalidade, de abnegação, a ordem sistemática, a renúncia aos prazeres com vista a recompensas futuras, passaram dum plano religioso ao plano profano do comércio (...) a actividade operária nas grandes fábricas de têxteis do fim da Idade Média era submetida a uma disciplina estrita que contrastava com a atmosfera de cordialidade familiar dos pequenos ateliers." (Mumford, 1964, 522) É nas urbes desta época que se começam a desenvolver novas escalas de valores, outras atitudes em relação ao trabalho, uma sobrevalorização do carácter económico das actividades que,

mais tarde, em plena sociedade industrial, se irão centralizar definitivamente em torno do valor do trabalho e da troca que, em conjunto, constituirão o eixo de rotação da nova sociedade capitalista. Nasce assim uma divisão do trabalho diferente, uma especialização e hierarquia de tarefas concentradas no espaço citadino que, se por um lado vai atraindo cada vez maiores contingentes populacionais, por outro vai-se alastrando numa influência urbana cada vez mais abrangente. Esta divisão social do trabalho torna os homens intra e extra-muros da cidade, cada vez mais interdependentes uns dos outros. Progressivamente, vai dificultando a definição dos limites de urbanização, tendendo a anular a separação cidade/campo, que, na sociedade pré-capitalista era pertinente.

Contrariamente à ideia vinculada por Louis Wirth, (1938) quando define as características "universais" da cidade (generalizando a partir de casos conjunturais, como eram as cidades americanas dos anos 20/30) e a percepciona como sistema fechado e autônomo, ela define-se antes por uma abertura e éclatement "exprimindo e encapsulando aspectos da sociedade total" (Giddens, 1982, 105). Wirth caracteriza as cidades pelo seu tamanho, densidade e pela heterogeneidade dos seus habitantes. Duas destas características são essencialmente demográficas, de limiares pouco definidos, a outra demasiado genérica: diversidade étnica, profissional, geográfica, associada a uma certa mobilidade produtora de instabilidade e insegurança, grupos sociais distintos com tangências e

intersecções... Qual o eixo explicativo desta heterogeneidade que, assim exemplificada, parece produzida na cidade e a ela restringida? A única forma de precisar esta variedade de critérios, de heterogeneidade e de, simultaneamente, a relacionar com as outras duas variáveis, é admitir que a diversidade característica da vida urbana - agora entendida como não exclusiva às cidades - provém da divisão do trabalho e dos diferentes posicionamentos de produção e consumo que se estabelecem. São as relações de interdependência existentes entre cidadinos, e entre estes e não-cidadinos, que tornam perceptível o conceito de heterogeneidade.

É a estrutura de interdependência generalizada, criada pelo progresso de urbanização e baseada numa divisão de trabalho especializada, que constitui uma das pedras angulares na análise do fenômeno urbano. Esta estrutura liga-se indissociavelmente a uma prática cultural de poder que, de certa forma, permite identificar outra das linhas de continuidade histórica que caracterizam as cidades.

Este poder exerce-se segundo conteúdos diferentes, associando cidade a civilização, a prestígio, a elitismo, à cultura letrada e intelectual. Cultura de técnica superior que, se conjunturalmente se vai metamorfoseando, historicamente mantém sempre uma mesma relação de domínio com uma rusticidade campestre circundante. Foi num contexto económico de separação entre dois modos de vida diferentes que a escrita nasceu e se desenvolveu, como marca de poder,

associada às mesmas exigências económicas e invenções técnicas que provocaram o nascimento das cidades.

O acto do nascimento da escrita surge como uma espécie de "pacto que liga de uma maneira fundamental as invenções económicas e a invenção da escrita" (Barthes 1987, 39), e como tal, constitui-se como uma técnica que sempre esteve ao serviço do poder (mesmo quando não dominada enquanto técnica, e apenas usada como mero objectivo de poder, como o chefe Nambikwara que imitava o acto de escrever de Lévi-Strauss...). Apesar da democratização na sua aprendizagem e do consequente alastramento do "saber ler e escrever", ela continua a funcionar como uma marca de prestígio que assinala, consoante a forma como é exercida, o nível de instrução, a origem social, a posição hierárquica. As sociedades baseadas numa cultura letrada registam, em paralelo com a sua estratificação social, uma estratificação de saberes e tradições de conhecimento que se podem ordenar em torno do eixo que separa a oralidade da escrita. Não se é letrado por se conhecer rudimentarmente a técnica da escrita e da leitura, quando este conhecimento se associa a formas tipicamente orais de produção e transmissão de saberes. Por conseguinte, e apesar da história urbana da Europa testemunhar um desenvolvimento e expansão duma cultura letrada e sofisticada - "civilização das élites que lêem", nas palavras de Meyer referindo-se às cidades da Europa das luzes, as "Repúblicas das letras" (cit. por Roncayolo, 1986, 424)(1) -, as cidades continuam a ser redutos duma grande diversidade cultural, onde

tradições orais se cruzam com tradições escritas, onde saberes transmitidos através de técnicas de imitação, baseados em gestualidades repetidas e oralidades, mais ou meno marginalizadas, se confrontam com saberes graficamente registados no acumular de conhecimentos oficiais e valorizados pelo poder.

A cultura urbana, caso constitua uma entidade definível numa possível originalidade, terá, assim, de ser percebida na relação (seja ela de difusão, de dominação, de conflito, de evitamento) estabelecida entre mundos sociais diversos que coexistem num mesmo lugar: a urbe.

As cidades podem ser consideradas como as formas mais evoluídas de interdependência entre os homens (Hannerz, 1980). Para além da sua realidade arquitectónica, a cidade é um facto social, na sua dupla dimensão material e simbólica. A sua especificidade situa-se na diversidade provocada pela divisão do trabalho num espaço, que por ser próximo, produz uma enorme acessibilidade entre os indivíduos. Estes dois conceitos sensibilizadores (diversidade na acessibilidade e acessibilidade na diversidade) permitem Hannerz isolar o elemento mais característico do fenómeno urbano, generalizável para além das peculiaridades de cada cidade - um espaço intensamente socializado onde se partilham diversos tempos quotidiano; uma proximidade espacial associada a uma heterogeneidade social que não implica, como afirmavam os primeiros sociólogos urbanos, um alheamento e isolamento individual,

mas sim formas diferentes de associação e de sociabilidade. Estas formas ultrapassam as meras vizinhanças, laços parentais ou geográficos e estruturam-se em torno de núcleos diferenciados. Sociabilidades que, conforme se estabeleçam no domínio do tráfego, dos lazeres, do trabalho, da família, assim têm conteúdos e intensidades diferentes e também metodologias próprias de abordagem, no seu estudo.

I.2. Em busca duma solidariedade urbana...

Podem-se considerar como os primeiros trabalhos de etnografia urbana os estudos elaborados por William I. Thomas (1863-1947) e Robert E. Park (1864-1944) na Universidade de Chicago, entre a I Guerra Mundial e a década de 30. Chicago era então a segunda maior cidade do país e a sua universidade a primeira a possuir desde 1892 um departamento de sociologia autónomo (o de antropologia teria de esperar ainda 37 anos para surgir).

A Thomas, que aí leccionou até 1918, interessou-lhe estudar a forma como se dava o impacto da sociedade urbana nos modos de vida e sistemas de representação de imigrantes de origem rural que nela se radicavam. Com base numa metodologia de pesquisa inovadora, dando especial importância à análise de documentos pessoais (diários, cartas, histórias de vida) e ao significado que as pessoas atribuem a cada situação(2), escreveu, em colaboração com

Florian Znaniecki, cinco volumes sobre The polisch Peasant in Europe and America (1918-20). A crença de que as grandes cidades provocavam um enfraquecimento dos laços inter-pessoais, um dos pontos que mais iria preocupar os seus sucessores, constitui uma das ideias base dos seus estudos. Este fenômeno de "desorganização social", era definido como "uma perca de influência das regras de comportamento socialmente estabelecidas sobre os indivíduos de um dado grupo" (cit. in Hannerz, 1980, 40). Enfraquecimento das normas sociais que para um determinado grupo estão estabelecidas e que, consequentemente, provocam um enfraquecimento dos laços solidários desse grupo. Que normas?

Se a cidade é o local por excelência da diversidade onde cada grupo encontra espaço para se afirmar e seguir as suas próprias normas (diria Park, mais tarde, na mesma linha de preocupações), cada grupo funcionará segundo vários níveis normativos. Assim, um determinado círculo social pode ignorar determinadas regras que exteriormente lhe são impostas e seguir, consensualmente, outras, criadas endogenamente por uma determinada prática social de conjunto. Referir, no abstracto, "enfraquecimento de regras" sem especificar quais, é confundir vários regimes normativos que podem coexistir numa mesma sociedade, embora contraditoriamente. Inversamente, se as regras às quais os elementos obedecem (ou não obedecem, mas aceitam) coincidem com as que são estipuladas, oficialmente, e se o termo desorganização se refere ao afastamento da organização

normativa (estatal), a referência é colocada nesta legislação como se fosse única, numa atitude claramente etnocêntrica (ignorando que outras "legislações" do foro oral co-existem e desempenham um papel importante na regularização das condutas sociais). É esta articulação entre dois níveis normativos, um global e outro particularizado em certas práticas sociais e com um certo grau de permanência, que interessa perceber, em vez de acentuar juízos de valor, que simplificam realidades sociais complexas.

Em síntese, o conceito de desorganização pode significar duas coisas:

a) afirmação da individualidade dos membros de grupos solidários, que se libertam do seu constrangimento normativo, sendo desorganização entendida em relação ao enfraquecimento do vínculo com o grupo de origem e permanecendo em aberto a nova relação estabelecida;

b) existência de um único universo de regras - oficializadas, por assim dizer - cuja influência se vai perdendo. Conteúdo moralizante do conceito, já que a tendência de sociabilidade é caracterizada por um vazio normativo, em oposição a um único ponto de referência.

Wirth e Park reflectem, embora de formas diferentes, orientações muito semelhantes, filiadas numa mesma linhagem de interesses.

Park, que sucedeu a Thomas na Universidade de Chicago (a partir de 1914 até 1933), concilia estudos etnográficos

com uma perspectiva macro-sociológica da cidade.(3) O seu artigo mais conhecido "The city", datado de 1916, constitui uma proposta sintetizada do que lhe parecia serem as linhas directrizes duma sociologia ou antropologia urbana(4). Partindo do princípio de que "a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, de sentimentos e de atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição" (Velho, 1979, 26) ele vai percorrer os vários enfoques possíveis da vida social urbana, desde a sua perspectiva ecológica e geográfica, económica, temperamental, de controle social até à definição do que ele conclui serem "regiões morais"(5) nas cidades. É esta possibilidade de conjuntos de pessoas diferentes criarem as suas próprias regiões de comportamento que constitui uma das características citadinas. Por isso, ele fomentou, entre os seus alunos, todo um conjunto de monografias, sobre alguns dos diversos micro-cosmos sociais de Chicago (hobo - tipo de vagabundo urbano -, bandos de adolescentes, ghettos, slums, dancings, só para citar os mais importantes). No entanto, estes mundos nunca foram abordados nas suas inter-relações, não dando importância ao facto de co-existirem num mesmo aglomerado urbano.

"O crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações directas, face a face, primárias, por relações indirectas, secundárias, nas associações de indivíduos na comunidade" (op. cit., 46) - Park caracteriza assim o tipo particular de

relacionamento social vivido nas cidades. Problemática que vai ser central quando, cerca de vinte anos mais tarde, Louis Wirth (1938) publica o que ficou célebre na história dos estudos urbanos, como umas das mais claras sistematizações "universais" da urbanidade: The urbanism as a way of life (1938).

Uma das preocupações centrais da ciência social foi tentar isolar as unidades mínimas de relacionamento social, os laços mais elementares que ligam os homens entre si e criam sociedade. Isolar as manifestações de sociabilidade implicava indentificá-las e classificá-las segundo uma hierarquia que, sendo lógica e histórica ao mesmo tempo, pretendia esclarecer, auxiliando-se da ideia de evolução social, os diferentes níveis de solidariedade entre os homens.

F. Tonnies (Gemeinschaft und Gesellschaft, 1887) colocou a vontade no centro de explicação das duas grandes formas de vida social: comunidade e associação (Gemeinschaft/Gesellschaft). A primeira, ligava-se a uma vontade natural, movida pela paixão, a fé, o desejo; a segunda prendia-se com uma vontade racional e instrumental. Se nas relações comunitárias a base era o afecto e a sua personalização, constituindo estas relações um fim em si mesmas, nas relações associativas, que dominariam progressivamente as sociedades contemporâneas, era o seu carácter racional e impessoal que as caracterizava, como mediação para atingir determinados fins. Contemporaneamente

a Tonnies, Durkheim (La division du travail social, 1893) elaborou idênticas concepções dicotómicas sobre a natureza das relações que unem os indivíduos: a uma solidariedade mecânica corresponderia, no polo oposto, uma solidariedade orgânica; uma baseava-se na semelhança entre os seus elementos e na coincidência destes com a consciência colectiva, a outra na diferenciação individual, cada vez mais emancipada da consciência colectiva.

Quando Wirth define como traços característicos do modo de vida urbano a "substituição de contactos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social" (Velho, 1979, 109) está a aplicar (tal como fizera Park) o conceito de gesellschaft ou solidariedade orgânica a uma determinada forma social e a fazer a vida urbana coincidir com ela. E é esta coincidência entre o que antes deveria ser uma ferramenta analítica com um uso restrito - destacar um certo nível de relações sociais - e a sua identificação a um tipo de sociedade, que torna especulativa e até, etnocêntrica, esta classificação de urbanidade (baseada em observação de cidades americanas dos anos 20/30, reflectindo um conhecimento parcial, de acordo com a experiência pessoal dos investigadores universitários situados num determinado meio social).

De forma idêntica, R. Redfield vai elaborar na sua obra, ao longo dum trabalho de campo iniciado em

Tepoztlan, entre os anos 20 e os anos 50, o seu modelo de sociedade tradicional por oposição ao de sociedade urbana e estudar as influências da segunda sobre a primeira. Esta construção imaginária possuiria as características invertidas da vida urbana: fechada sobre si própria, auto-suficiente, com fraca mobilidade, proximidade entre os seus membros, forte sentimento de pertença comum, comunicação oral, divisão do trabalho apenas sexual, parentesco a definir as relações sociais...

Foram assim construídos dois paradigmas de dois tipos de sociedade entendidas em oposição, que têm sido usados, um mais pelos sociólogos preocupados com o estudo das transformações das sociedades industriais e urbanizadas, o outro pela antropologia social, a incidir preferencialmente em sociedades de pequenas dimensões, mais simples e mais ajustadas à própria tradição teórico-metodológica desta disciplina.

Oscar Lewis, nos anos 50/60 põe em causa esta visão partida entre um modo de vida de campo e de cidade. A sua crítica incide na abordagem que, com o objectivo de isolar o que é típico (cidadão típico⁽⁶⁾ ou camponês típico) numa generalização apressada, esquece o rigor da prova empírica e se afasta da vida real, quer dos bairros urbanos, quer das aldeias. A observação da vida dos bairros pobres da cidade do México, as vecindades levara-o a concluir que, nem os laços se tornavam impessoais, nem as relações de parentesco se perdiam, havendo antes uma

reafirmação de tudo isto e a ausência de qualquer transformação em direcção ao denominado modo de vida urbano típico. A diversidade nas cidades passava, também, pela manutenção e mesmo fortalecimento de traços que, nos modelos criados por Wirth e Redfield, caíam fora dele. Não se pode, portanto, generalizar uma distinção entre sociedade rural/sociedade urbana, quando a própria diversidade das cidades se impõe, cada uma com as suas próprias particularidades decorrentes de histórias diferentes; e muito menos analisar a vida social como se se tratasse de um processo geral, de massa(7).

Razões pelas quais os dois tipos de solidariedade que estão na base desta distinção entre sociedade tradicional e sociedade urbana apenas devem ser entendidos como dois aspectos extremados e idealizados das relações sociais de qualquer grupo e usados como modelos expressivos, que facilitem a análise das diferentes manifestações de sociabilidade. Só desta forma, transformando esta dicotomia num continuum onde se situam os modos de vida reais é que faz sentido re-abordar a tradição de estudos sobre esta oposição. Tema que, desde que os homens reflectem sobre a sua história social, sempre tem estado na ordem do dia e muito particularmente numa época em que o comentário social se centra na interrogação: o que caracteriza, finalmente, a urbanidade?

Ainda na mesma linhagem de interesses, produto do pensamento social da Europa oitocentista, sobre a qualidade

das relações (parece hoje mais correcto abordar as relações inter-pessoais de acordo com uma escala gradativa que melhor situe as várias intensidades por elas assumidas), decorre do que já foi dito a oposição entre grupos primários e grupos secundários. Esta classificação, de C. Cooley (Social Organization. A Study of the larger mind, New York, 1909), reflecte uma orientação marcadamente americana, virada para as micro-realidades sociais, contrariamente ao objecto da análise social europeia da altura. Os grupos primários, caracterizados por incorporarem relações íntimas e directas (face-to-face), de forte solidariedade e unidade afectiva, estariam condenados a desaparecer dando lugar aos grupos secundários, baseados em ligações impessoais e rationalizadas segundo determinados interesses.

Como todas as tipologias simplificadoras de realidades dificilmente definíveis, tal classificação apenas deve servir para orientar as possíveis problematizações da realidade social. As fronteiras entre relações íntimas e relações distantes são geralmente difusas e a separação entre relações afectivas que se bastam a si próprias (immediatas), e relações com uma determinada finalidade (mediatizadas por um objectivo a atingir), parece ser, em certos casos, difícil de estabelecer. A actividade de jogo é um bom exemplo: as pessoas juntam-se com a finalidade de jogar (portanto associam-se por um interesse em comum - o jogo -), ou jogam como pretexto de estarem juntas? O que interessa, é esta simultaneidade onde o jogo constitui a

actividade em torno da qual determinada relação social se enraiza (amizade, companheirismo, etc.). A classificação dessa relação, como primária ou secundária, parece ser irrelevante, apesar de se reconhecer que, dada a proximidade que ela estabelece entre os indivíduos, e ainda pelo facto de ser pessoalizada, se aproxima do primeiro tipo classificado.

No entanto, estes grupos primários não constituem por si só miniaturas dos sistemas sociais, e não possuem autonomia em relação aos conjuntos mais amplos onde permanentemente têm de ser enquadrados. Como diz Gurvitch (1979) "as manifestações de sociabilidade são fenómenos sociais totais que contêm, pelo menos virtualmente, todos os níveis de profundidade, embora não-estruturáveis" (147) - por isso devem ser tratados com o conceito de quadros sociais e não de estruturas sociais.

Um estudo micro-sociológico sobre as manifestações de sociabilidades, estabelecidas no tempo livre - no tempo vazio libertado pela industrialização que transformou o trabalho numa categoria à parte - deverá isolar alguns dos elementos mínimos de solidariedade entre as pessoas, a partir da decomposição duma realidade demasiado complexa e ampla como é a urbana. O seu ponto de interesse será colocado nas relações tradicionalmente classificadas como primárias, essencialmente morais, que se estabelecem através dum processo de identificação com um determinado papel social, destacado da pluralidade de papéis sociais

compartimentados em actividades diferenciadas - trabalho, família, religião, etc.

Numa sociedade em que o trabalho é alienado, onde o seu objectivo é produzir valores de troca, e a relação que une o indivíduo ao que produz é uma relação de alienação⁽⁸⁾ (e não de identificação, como noutras sociedades), é na actividade oposta ao trabalho - o lazer - que essa relação de identificação é procurada. Por isso, as actividades de tempo livre não só constituem um domínio preferencial na sociedade industrial, como também são dinamizadoras de relações sociais, que permitem a percepção de diferentes modelos de comportamento coexistentes na diversidade urbana.

Desta forma, e porque o relacionamento social não se produz apenas em torno do trabalho, uma abordagem do tempo livre vivido sociabilizadamente - e muito especialmente essa forma de comportamento social que é a actividade lúdica - permite ultrapassar a crença de que as relações secundárias, urbanas mediatizadas por grupos e associações se opõem às relações primárias, face-to-face, imediatas, eminentemente rurais. (Ferreira, 1970, 132).

I.3. Do trabalho e do tempo livre

A noção de tempo faz parte da experiência humana e todas as sociedades inventaram formas de a socializar, implicitamente ou, como categoria à parte, explicitada.

Durkheim (1912) ao estabelecer claramente que as categorias aristotélicas do tempo, espaço, força, número, etc., são constructos sociais, postulava a relatividade social destas noções e desta forma contrariava idealistas e empiristas que se disputavam sobre a imanência ou aprendizagem de tais noções. A interpretação feita, mais tarde, por Evans-Pritchard (1940) da noção de tempo e espaço entre os Nuer do Sudão, continua a ser um clássico de sociologia do conhecimento, que confirma a ideia durkheimiana. Para este povo pastor o tempo é de tal forma inseparável das actividades quotidianas relacionadas com o gado e com a dicotomia sazonal chuva/seca, que não existe como categoria abstracta. São os ritmos de vida social e ecológica que criam as diferentes referências na sequência e duração temporal e não o contrário. O ciclo cósmico e humano, conceptualizado na linguagem de vida social Nuer, é o que fornece o sistema de medida temporal.

Nas actuais sociedades urbanizadas, o tempo é destacado dos seus ciclos naturais e é "coisificado". A sua medida deixa de tomar como pontos de referência as diferentes estações, as luas, o percurso do sol no horizonte ou as etapas de uma vida humana e passa a ser uma unidade à parte que contém em si própria os seus limites e balizas.

Esta mudança relaciona-se com o desenvolvimento dum sistema industrial, com as suas inovações tecnológicas e com o aparecimento da escrita, que tornou possível registrar

o tempo longo e criar um passado autónomo em relação ao presente vivo. A divulgação da circulação da moeda que permeia todas as relações entre as pessoas (Simmel, 1902) e "o uso dos relógios, que se expandiram nos séculos XIII e XIV, (indicando) que a duração do trabalho não era apenas regrada pela claridade do dia ou pelos sintomas de fadiga" (Mumford, 1964, 525) espalharam uma nova noção do tempo. Novas urgências de rigor na sua medida destacaram do seu contexto de experiência humana e inventaram uma métrica toda poderosa que submetesse os ciclos astrais e as exigências do corpo humano a um regime igualitário de horas, minutos e segundos. De tal forma que a própria separação natural entre o dia e a noite foi anulada pela introdução da medida de percurso linear de 0 a 24 horas. Distinção que em todos os povos é respeitada, duma forma ou de outra(9) e nunca equalizada, de modo a anular a própria oposição luz/sombra. Nas cidades é particularmente marcante a negação da noite como período de sono e repouso - paragem da vida social. A dicotomia passa a referir-se ao regime laboral e sua libertação, cuidadosamente separados ao longo de 24 horas.

Ligada a esta bi-polarização de actividades urbanas entre o tempo obrigatório de trabalho e o seu tempo livre, está essa invenção não cósmica, exclusivamente social: a semana. É ela que introduz a ruptura entre o trabalho e o repouso segundo um ritmo que parece servir, ao mesmo tempo, as necessidades económico-sociais e as individuais.

As cidades são, por excelência, os sítios da especialização e da compartimentação, da "coisificação" do tempo e do espaço de acordo com os domínios de actividade, e respectivas práticas. "(...) Os calendários, as medidas de distância, adquirem um sentido novo com a aparição da cidade como fulcro do universo: a representação simbólica do mundo é, a este nível, semelhante em todas as sociedades que ultrapassam o limiar da escrita: a fundação da cidade-capital, lugar em que se encontram os pontos cardinais que dividem o mundo, determina um código de correspondências que integra toda a criação na sua rede. A inserção espaço-temporal estabiliza-se porque tudo pode ser fixado, anotado" (Barthes, 1987, 39). Já Simmel (1902), colocava a pontualidade, a calculabilidade, a exactidão, como pontos de ligação entre uma economia monetária e o quotidiano urbano individual.

É esta métrica dum chronos partido e segmentado arbitrariamente que torna o lazer, no seu sentido lato, uma actividade isolada, projectada em determinados espaços, também eles separados de outros espaços com finalidades e conteúdos diferentes.

Com a revolução industrial nasce a sociedade do trabalho. A relação de trabalho deixa de ser um "aluguer" ou um mero contrato entre duas partes e passa a constituir o emprego quotidiano e efectivo numa empresa(10), sujeito a, e provocando novas regras de vida social. O termo adquire um novo significado: é trabalho tudo aquilo que se

faz para produzir o útil. Torna-se numa actividade limitada no tempo e no espaço, deixa de haver uma relação de identificação entre o indivíduo e aquilo que ele faz. A finalidade da produção deixa de ser a criação de valores de uso, o que interessa é criar valores de troca (Schwimmer, 1980).

Nem sempre foi assim e ainda existem sociedades tecnologicamente menos evoluídas que as nossas, em que a economia produz valores de uso e onde a conceptualização de trabalho não existe no nível de abstracção, absolutilizado, mas sim em articulação com diversos níveis da realidade. É o caso dos Orokaiva do Norte da Nova Guiné, estudados por E. Schwimmer, que não possuem um termo genérico que designe ao mesmo tempo jardinagem, construção de casas, caça ou o fabrico de tambores e cujo valor do que produzem é determinado pelas estruturas de troca⁽¹¹⁾ (dependendo das relações entre quem dá e quem recebe). Por isso, o económico, o político e o parentesco não constituem categorias distintas, já que são as redes de aliança que determinam a circulação dos produtos.

Também a noção de tempo entre este povo como entre outros não é quantificado nem repartido segundo medidas absolutas, mas sim conceptualizado no seu ciclo natural, funcionando como princípio regulador das diferentes actividades: o tempo de caça, tempo de pesca, das sementeiras e da colheita, da guerra, das festas, como se existisse uma simbiose, uma coincidência entre o trabalho, os restantes domínios de actividade social e os processos

naturais (cósmicos e humanos).

Diverso do que se passa entre as sociedades urbanizadas do ocidente, onde a realidade é partida nas várias categorias do político, da moral, da religião, da ciência, da economia. A sobrevalorização desta última condensa-se numa ideologia económica que a justifica como peça fundamental na vida das sociedades. Forma-se uma nova moral. Os valores passam a girar em torno desta actividade destacada de todas as outras, os indivíduos passam a ser avaliados em relação à posição que ocupam no ciclo produção/consumo. Ou se produz - e trabalha-se - ou se está no desemprego ou então, recupera-se, num escasso tempo livre(12), para a próxima jornada.

É assim que surge o domínio diferenciado dos "lazeres". A um tempo de trabalho corresponde um tempo de não-trabalho. Toda a vida se regulamenta com horários, reproduzindo o que se passa nos empregos. E o lazer encaixa-se entre dois tempos, entalado entre a hora de saída e a hora de entrada no trabalho obrigatório e torna-se, por isso, uma actividade também apressada, rentabilizada, necessária. E vai-se valorizando, como sendo "a actividade" por excelênciia, justificando até o próprio re-investimento no trabalho: "the things he now wants costs money, money costs work, work costs time..." (in Dumazedier, 1963, 44).

Sebastian de Grazia, um dos primeiros estudosos deste fenômeno escreve: "Trabalho é o antônimo de tempo livre, e

este não é o lazer. Lazer e tempo livre vivem em dois mundos diferentes (...) Qualquer um tem tempo livre. Nem todos têm lazer. O lazer refere-se a um estado de ser", (cit. in Kaplan, 1975, 27), uma "aptitude à la sagesse", acrescenta Dumazedier (op. cit., 43-44). Tal é a visão clássica do lazer, de certa forma retomada pela sociologia do lazer. A tentativa para o tornar numa categoria conceptualmente clara esbarra com algumas dificuldades e não o retira do terreno da ambiguidade: é um tempo? uma actividade? um estado? ou será o cruzamento destas três vertentes?

Genericamente pode-se dizer que a concepção de lazer implica uma actividade voluntária, aprazível, tanto na sua expectativa como na sua execução, com possibilidades criativas, constituindo-se como a antítese do trabalho. Para Dumazedier, o lazer é uma actividade que se situa fora da obrigação do trabalho, da família e da sociedade e tem três funções (psicosociológicas): libertação de fadiga do trabalho (relaxamento, repouso); libertação do tédio (diversão) e desenvolvimento da personalidade (Dumazedier, 1962). Deste modo, o lazer concilia características negativas do ponto de vista social (porque "liberta das obrigações institucionais presentes pelas formas básicas de organização social", tem um carácter desinteressado e não utilitário) com outras positivas (contribui para um estado de satisfação pessoal e permite que potencialidades humanas se realizem "defendendo a integridade da personalidade dos ataques da sociedade urbana industrial" (Dumazedier, 1968).

A quem prenteda construir uma perspectiva social e cultural do jogo, (formalmente incluído no lazer, apesar de, em termos práticos, se encontrar excluído) estas definições colocam alguns problemas, que se podem sistematizar da seguinte forma:

1. Lazer com elevado grau de socialização.

Certas actividades de lazer, como por exemplo o jogo de cartas praticado por grupos de homens no seio de associações de bairro, podem desempenhar determinadas funções sociais, nomeadamente de socialização e de controle social. É o que Dumazedier (1966) designa por interesses sociais, ao isolar um conjunto de interesses que são mais determinados e dominados pelas relações inter-pessoais, do que pela natureza das actividades (243-289). Quando se vai ao café para se estar com, conversar e jogar, mais do que para ingerir um café ou uma cerveja, a finalidade desta actividade situa-se no próprio valor da sociabilidade, do convívio.

Estas actividades sociais espontâneas nascem em torno do jogo, do copo de vinho, dos bailes, e produzem grupos de solidariedade que através destas práticas lúdicas criam e fortificam os seus laços grupais, podendo ser extensíveis a outros grupos e outras associações. Neste caso, o lazer é uma actividade fora do trabalho e da família, mas não fora da sociedade, já que promove a criação de relações sociais (ou é promovido por elas?), responde a determinadas necessidades sociais (amizade, reconhecimento, afirmação de

prestígio), e implica certas obrigações sociais (reciprocidade, nomeadamente).

2. A relação complexa entre trabalho e lazer.

O fenómeno de "dupla vida" das modernas sociedades implica que o lazer não possa ser analisado per se. A questão não se põe apenas na linha de demarcação entre os dois tempos de actividades, por vezes difícil de definir - caso da leitura ou da escrita em certos trabalhos intelectuais -, mas na própria relação que eles estabelecem um com o outro. A partir das influências do trabalho, Parker (1976) esboça três tipos de lazer: os que têm uma relação de extensão (identity), distinguindo-se dificilmente do trabalho, relação de neutralidade (neutrality), quando aparentemente não interferem um com o outro e uma relação de oposição (opposition), quando se separam radicalmente. Neste último caso, o lazer é intencionalmente não relacionado com o trabalho. Um assalariado com uma ocupação rotineira e repetitiva procurará a sua descontração numa actividade de tempo livre que o mantenha ocupado sem lhe lembrar o trabalho, mas que, simultaneamente, apresente uma certa continuidade com ele e não o obrigue a mudar essencialmente de atitude. Esta relação de dupla determinação sociopsicológica é mais característica das classes laboriosas com um baixo estatuto, com um estilo de vida idêntico ao dos operários da sociedade oitocentista, tal como Marx e Engels a

descrevem (cf. Wilensky, H. L., 1960, in Rapoport, 1974, 222).

Por outro lado, os valores duma sociedade do trabalho são gerais, e a sua moral relaciona-se, forçosamente, com os lazeres. Por isso, este domínio tem de, permanentemente, ser contextualizado não só em relação ao domínio que lhe é correlato, o do trabalho, como também em relação, a outras esferas da vida social. Uma questão interessante é tentar perceber qual a articulação existente entre categorias socio-profissionais e ocupacionais, e os seus lazeres. Embora os valores do lazer não sejam os do trabalho, como escreve R. Sue (1980), não os podendo fazer coincidir e determinar completamente os primeiros pelos segundos, também não me parece existir uma "liberdade de escolha" e um "desejo de individualização no lazer" tão generalizados como Sue faz pensar. Se bem que essa opção dependa consideravelmente dos "estilos de vida particulares", estes modos de vida diversificados correlacionam-se demasiado com a própria estratificação social, para subestimar o seu condicionamento.

3. As finalidades do lazer.

Uma das funções do moderno lazer é, como já foi referido, o "engrandecimento pessoal" (Kaplan, 1975), o "enriquecimento da personalidade" (Dumazedier, 1968); mais do que um comportamento ele é um conjunto de atitudes (Anderson, 1959). O lazer pode integrar o jogo (play)⁽¹³⁾, no entanto é diferente: mais do que divertimento e repouso,

ele é o bom uso do tempo livre, uma ocupação qualitativamente superior a encher o ócio. A capacidade de se gozar a inutilidade, a ocupação aprazível do tempo livre, sem outra finalidade para além desse prazer, essa capacidade para o sentido do jogo (play) não é, só por si, lazer. Este implica uma atitude moral, um enriquecimento na qualidade de vida, um saber aproveitar os recursos duma sociedade de consumo, uma certa "maturidade cultural" (Toynbee, 1955 in Anderson, 1959).

Se se introduzir um novo termo - recreação - entendido como um uso construtivo do lazer, um exercício de criatividade com uma certa finalidade, um desejo de promoção cultural, conclui-se que existe uma diferença muito ténue no significado destes dois conceitos. Recreação é uma espécie de "lazer ainda mais ético", a transformação da capacidade de play em algo construtivo. Neste caso o conceito de lazer é definido por referência a um ideal ético de actividade. Como definir esse padrão perante a diversidade de lazeres existentes correspondentes a uma diversidade socio-cultural?

Finalmente, o conceito de lazer é uma noção abrangente de diferentes situações, e por isso demasiado ambígua(14).

Este conceito foi elaborado e aperfeiçoado pela chamada "sociologia do lazer", iniciada com uma análise dos diferentes ócios da burguesia - publicada nos E.U.A. em 1899 - The theory of the leisure class, de Thorstein Veblen - posteriormente estendeu-se à Europa, com

as obras de Friedman e Dumazedier, entre outros. Mais uma vez parece existir uma certa confusão entre o conceito e o que a ele se refere, por outras palavras, entre a noção de lazer como fenômeno e o lazer como campo de estudo (Rapoport, 1974). A ambiguidade referida nasce da tentativa em se fazer coincidir estas duas dimensões que, obviamente, não têm uma correspondência linear. Por outro lado, esta linha de estudos de lazer tem-se orientado demasiado numa perspectiva pragmática, com o objectivo explícito de iluminar as saídas duma sociedade que se diz do lazer, e tem centrado as suas atenções preferencialmente nos lazeres de massa. Os outros lazeres, aqueles que se processam em pequenos grupos de vizinhança, de bairro, de locais povoados por habitantes aqueles que se constituem como núcleo duma sociabilidade urbana de certas camadas populares, como é o caso dos vários jogos(15) - cartas, dominó, damas, bilhar, etc. - continua esquecido.

I.4. Jogo, realidade, cultura

No princípio deste século acreditava-se que o desenvolvimento social da humanidade e, na sua forma mais acabada, a vida social das cidades implicava uma progressiva distanciação entre os indivíduos. À medida que os grupos crescem, as relações ficariam mais frouxas e menos constrangedoras. A concentração populacional que se começava a verificar nas cidades, onde as pessoas se

acumulavam numa proximidade física cada vez mais apertada e promíscua, corresponderia uma distância social, uma solidão, um alheamento cada vez mais generalizado - e os pequenos mundos encravados, que ainda reproduziam uma certa vida tradicional, tenderiam a ser assimilados pelos tentáculos das grandes metrópoles (Simmel, 1902).

Estas generalizações, que atingiram o seu extremo de elaboração entre os representantes da escola de Chicago (cf. I.2.), baseavam-se na observação sobre esta cidade e numa formação intelectual enraizada num dos principais temas de discussão da sociologia europeia. Tentando identificar os laços que unem os homens em sociedade, esta sociologia procurava criar as noções basilares sobre as quais se pudesse erigir uma ciência social de aspirações científicas, procurando as formas elementares da vida social.

As práticas de jogo em contexto urbano - excluem-se os chamados jogos de azar do tipo dos totobolas, bingos, lotarias, etc. - parecem contrariar esta ideia. Elas são polarizadoras de sociabilidade baseadas na afinidade, na vizinhança e no reconhecimento pessoal dos seus participantes. Muitas vezes, estão associadas a relações de amizade, de camaradagem, não se restringindo exclusivamente à actividade lúdica. Os grupos espontâneos que em torno dela se formam, frequentemente ultrapassam os limites desta actividade e vivem em conjunto outras situações de lazer: passeios, organização de refeições colectivas, deslocação a outros locais de jogo e, até, promoção de relações com

outros grupos semelhantes. Por vezes, formam-se verdadeiras redes de relacionamento, mais extensas que as de vizinhança, baseadas na actividade do jogo. Quase como se estes grupos primários escolhessem o jogo como uma forma de se manterem vivos na sociedade contemporânea...

O fenómeno do jogo, como actividade que produz relações solidárias entre os homens constitui-se como pólo de manifestações de sociabilidade. É um fenómeno de grupo, um facto de organização social e não de desorganização social, como é claramente afirmado por Crespi (1956) na conclusão dum estudo de caso sobre jogo de cartas feito numa pequena comunidade industrializada e urbanizada do Estado de N. York. Segundo este autor, "a grande maioria dos jogadores de cartas, contrariando as falsas noções populares, jogam porque descobriram que é uma forma agradável de estar junto com os amigos e familiares e que acaba por reforçar os laços de grupo" (721), acrescentando que os amigos parecem incapazes de procurar tais relações sem o estímulo artificial da competição dos grupos de jogo.

Em Lisboa, os jogos escolhem vários palcos de existência: jardins, cafés, casas-de-jogo, tabernas, vãos de escada, e também, associações populares de recreio, inicialmente construídas com a finalidade dita de elevar as actividades de tempo livre dos trabalhadores e que acabaram por integrar o jogo, nas suas diferentes práticas e reconhecê-lo como o verdadeiro fomentador de reunião (16).

Estas associações vivem assim um paradoxo: permitem e

colaboram na formação de grupos informais em torno dos jogos, quando o objectivo inicial da sua formalização como instituição de lazer recreativo, se relaciona com a dinamização de um outro tipo de actividades, mais dignificantes e menos conotadas com a degenerescência moral que o senso comum crê que o jogo provoca.

É neste espaço associativo que o tema central deste trabalho se vai desenrolar, nas relações que aí se estabelecem, na vivência interna em torno das práticas lúdicas que servem de suporte (ou não) a uma imagem social duma associação bairrista que ostenta o seu símbolo identitário em relação a um determinado espaço social circunscrito. Estas associações formam-se com base em objectivos morais claros e pretendem combater a "anomia" da sociedade, estabelecendo uma ligação entre o homem isolado e a restante sociedade, através da promoção de formas intermédias de sociabilidade (teatro, música, cinema, leitura). No entanto, a prática que sobrevive no seu interior é a mesma que sempre existiu noutras locais de reunião. Centra-se na actividade de jogo e forma como que uma espécie de relações fraternas por vezes confundidas, na linguagem sociológica, com o conceito de comunitário, como se os indivíduos se integrassem nestes grupos formalizados segundo determinados interesses e objectivos (grupos secundários) para poderem manter grupos primários de relações pessoalizadas.

Parece haver uma forma generalizada de vida social que, longe de desaparecer, antes se reafirma numa adaptação

a novos espaços. Os locais que enquadram essas manifestações de sociabilidade vão mudando, os ideais que as classificam como típica duma determinada sociedade também se vão transformando, mas a prática permanece sempre inalterável perante os discursos moralizantes que a rodeiam. É em torno do jogo, essa actividade gratuita e inútil, condenada e desvalorizada numa sociedade centrada no valor supremo do trabalho e do utilitário, é em torno da competição e da rivalidade criada artificialmente pelo jogo, que essa sociabilidade se reproduz.

As raízes dessa permanência só se podem situar na sociedade global, nas suas práticas que, independentemente dos ideais manifestos e verbalizados, dão um outro significado às condutas quer individuais, quer colectivas.

Tal como não se pode falar do lazer como um domínio da vida social separado dos outros domínios, (particularmente do trabalho que pertence a uma mesma ordem de valores), também em antropologia, não se pode colocar as actividades lúdicas num mundo imaginário e criativo, por oposição a uma realidade cinzenta e rotineira. A realidade é parte activa na imaginação, que, por sua vez, possui raízes sólidas no real, não sendo possível, por isso, estabelecer uma separação nítida entre estes dois fluxos.

Se não se pode resistir à tentação de fazer uma geografia social e cultural, com o objectivo de isolar os sítios onde se localiza cada comportamento humano, se somos

movidos pela ansiedade de saber onde está o jogo e qual o seu locus e as suas raízes, temos de reconhecer que:

a) estabelecer uma dicotomia entre a realidade exterior seria e a realidade interior ao próprio jogo (Caillois: jogo como irrealidade, segunda realidade em relação à vida quotidiana) é construir um real clivado entre um dentro e um fora. Afirmar que o jogo é "uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, produzida em limites especiais de tempo e lugar" (Caillois, 1958, 37) é levar a ilusão criada pelo jogo mais longe do que o próprio jogo a leva. É negar a própria contextualização do processo lúdico e é separar duas realidades que são uma. A "totalidade fechada" com os seus "símbolos, figuras e instrumentos próprios", que para o autor referido constitui o jogo, não se encontra a pairar entre uma realidade exterior e um qualquer sentimento sagrado que se auto-promove. Nasce, transforma-se e reproduz-se num espaço e tempo social e mantém com eles uma relação dialéctica, aceitando-os permitindo-os ou recusando-os e transformando-os. O facto de separar em dois fluxos este processo de comunicação que é o jogo, constitui uma clivagem inexistente na realidade social. O jogo não pode ser separado da vida real, como o lazer não pode ser do trabalho, a imaginação da realidade, a vida psíquica da colectiva. A classificação que Caillois faz de vários tipos de jogo - competição (agon), azar (alea), simulacro (mimicry) e vertigem (ilinx) - pressupõe esta oposição. Nos dois primeiros, haveria uma evasão do mundo e

a criação dum micro-cosmos igualitário de disciplina e perseverança, de responsabilização onde o mérito pessoal vence (agon) ou de a demissão absoluta da vontade onde o acaso decide (alea); nos dois últimos, o sujeito imporia uma transformação a si próprio, simulando-se, (mimicry) ou provocariam uma nova intensidade, perturbando-se (ilinx). No entanto, esta tipologia introduz uma relação com o real que, apesar de não ser mais aprofundada, é sugestiva das diversas formas que o jogo pode assumir na sua ligação e transformação dum exterior envolvente.

b) entender o jogo como re-construção do mundo é negar a sua própria colaboração nessa construção; é negar que a realidade é a "interpretação da realidade" (o jogo não existe fora deste processo, é antes uma das formas dessa realidade interiorizada); e é pressupor que a realidade pré-existe em relação a um jogo que se limitaria a criar uma ordem "a efectuar na imperfeição do mundo e na confusão da vida uma perfeição temporária e limitada" (Huizinga, 1951, 30). A realidade é um facto cultural e social e o jogo faz parte indissociável deste constructo - e, no entanto, este autor (Huizinga) estipula que o "jogo e a competição desempenham uma função criadora de cultura" (op. cit., cap. III) e que "competição e representação precedem a cultura" (87).

Falar de realidade como um locus exterior à experiência é supor que existe uma linha de separação entre um mundo objectivo e um mundo subjectivo. De facto, podemos

falar nestas duas dimensões conceptualmente separadas - como os psicólogos referem a realidade psíquica e a realidade exterior - mas não podemos colocar o nosso centro de atenção em nenhum desses domínios. Só com a conceptualização duma terceira dimensão - a experiência humana -, a área intermédia entre o subjectivo e o objectivo, é possível localizar os factos sociais e culturais, num espaço potencial entre o indivíduo e o seu meio envolvente, onde se situa a experiência cultural, onde se situa o jogo(17). Jogo que existe num contexto global, mesmo se circunscrito a uma determinada actividade ilusoriamente separada.

Assim, a abordagem de qualquer jogo, deve incluir duas vertentes na sua análise: uma, interna ao próprio jogo, o seu conteúdo, os seus valores centrais, os objectos e sinais utilizados, o seu tempo e seu espaço como se se tratasse de um micro-cosmos social; outra, a contextualização social do jogo e dos seus participantes, as relações que se estabelecem para além dele, os tempos e os espaços que o permitem, contra o que ele existe, enfim, a sua raiz social. Claro que estas duas vertentes se acabarão por cruzar na própria prática do jogo, na reunião que ele promove, na rivalidade, na iniciação e no espectáculo.

I.5. O problema

Esta investigação centra-se na análise da prática social do jogo como actividade recorrente de ocupação de tempo livre em certos bairros da cidade de Lisboa. Actividade que se constitui como um núcleo agregador, em torno do qual se formam grupos espontâneos, cujos membros mantêm relações directas e pessoais (face-to-face) desenvolvendo, em certos casos, relações de associação e cooperação, solidariedade e um sentimento de unidade em relação ao exterior (cf. cap. V).

Esta pesquisa situa-se no plano micro-sociológico de observação das relações inter-pessoais desses grupos, devidamente contextualizados em relação à sua situação global de vida, com um enfoque especial num determinado jogo-ritual - o jogo da laranjinha - por razões que mais adiante serão referidas.

A questão geral que me orientou foi: que relação existe entre o jogo como actividade preferencial de tempo livre duma certa camada social urbana e a sociedade global? Qual a ligação entre o jogo, como processo social específico e o social, como processo geral?

Após uma primeira abordagem do problema, construí a hipótese de trabalho de que o jogo, tal como é vivido nos diversos locais de Lisboa, a nível de bairro (tabernas, cafés, jardins, associações populares), é uma actividade de tempo livre que cria e mantém relações sociais estruturadas

em torno de dois valores centrais na sociedade ocidental: solidariedade e competição/rivalidade. Se por um lado se formam grupos primários de relacionamento pessoalizado, que integram social e afectivamente o indivíduo e o levam a fortificar os laços grupais, permitindo-lhe um certo grau de reconhecimento social, por outro lado, é através do estímulo artificial da competição lúdica que toda a dinâmica de grupo se processa. Ou seja: o jogo tem ligações definidas com a realidade, e numa sociedade onde existe uma clivagem social entre o trabalho e o lazer, surgindo este último como um domínio preferencial de actividade, é na implicação recíproca trabalho/jogo que se deverá situar a análise. Lazer pressupõe trabalho e ambos se inter-relacionam. É neste contexto globalizante que faz sentido falar de solidariedade, valor que até agora tem sido relacionado com o mundo do trabalho e que, sob determinadas condições surge no domínio do lazer. Será esta uma das orientações da presente investigação, saber se a um trabalho solitário corresponderá um lazer solidário. Por razões idênticas surge o valor da competição masculina, como eixo de rotação do processo lúdico, uma rivalidade encenada e exibida publicamente como forma de afirmação individual numa sociedade onde o ganhar se define pela derrota de outro, de acordo com normas competitivas das formas reprodutivas capitalistas da sociedade.

Este facto parece estabelecer a continuidade entre o social como processo geral e o jogo como processo social específico. A actividade lúdica reproduz o contexto mais

amplo da sociedade onde se insere, excepto numa coisa: no jogo, todos são iguais à partida. Foi isto que me levou a debruçar com particular atenção sobre o elemento criativo inerente a esta prática, a analisar o próprio processo simbólico do jogo como interpretação do mundo através duma organização de elementos a ele pertencentes. Foi esta uma das razões da escolha do jogo da laranjinha como unidade de estudo preferencial, pela sua riqueza simbólica e também pelo seu carácter de ritual (repetição, manipulação de objectos, gestualidade), que o distingue nitidamente de outras formas lúdicas mais normalmente integradas e (re)conhecidas na moderna sociedade urbana.

As diversas situações de jogo - cartas, dominó, laranjinha, - cada vez menos se processam em cafés e tabernas e têm-se progressivamente deslocado para colectividades de cariz bairrista, grupos formalizados, de sociabilidades com determinados objectivos culturais de recreio. Surge, assim, uma nova questão relacionada com a articulação entre estas associações institucionalizadas, idealmente promotoras de uma determinada sociabilidade de bairro, e os grupos informais, que espontaneamente se geram no seu interior em torno de práticas lúdicas. Como se explica esta continuidade do jogo no interior de associações que o excluem dos seus objectivos éticos de recreio?

O facto do jogo ser estudado neste espaço associativo permite apreender uma contradição que, longe de ser apenas dos valores do associativismo popular, (da forma como

foram levados à prática através da criação de grémios, cooperativas, centros escolares, sociedades musicais, pela élite republicana preocupada com a educação popular - cf. cap. IV.2.) reflecte uma atitude muito mais geral e abrangente dos valores dominantes duma sociedade orientada pelo sentido do utilitário, do instrumental, na ocupação do tempo. O recreio, o lazer moralmente regenerador deverá ter a sua justificação no trabalho, e no engrandecimento espiritual ("cultural"). Existe, neste modo, uma função manifestada publicamente em relação ao exterior destas agremiações que não coincide com a sua função latente, real, de sutentáculo duma prática de ocupação de tempo livre, não instrumental, não utilitário e cuja única finalidade é o prazer que suscita.

O jogo escolhido como ponto de partida da análise, foi o jogo da laranjinha. Pelo seu contexto de produção histórico, pela exuberância de atitudes corporais e gestuais que manifesta, pelo seu carácter ritualizado, ele é a actividade lúdica mais distante dos valores recreativos do poder associativo e por isso a mais condenada. Ele é, potencialmente, o indicador mais expressivo das contradições existentes entre as práticas de lazer e os seus respectivos ideais normativos e, mais do que isso, a prática sobrevivente duma gestualidade desvalorizada numa sociedade onde a verbalidade (e a grafia, como seu prolongamento) é dominante; e um sinal de como a prática de uma actividade considerada degenerativa e moralmente

degradante (o jogo e, no seu polo mais extremado um jogo essencialmente gestual) sobrevive para além dos valores éticos, porque gera sociedade, cria solidariedade pela afirmação competitiva da individualidade masculina.

Desta forma, esta contradição remete-nos para a própria sociedade que tenta conciliar valores éticos com práticas clivadas desses valores mas que, precisamente por serem práticas enraizadas num determinado contexto social, onde são produzidas e reproduzidas, se mantêm e perduram no tempo. Porque as pessoas vivem e relacionam-se através da partilha de experiências e não em sistemas ideológicos e éticos e porque a vida social não é um fenômeno de massa, julgo ser muito importante a abordagem microscópica das situações sociais de vida, em contexto urbano, tal como tradicionalmente a antropologia tem feito para sociedades outras, de pequenas dimensões.

NOTAS

(1) Sobre este assunto veja-se Roncayolo, 1986, 422-432.

(2) "Se os homens definem as situações como reais, elas são reais nas suas consequências" cit in Bottomore/Nisbet, 1980, 413.

(3) Por não ter relevância directa para o tema deste trabalho, não será referida a abordagem ecológica, que este autor fez, estabelecendo um ordenamento urbano em zonas naturais, segundo processos de competição, invasão, sucessão - como na biologia.

(4) "Até ao presente, a Antropologia, a ciência do homem, tem-se preocupado principalmente com o estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objecto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo a sua vida é mais aberta à observação e ao estudo. A vida e a cultura urbanas são mais variadas, subtis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos. Os mesmos pacientes métodos de observação dispendidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneiras do índio norte-americano, deveriam ser empregues ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais, e concepções gerais de vida que prevalecem em Little Italy ou no baixo North Side de Chicago ou no registo das folkways mais sofisticadas dos habitantes de Greenwich Village"(Park in Velho, 1979, 28.

(5) "(...) regiões onde prevaleça um código moral divergente, por uma região em que as pessoas que a habitam são dominadas, por um gosto, uma paixão ou por algum interesse (...) Pode ser uma arte, como a música, ou um desporto (...)." (op. cit. 66).

(6) Tanto Wirth como Park reproduzem na sua definição de cidadão típico: distante, blasé, com relações superficiais e prosaicas, medidas pelo dinheiro que tudo relativiza e uniformiza, mais intelectual do que emotivo, reservado e sempre a afirmar a sua individualidade diferente da dos outros - cf. as ideias base do artigo de G. Simmel The metropolis and mental life de 1902.

(7) "A vida social não é um fenômeno de massa. Ela passa-se, no essencial, em pequenos grupos, no interior da família, do lar, do bairro, na igreja, em grupos informais e formais. Qualquer generalização sobre a natureza da vida social em meio urbano deve fundar-se no estudo minucioso destes universos, reduzidos e não em representações a priori da cidade na sua totalidade" (Lewis, 1965, cit in Hannerz, 1980, 98).

(8) Fala-se de trabalho alienado quando o seu produto não fica na posse do autor e é entregue como mercadoria; mas também se fala em alienação quando se percebe que o raciocínio do trabalhador, ou mesmo da população, é orientado de fora por cálculos feitos pela economia em cuja política o trabalhador não participa, já que apenas participa na produção. Para uma discussão alargada do conceito, veja-se Bertell, O., 1977.

(9) Se entre os Abure da Costa do Marfim existem cinco termos para a palavra dia - dia de 24 horas, dia aliado à noite, dia em oposição à noite, data ou aniversário, luminosidade nocturna -. para outros, como os Baulé, a noite é praticamente excluída contando o dia apenas desde o amanhecer ao pôr-do-sol ou ainda, como entre os Hebreus e Muçulmanos, o dia conta-se de um pôr-do-sol ao outro (Le Goff, 1984).

(10) "A forma jurídica da prestação do trabalho humano por conta de outrém sofreu três mudanças históricas essenciais: começou por ser uma submissão ao aluguer, consumida durante séculos (...) Seguidamente, foi admitida como um contrato particular (...) submetido (...) a regras particulares. Finalmente, o direito social, produto da civilização industrial contemporânea, consagrou a noção da criação de relação do trabalho unicamente pelo emprego real do trabalhador na empresa, independentemente do seu fundamento contratual" (Voutyras, 1980, 438).

(11) é, no entanto, o valor de uso do produto que é relevante, porque não se destina a um mercado, mas sim a ser usado por pessoas com quem o dador mantém relações de parentesco ou aliança.

(12) Tempo livre escasso não em relação ao século passado visto que as horas de trabalho têm diminuído, mas em relação a outras sociedades (noutros espaços e noutros tempos); por ex., na Europa do séc. XVIII havia mais dias da semana em que não se trabalhava do que dias em que se trabalhava (Dumazedier, 1963).

(13) Originalmente, a teoria considera a diferença entre game e play; como a teoria provém da experiência anglo-saxónica, o conteúdo do conceito diferencia game como concorrência e play com um sentido lúdico global, amigável.

(14) Dumazedier (1962), diz que o lazer é uma realidade fundamentalmente ambígua, "tendo elementos do seu significado etimológico no conceito de liberdade de escolha, e elementos do seu significado substantivo na definição de tempo livre." (Rapport, 1974, 215).

(15) Na International Encyclopedia of the Social Sciences, o termo jogo é remetido para lazer, num artigo de

Dumazedier que não faz qualquer referência a esta forma de comportamento social...

(16) Segundo Cailllois (1958), os jogos têm uma vocação social, pela rivalidade que instauram entre os participantes (sendo a competição uma das suas razões de ser); são colectivos e supõem companhia; pressupõem uma iniciação, uma aprendizagem ritual das regras (e da forma como lhes escapar, da batota, e geralmente, constituem um espectáculo, onde é tão importante o jogador como o que assiste participativamente).

(17) Para Winnicott (1975), o jogo situa-se numa região intermédia entre o mundo interior e o mundo exterior. Apesar de centrar a sua análise na forma como este espaço potencial é vivido pelo bebé, na sua relação com a mãe, julgo serem pertinentes as suas observações sobre o "locus" da experiência cultural: "O lugar onde se situa a experiência cultural é o espaço potencial entre o indivíduo e o seu meio (originalmente objecto). O mesmo se pode dizer do jogo. A experiência cultural começa com um modo de vida criativa que, primeiro, se manifesta no jogo." (139). "O espaço potencial entre o bebé e a mãe, a criança e a família, o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode-se considerar como sagrado para o indivíduo na medida em que este faz, neste espaço, a experiência da vida criativa." (143).

CAP. II POR UMA ANTROPOLOGIA DA CIDADE

O outro que a antropologia tem estudado, só etnocentricamente é definível como primitivo; a alteridade social e cultural também existe nas cidades e a etnografia, com as suas técnicas de recolha de dados qualitativas (observação participante, descrição minuciosa, trabalho de campo intensivo, etc.) constitui um dos métodos privilegiados de a abordar.

A laranjinha, como tema orientador duma pesquisa de etnologia urbana, pretende exemplificar esta possibilidade.

II.1. Do exótico ao familiar

"L'anthropologie est aujourd'hui
la seule discipline de la
«distanciation» sociale."

(Lévi-Strauss, 1974, 416)

Da mesma forma que a identificação de dois tipos ideais de solidariedade social (cf. cap. I.2.) fazia coincidir uma dimensão conceptual, tipológica com uma dimensão empírica, também a clássica separação entre povos civilizados e primitivos arrisca a mesma confusão. Ambas as

tipologias reflectem uma preocupação: a centralização do contexto social do observador em relação aos contextos estudados e a invenção dum limiar arbitrário de separação que justifique a atribuição de uma mesma categoria a formas sociais diferentes. A referência em relação à qual se situa essa fronteira distintiva de duas realidades "diferentes" (dicotómicas) é sempre uma referência a valores centrais, considerados factores de progresso da nossa própria cultura: racionalidade, estado, escrita, tecnologia, organização superior, etc.

A elaboração desta tipologia integra, já por si, a separação entre sujeito e objecto de conhecimento; é, por conseguinte, uma operação intelectual, a invenção duma estrutura conceptual que, pela separação entre um eu e um outro, constrói sobre uma determinada realidade inabarcável na sua totalidade (os outros), um objecto abarcável (o Outro).

O "tipo" de sociedades sem (estado, escrita, história) não existe, mesmo considerado tipo ideal, porque a suposta classificação não se baseia em nenhuma característica interna dessas sociedades, mas na oposição a uma característica de outra sociedade que lhe é exterior. E não basta o facto histórico de a etnologia e a antropologia social e cultural se terem iniciado no estudo destas sociedades outras, para se continuar a insistir nesta parcelização etnocêntrica do mundo, como se existisse um locus espacial justificador de uma determinada área do conhecimento social.

É antes o estudo da diversidade social e cultural que deverá ser colocado como centro das preocupações desta disciplina e constituir o seu traço distintivo em relação a outras abordagens das formas sociais. O critério de oposição deixa de ser entre sociedades com e sociedades sem e passa a ser a distanciação que, conceptualmente se estabelece em relação a uma determinada realidade social, no próprio processo de construção do objecto. Não seria necessário relembrar as palavras de Lévi-Strauss (1980) quando escreve que "qualquer sociedade diferente da nossa é objecto, qualquer grupo da nossa própria sociedade diferente do nosso, é objecto, qualquer uso do próprio grupo, ao qual não aderimos, é objecto" (XXIX), para insistir no facto de que o objecto antropológico não é, como o foi historicamente, geograficamente distanciado, mas sim intelectualmente. A tradição do conhecimento de diferentes modos de vida deverá servir como impulsionador de uma redescoberta da nossa própria sociedade. É através da comparação e relativização dum universo social, familiar na sua generalidade, que a abordagem antropológica estabelece o corte necessário com esse real, distanciando-se numa contínua criação dum "etnocentrismo invertido" (Delaporte, 1986, 165). Desta forma, segundo as palavras de Lenclud (1986) a antropologia terá como função o "reencantamento da nossa própria sociedade, na medida em que o que a etnologia clássica nos ensinou, autoriza-nos razoavelmente a pôr em dúvida que no seio do nosso universo de civilização, os homens se casem ao acaso dos seus

sentimentos, produzam sem outra lógica que a do utilitário, comam apenas para satisfazer as suas necessidades biológicas, se organizem e troquem sob o registo único da instrumentalidade e possuam o singular privilégio de ver, sózinhos, o mundo tal como ele seria."(158)

O facto de a antropologia ter por hábito debruçar-se preferencialmente sobre mundos sociais que se afastam duma média, considerados marginais em relação aos estereótipos familiares, apenas estabelece a continuidade com a sua tradicional "missão exploratória" que, no fundo, a individualiza em relação a outras áreas do saber social. No entanto, esta sensibilidade à diversidade não significa apenas a descoberta de mundos longínquos, mas sim a capacidade em estabelecer novas relações entre os factos duma realidade próxima, estudando os "fenómenos interiores à sua própria sociedade" (Lévi-Strauss, 1979, 416), num trabalho de "si sobre si" (Panoff, 1986, 329). O primitivo só o é por oposição ao civilizado, por viver de acordo com valores diferentes dos que são fundamentais para a cultura judaico-cristã.

Neste sentido, pode-se dizer que o comportamento primitivo também existe na cidade. Quando Hannerz (1983) impõe como tarefa imprescindível a uma imaginação antropológica, tornar exótico o que é familiar, apenas reafirma a ideia de que o valor do exotismo se encontra nesta invenção da distância no seio duma realidade supostamente conhecida. Des-familiarizar o que o senso comum integrou como conhecido, usando para tal a tradição

conceptual da antropologia clássica é, finalmente, o que a antropologia urbana pretende, analisando os universos sociais assim redescobertos "à luz da diversidade das sociedades humanas em geral" (Hannerz, 1983, 22).

Nesse sentido, o jogo da laranjinha pode ser considerado exótico, por se situar num meio social diferente do do observador, marcado por uma aprendizagem cultural de tal forma distinta, em que o comum fica bastante diluído perante a estranheza e inquietação (recíproca) duma mulher num mundo de homens como presença quotidiana duma realidade consensualmente fechada às pessoas do seu sexo.

"Região moral" habitada por pessoas que vivem um gosto (Park, 1916, cf. cap. 1.2.) ou "experiência suficientemente significativa para criar fronteiras simbólicas" (Velho, 1981, 16), este jogo da laranjinha impôs-se por si num processo de definição dum objecto, cujos limites se tornavam difíceis de estabelecer. As práticas de jogo num espaço urbano de residência, constituiam-se como um domínio demasiado vasto, disperso por vários espaços de sociabilidade, num continuum entre o privado e o público: a casa (com família, amigos ou vizinhos), a taberna, o café, o jardim, a associação recreativa.

O jogo mais recorrente - as cartas - possuía um nível de generalização (social e espacial) que obrigava a certas técnicas na sua abordagem (de amostragem, nomeadamente) que não se conciliavam com o desejo de uma observação metódica

e sistemática, de tipo etnográfico, com um estudo que se pretendia de etnologia urbana. E ainda, pela heterogeneidade dos grupos implicados na sua prática (pais, amigos, vizinhos, homens e mulheres, até crianças) não permitia articular uma determinada forma de relacionamento social, pessoalizado e íntimo, com a actividade de jogo, pois que em muitos casos esse relacionamento já existia, independentemente do processo lúdico criado pelos seus membros. Tornava-se muito difícil, sem um trabalho de equipe - que me parece essencial em terreno urbano -, uma aproximação ao jogo de cartas como actividade de lazer citadina.

O jogo da laranjinha preenchia os requisitos que faltavam a outros jogos: actividade forçosamente pública e localizável, fortemente socializada, exclusivamente adulta e masculina, de aprendizagem longa, com instrumentos e objectos denotadores duma tecnologia específica e marcada por uma gestualidade e linguagem inabitual, pela sua exuberância (cf. Cap. V). Ela permitia, assim, uma unidade de espaço para a observação directa da situação de jogo.(1) Referência espacial e colectiva que, aliada a um sentimento de pertença por parte dos actores a uma família (verbalizado por eles desta forma, identificando um "nós" em relação ao exterior), justificou que, provisoriamente considerasse este grupo de inter-relacionamento directo como locus de observação. Esta delimitação permitiu centrar a atenção na articulação que esta actividade colectiva estabelecia com as outras vidas urbanas dos

actores, familiares, profissionais, residenciais, associativas, morais, tentando situar os movimentos de clivagem e continuidade entre estas esferas diferenciadas. (2) Sem querer provocar uma segmentarização arbitrária em relação ao contexto de produção do jogo, nem torná-lo independente e autónomo, a forma como foi abordado passava por tentar captá-lo na sua especificidade, situando-o como ponto de partida dum universo complexo, o das sociabilidades populares urbanas.

Inicialmente, o outro surgiu assim a quebrar uma suposta familiaridade cultural e a provocar a percepção súbita de que as cidades constituem redutos de modos de vida diversos aos quais correspondem saberes e maneiras de os transmitir diferentes. A laranjinha tornou-se num acesso a uma realidade mais ampla do que a mera situação de jogo e de convívio. O estudo da sua dinâmica permitiu a apreensão dum processo social mais vasto, um tipo de socialização e aprendizagem cultural baseada em técnicas orais de expressão, onde o texto a transmitir se fundamenta na palavra falada, no corpo, no gesto, na resistência ao alcoól (cf. cap. VI); e uma sociabilidade urbana específica, produzida no espaço criador de relações sociais voluntárias - as associações -, reflectindo um fenómeno de organização social (cf. Cap. 1.2.) com normas próprias, regularidades, hábitos constantes, uma continuidade histórica.

Como escreve Hannerz (1983), "O interesse da antropologia reside também na capacidade, mesmo se

apenas virtual, em fazer as pessoas reflectirem sobre a diversidade das condições e sobre a singularidade da sua própria situação" (24).

II.2. A laranjinha e tradição oral

"Penso que para fotografar o ambiente natural de um grupo de pessoas é importante obter o estatuto de «esquecido». As pessoas esquecem-se que estou ali, e deixam-me observar. Apenas observar e registar."

(Pavão, 1981, 28)

O local escolhido como palco preferencial de observação, o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, conciliava dois aspectos importantes para a problemática que, no processo de aproximação ao jogo, se foi elaborando: possuía um jogo da laranjinha antigo que manteve sempre uma continuidade temporal, mesmo quando interrompido noutros locais (tabernas e associações) e registava uma sociabilidade intensa e quotidiana dos seus frequentadores, a par de marcados valores de associativismo popular vinculados pela direcção da mesma.

A observação prolongou-se por cerca de ano e meio (Fev. 1986/Junho 1987) e começou por uma abordagem fotográfica do processo do jogo, feita em simultâneo por

Luis Pavão, com uma primeira aproximação ao terreno, de permanências prolongadas nos diferentes locais do jogo (G. I. L. C. O., Pátio Alfacinha, Sociedade Musical União do Beato, Grupo Excursionista Os 31 de Santo Amaro, Centro Escolar Republicano Almirante Reis, Águias Fonte Santa) e conversas informais com todos aqueles que directa ou indirectamente com ele se relacionavam (actuais e antigos jogadores, outros sócios, dirigentes das sociedades, promotores do campeonato, etc.). A etnografia desta actividade de jogo fundamentou-se, inicialmente, na descrição pormenorizada do processo lúdico com os seus objectos, atitudes, ambientes, registados e ilustrados em abundante material fotográfico (cf. Anexo). Além disso, esta primeira fase permitiu uma familiarização progressiva com o universo da laranjinha. A dois ou a solo fomos, pouco a pouco, conseguindo o estatuto de "terceiro participante" (Spradley e Mann, 1979, 29) e, quando confrontados os dados recolhidos sem a presença do outro, revelavam-se aspectos curiosos sobre a filtragem dos assuntos falados, conduzindo a uma relativização da informação obtida. Se é verdade que a um homem se dizem coisas que não se dizem a uma mulher, não menos verdade é que com uma mulher se está muito mais à vontade para contar outro tipo de histórias...

Esta primeira fase, com uma duração de cerca de cinco meses, terminou com uma exposição fotográfica, realizada no local escolhido para uma aproximação mais aprofundada, e com um artigo num semanário lisboeta.

Esta exposição tornou evidentes determinadas contradições entre a prática e os ideários associativos, localizadas, na altura, no próprio facto da exposição sobre a laranjinha suscitar dúvidas e um certo espanto sobre o assunto versado, (porquê a laranjinha, jogo de taberna e de vinho?) como se a imagem pública da associação, muito mais relacionada com a prática de instrução, ficasse lesada com esta iniciativa.

A abordagem etnográfica deste jogo orientou-se segundo quatro eixos centrais, sempre fundamentada na observação repetitiva e prolongada, participante apenas ao nível do espetáculo do jogo, por razões óbvias (cf. Cap. V.1.).

1. A história do jogo, na e fora da associação onde foi estudado em pormenor; só através de compreensão da dinâmica temporal do jogo, das suas transformações e dos diferentes significados que, conforme os sectores individuais e colectivos, lhe são atribuidos, foi possível identificar o seu contexto social de produção e assim situar esta prática.
2. A história da própria sociedade recreativa escolhida, base social do jogo, com determinadas actividades que o transcendem mas o rodeiam e enquadram.
3. Uma familiarização com outros locais de jogo (os já referidos e mais alguns dos arredores de Lisboa, com

características diferentes), de modo a permitir uma permanente comparação relativizadora das próprias idiossincrasias do caso escolhido como central.

4. O duplo enquadramento dos seus actores em relação à sua situação global de vida (profissão, residência, classe etária, família) e em relação aos valores que por eles são vinculados na sua prática de lazer (valores que se podem incluir na solidariedade masculina e competição). Esta tentativa apenas ficou pelo seu ensaio, pelo esboço de localizar as unidades mínimas de código de comportamento masculino: agressividade, gracejo, força, pontaria, consumo de vinho e tabaco, exclusão de mulheres e das crianças, linguagem, etc.

Para além da descrição elaborada a partir da observação in locu, a técnica privilegiada - e não poderia ser de outro modo - foi a recolha oral de informação (auto-biografias semi-dirigidas, inquéritos dirigidos sobre locais antigos, conversas informais, entrevistas semi-dirigidas). Com raras exceções - como por exemplo o esboço da história do quotidiano do G.I.L.C.O., para o qual se recorreu às actas das reuniões da Direcção e outros arquivos escritos da associação, ou quando notícias de jornais, entrevistas na radio e documentos da Câmara Municipal de Lisboa foram consultados -, os dados foram elaborados sobre o cruzamento dos raros, escassos e por

vezes incompletos (para não dizer distorcidos) documentos escritos e sobre a abundante, clara e rica informação oral dos informadores escolhidos.

O próprio facto de não existir nada escrito sobre este jogo, tal como é praticado em Lisboa(3), há pelo menos dois séculos (Crespo, 1982), é um sinal da sua marginalização como prática de gente pobre, da sua condição social subvalorizada em relação à elite intelectual, produtora de escrita. É óbvio que, num país onde, no início do século, três quartos da população eram analfabetos (Marques, 1975) (sem referir aqueles que, do quarto restante, apesar de conecerem os rudimentos da escrita e da leitura nunca produziram nada), uma história do quotidiano tenha de recorrer a fontes orais e não apenas escritas. Os documentos escritos, por muito abrangentes que possam ter sido na sua época, no sentido de terem ultrapassado certas barreiras sociais, resultam sempre numa mediação burguesa na interpretação de outros modos de vida urbanos (e o absoluto desconhecimento de outros), mediação que, se inultrapassável em épocas recuadas da história é perfeitamente resolúvel na história recente das últimas décadas.

Numa época em que a tradição oral na transmissão dos saberes está definitivamente posta em causa - senão condenada ao desaparecimento, pelo menos condenada a uma transformação profunda -, não deixa de ser ironicamente curioso reconhecer que um estudo sobre uma prática de lazer que foi tão importante nos bairros populares duma capital

europeia, se baseia quase exclusivamente em fontes orais de conhecimento. O que nos faz relembrar as palavras de Jean Poirier (1983) quando escreve que: "...nós encontramo-nos na presença dos «últimos testemunhos» duma lógica social e duma concepção de vida cuja própria maioria se arrisca a desaparecer com aqueles que são os seus últimos detentores" (21).

A ideia de que nas cidades se vive uma distância física reduzida à qual corresponde uma distância social e psicológica enorme, ficou particularmente fortalecida no presente trabalho. A distância social é entendida como separação entre realidades histórico-culturais distintas que, nas cidades, tendem a ser ignoradas, segundo processos (por vezes não consciencializados) de evitamento mútuo entre os indivíduos pertencentes a essas realidades.

Este evitamento, longe de ser pacífico, reflecte frequentemente uma atitude de domínio de certos grupos sociais sobre outros, como se também no terreno urbano, se tivesse de estar alerta para esta espécie de relação colonial que está implícita e faz parte do olhar, não-inocente, sobre o outro. Um bom exemplo deste etnocentrismo de classe é particularmente revelador nos próprios temas que são escolhidos como objectos de estudo. Não é por acaso que existem inúmeros estudos sobre os cafés, como importantes locais de sociabilidades urbanas, onde se geram e difundem ideias, modas, por vezes transformações políticas (só para citar dois exemplos,

Cooser, 1970, sobre os cafés de Londres do séc. XVIII e Martins, 1963, sobre os cafés de Lisboa), enquanto as tabernas e lugares semelhantes, no caso de Lisboa, apenas são referidas como pontos de encontro duma boémia burguesa e a propósito do seu quotidiano... (cf. Cap. III.2.).

O jogo num bairro de Lisboa não faria sentido ser estudado, porque implicaria modos diferentes de jogo e tenderia a homogeneizar uma realidade heterogénea, sob a falsa identificação de "um bairro". A escolha da laranjinha não foi movida por um interesse inconfessado pelo arcaico, pitoresco, tradicional e desconhecido - embora tal classificação seja passível de crítica, pois pressupõe como objecto de estudo apenas o que tem valor de actualidade e de moderno, e que pode ser generalizado -, mas sim pela porta de entrada para uma realidade mais vasta, que ela revelou ser, permitindo o acesso a uma "lógica social" e "uma concepção de vida" particulares.

Cada disciplina tem as suas tradições teóricas e metodológicas próprias e um dos aspectos interessantes que a antropologia urbana recentemente começou a desenvolver (década de 70, aproximadamente, sem referir a sua pré-história dos anos 20 em Chicago) é precisamente o enfoque em micro-mundos sociais onde os indivíduos se inserem, na diversidade de vida quotidiana das cidades e na sua relação com instâncias mais vastas da sociedade. Sensibilidade à diversidade cultural, como diz Hannerz, ao inesperado, que, associada a uma consciência do etnocentrismo, permite a prática comparativa e

relativizadora que ambiciona atingir a unidade do homem, o que é comum para lá dessa diversidade.

NOTAS

(1) "... é a unidade de espaço de observação que caracteriza, talvez mais genericamente a pesquisa etnológica, distinguindo-a do inquérito sociológico que opera frequentemente pelo agrupamento de traços isolados do seu contexto." (Delaporte, 1986, 166).

(2) Articulação esta que ficou apenas iniciada neste trabalho e que é uma das pistas a desenvolver em trabalhos futuros (na linha de Hannerz (1983), quando define o campo de observação da antropologia como um sistema de relações, sendo "os indivíduos entidades constituídas a partir dos papéis que assumem em diferentes situações", o que leva a colocar a ténica do estudo nas "situações sociais tal como eles as vivem e sobre o modo como, através delas, se constrói uma vida social complexa" (27).

(3) Nas raras obras sobre "jogos populares portugueses" as referências existentes ao jogo da laranjinha apenas dão uma pálida ideia do jogo em si, esquecendo completamente o seu espaço de produção (Silva, Morais, 1958, Guedes, 1984, etc.).

CAP. III CAMPO DE OURIQUE

O objectivo deste capítulo não é tanto a dimensão identitária do espaço habitacional, delimitando-o em relação a uma determinada zona urbana, como apenas situar espacial e socialmente uma determinada sociabilidade de bairro. Por esta razão a contextualização da associação onde o jogo da laranjinha foi estudado intensivamente - o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique - será incompleta e meramente approximativa com uma breve referência à sua história e demografia, tendo como finalidade o esclarecimento do leitor sobre a base material da vida social que nesse espaço se gera e reproduz.

III.1. O bairro e os seus habitantes

A base administrativa e arquitectónica constitui uma das materialidades da vida social de qualquer bairro. Com um grau de permanência elevado e uma continuidade histórica, é importante a abordagem da sua forma organizativa e da sua história para o estudo das formas de solidariedade que os seus habitantes estabelecem, ao longo do tempo.

O seu enquadramento é, no entanto, apenas esboçado em linhas muito gerais, recorrendo a alguns apontamentos históricos sobre as freguesias que ajudam a contextualizar a zona estudada.

A zona de Campo de Ourique está dividida, desde 1934, em duas freguesias - a freguesia de Santa Isabel e a de Santo Condestável (cf. plantas A e B). A associação que serviu de base ao presente estudo, pertence à primeira, no entanto o facto identitário importante é que "é de Campo de Ourique", sendo menos referida a sua situação administrativa; além disso, a sua base associativa abrange indiferentemente as duas freguesias, facto que obriga a considerá-las no seu conjunto.

A freguesia como unidade territorial administrativa é um critério ordenador do espaço, usado ao longo da história pelo poder estatal com determinadas finalidades de governo - organização do trabalho, contabilidade demográfica, etc. Trata-se de uma divisão territorial mais ou menos arbitrária, resultado de decisões exteriores à efectiva ocupação do espaço. As pessoas valorizam o seu espaço vivencial segundo critérios diferentes dos que lhes são impostos por uma organização administrativa e política e a sua identificação territorial relaciona-se com as práticas quotidianas de uso e apropriação do mesmo. É em torno das relações organizadas numa determinada área que o espaço social continuadamente se re-cria e re-define.

Apesar da incoincidência entre a real ocupação histórico-social dum determinado espaço e as suas

fronteiras político-administrativas, exteriormente determinadas, é segundo os parâmetros desta última que é possível recorrer ao tipo de informação necessária a uma contextualização globalizante. Os dados estatísticos sobre a composição da população, suas características, ocupação do solo, etc., estão ordenados segundo uma divisão territorial administrativa - a freguesia - e é de acordo com esta unidade mínima de ordenamento que é possível caracterizar socialmente a área onde o caso estudado se insere.

O G.I.L.C.O. constitui um bom exemplo de como os indivíduos re-ordenam as suas relações sociais em torno de práticas quotidianas de lazer, pela forma como valorizam e representam o próprio facto da sua proximidade residencial. É a partir destas actividades de tempo livre que as pessoas re-definem o seu espaço habitacional, gerando um tipo de relação específica - a vizinhança, assunto que será tratado no último capítulo.

Em linhas gerais, Campo de Ourique situa-se entre cinco grandes eixos viários, de construção temporalmente diferenciadas: a R. Saraiva de Carvalho (S), a R. Maria Pia (W), viaduto Duarte Pacheco (N), a Av. Pedro Álvares Cabral (SW) e a Rua das Amoreiras (NE). Este último limite oriental, recentemente transformado pela construção dum gigantesco complexo comercial - as Amoreiras -, não é tanto uma rua como uma zona. Pode-se dizer que Campo de Ourique está cercado a norte por Campolide, a Oeste por Alcântara,

a Sul pela Lapa e pelos Prazeres e a Este pelo Rato e as Amoreiras. A delimitação destas zonas é apenas aproximativa e não obedeceu a critérios rigorosos capazes de definir os limites da identificação dos habitantes com o seu espaço residencial.

Nesta região grosseiramente delimitada, podem-se distinguir duas áreas diferenciadas: o bairro de Campo de Ourique propriamente dito, - conhecido pelo bairro "dos quadradinhos" -, projectado no final do século passado e construído no início deste século, que pertence à freguesia de Stº Condestável - freguesia que inclui também núcleos de barracas, no lado ocidental da R. Maria Pia, (no vale de Alcântara, Sete Moinhos, Arco do Carvalhão, Casal Ventoso, etc.) -, e o núcleo mais antigo que cresceu em torno da igreja de Sta Isabel, de traçado irregular e que corresponde grosso modo à freguesia com a mesma designação.

Uma primeira notícia da freguesia de "Santa Isabel Rainha de Portugal" surge numa descrição sobre a definição das então 40 freguesias da área de Lisboa na segunda metade do séc. XVIII, de acordo com a remodelação paroquial de 1770. "No ano de 1741, erijiu o Patriarcha D. Thomaz de Almeyda esta Parrochia na Irmida de S. Ambrozio, junto ao Mosteiro do Ratto, tirando algumas porções de distritos da freguezia de Santos, Santa Catherina, S. Joze e de S. Sebastião da Pedreira" (Santana, s.d., 10-11). Segundo esta descrição, todo o Campo de Ourique e o Arco do Carvalhão lhe pertencem, embora ainda exteriores aos limites da

cidade, definidos, na sua parte ocidental, logo após o terramoto de 1755, como uma linha que passava junto ao "abarracamento das tropas de Campo de Ourique" (Xavier de Brito, 1952).

Segundo Vieira da Silva (1943, 61), "a igreja para sede paroquial começou a edificar-se em 4 de Julho de 1742 e não estava ainda concluída quando aconteceu o terramoto de 1755 que não lhe causou ruína alguma" tendo-se para aí transferido, mais tarde a freguesia, acrescentando que "porções de território foram destacados desta freguesia para as novas paróquias da Lapa e de S. Mamede" até que, em 1934 "por decreto do Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, foram alterados os limites do distrito da freguesia e desmembrada dele uma parte para a freguesia de Santo Condestável, a Campo de Ourique."

De implantação antiga, a freguesia de Sta Isabel foi sempre uma das mais populosas da cidade de Lisboa. Logo após o terramoto, quase que duplicou de população. Se em 1780 registava entre 7.000 a 8.000 almas, no recenseamento de 1801 alcançava já 18.100 almas (cerca de 9% da população de toda a cidade), sendo então a freguesia mais populosa da cidade (Brito, 1976). No curso de 1864, a cidade encontra-se dividida em 48 freguesias (34, intra-muros e 14 extra-muros) "salientando-se a freguesia de Santos, onde se encontra residente a maior percentagem de população (6,5%), imediatamente seguida pela Santa Isabel (...) com 6,3% da população" (op. cit., 84). Entre 1890 e 1940, esta freguesia aumentou 170%: "só 3 em 28 (freguesias) têm um

aumento superior a 100%..." (mapa 1, 2 e 3). "O censo de 1920 acusava uma maior percentagem de naturais vivendo no oeste da capital, nomeadamente, Alcântara, Santos, Santa Isabel..." (op. cit., 107). No anterior censo (1911), as freguesias mais populosas eram ainda as do núcleo primitivo da cidade, significando que nesses 10 anos de intervalo ocorreu um novo povoamento intenso desta zona, coincidente com o início das actividades do G.I.L.C.O. (fundado em 1910).

O crescimento demográfico que se intensifica, a partir de meados do séc. XIX, torna cada vez mais densa a área da capital, colmatando os inúmeros espaços vazios ainda existentes. Este aumento populacional origina necessidades novas a nível de serviços urbanos e de alojamento. Necessidades que vão provocar, nos órgãos do poder central, a regulamentação desta expansão demográfica, orientando o crescimento da cidade através de planos, projectos e decretos (Rodrigues, 1979). Se em 1864 apenas existiam 4 bairros intra-muros - Alcântara, Alfama, Bairro Alto, Rossio, cerca de 20 anos mais tarde são criados mais cinco - Estefânia, Campolide, Campo de Ourique, Calvário, Camões (Brito, 1976).

O novo tecido urbano oitocentista vai emergir de duas formas quase dicotómicas, materializadas em dois tipos de ordenamento urbano: bairros planificados, produto de uma "atitude técnica" por parte da Câmara Municipal de Lisboa e uma forma de urbanização espontânea decorrente de zonas

superpovoadas colonizando progressivamente as áreas desocupadas mais próximas (Rodrigues, 1979).

O projecto do bairro de Campo de Ourique será uma das tentativas de racionalização do crescimento de Lisboa. Juntamente com o bairro de D. Estefânia, ambos projectados por Frederico Ressano Garcia, constituirá o ponto de partida de uma nova Lisboa, projectada em finais da década de 70 e iniciada a sua construção em 1880.

Os trabalhos iniciam-se logo nesse ano com a abertura de um eixo designado por Ferreira Borges. Ainda no mesmo ano é decidido iluminá-lo e arrancar as restantes oliveiras que obstruían o seu prolongamento, e é anexado um terreno denominado Parada. No ano seguinte, colocam-se os esgotos e iniciam-se obras de calcetamento numa rua paralela - 4 de Infantaria. Em 1887 é dada autorização para o início da construção da Rua Coelho da Rocha e Saraiva de Carvalho.

Certas dificuldades, no entanto, impediam ou atrasavam o traçado idealizado em malhas ortogonais. A lentidão das expropriações, por inexistência de legislação adequada ou o quartel de Campo de Ourique, a leste, pela sua posição oblíqua a certas ruas antigas e irregulares (Rua de Campo de Ourique, Rua de S. Luis) constituiam, entre outros, motivos de delongas. Assim, só cerca de 30 anos após o início das obras de construção, surge o primeiro núcleo importante do bairro "planeado como um rectângulo regular, centralizado pelos seus eixos e diagonais" (op. cit., 71).

"A área é envolvida por uma constelação de pátios e vilas dispostos por um lado e centralizando-se em Alcântara (...), ocupando junto de Santa Isabel as ruas do Sol ao Rato, Campo de Ourique, S. João dos Bem Casados, (Rua Silva Carvalho), Rua de S. Luís, (Rua Saraiva de Carvalho) e beco da Piedade. Quer isto dizer que a zona envolvente de campos e olivais, onde a quinta do Dourado parece ter sido a área mais importantes acusa uma alta densidade populacional, sob formas diversas, com incidências maiores na unidade de habitação, vila ou pátio, mas também com a existência de um bairro operário" (op. cit., 1979, 69). Aquilo que irá ser um dos melhores exemplos da concretização da planificação urbana de 1888, encontra-se rodeado de duas áreas fabris (Santa Isabel e Alcântara), não planificadas, com uma forma de residência quase espontânea e um modo de ocupar o espaço próprio historicamente vinculado por determinadas práticas.

Embora o crescimento da cidade no início do século passado tenha sido lento, data dessa altura a ocupação massiva do que actualmente constitui a zona central da freguesia de Santa Isabel. "Casas modestas que continuavam ainda hábitos populares de tradição ou iam modificando, senão degradando a imagem pombalina (...) iam-se sucedendo na zona de Campo de Ourique, a partir de Santa Isabel, pela Rua Nova de S. Luís, então construída, ou pela Rua de S. João dos Bem-Casados, na sua continuidade (...)" (França, 1980, 58). Enquanto no "bairro dos quadradinhos", o "traçado, centrando-se em ângulo recto envolve a

caracterização de ruas e praça central-jardim e o preenchimento das áreas entre as ruas por agrupamentos de casas-quarteirões" (Rodrigues, 1979, 71), na zona que se situa a leste e que encaixa com ele, o traçado das ruas é irregular e sinuoso com uma base arquitectónica e um povoamento antigos, "cujas raízes artesanais e comerciais remontam ao séc. XVIII" (op. cit., 1979, 69). A nova área urbanizada, constituída por prédios de rendimentos e algumas moradias, associa-se, portanto, a uma área de urbanização pré-existente, de características diferentes.

O bairro de Campo de Ourique corresponde, em linhas gerais, à freguesia de Stº Condestável, que começou por ser uma paróquia da freguesia de Santa Isabel. Segundo os dados estatísticos apresentados no diagnóstico da situação por freguesia elaborado pela Santa Casa da Misericórdia (vol. I, 1981), desde a década de 960 que a população destas duas freguesias têm registado um decréscimo acentuado. Em 1981, a freguesia de Santo Condestável incluía 29.000 habitantes, com uma densidade de 273,4 hab./km², constituindo o grupo etário dos 18 aos 64 cerca de 63% da população e sendo de pequena dimensão o grupo dos idosos e dos 6 aos 10 anos; repartiam-se por 11.332 famílias com uma dimensão média de 2,56 e ocupavam, na sua maior parte, edifícios de 4 ou 5 pisos de implantação antiga. Na rede viária da sua planta em quadrícula, Campo de Ourique inclui 5 artérias principais (R. de Campo de Ourique, R. Saraiva de Carvalho, R. Arco de Carvalhão, R.

D. Maria Pia, R. Ferreira Borges), (cf. planta B) existindo 4 carreiras de autocarro e 2 de eléctrico, e as suas zonas verdes limitam-se a um pequeno jardim quadrangular e às árvores existentes nalgumas ruas.

Na freguesia de Santa Isabel, de acordo com o mesmo relatório, a população cifrava-se em 11.559 habitantes, com uma densidade de 186,4hab/km². O grupo dos idosos era extremamente elevado - 21.25% da população total. A dimensão média das famílias era de 2,72 e existia um elevadíssimo número de isolados e alta percentagem de grupos domésticos constituídos apenas por duas pessoas (em 1973, 17% das pessoas viviam sós e 35% acompanhadas de uma pessoa). Os edifícios eram (e são) na sua maioria antigos e mal conservados. Como zonas verdes, o jardim da Estrela e das Amoreiras e, apesar de circularem 17 carreiras de autocarro e 11 de eléctrico, apenas 2 eixos de circulação importantes - R. D. João V e Av. Pedro Álvares Cabral - fazem parte da sua rede viária. Entre os projectos de natureza social em curso, segundo inquérito à Junta de Freguesia, incluia-se o melhoramento do equipamento do G.I.L.C.O., refere ainda o mesmo relatório.

O G.I.L.C.O. situa-se nesta freguesia, muito próximo, no entanto, do bairro de Campo de Ourique. Em termos socio-profissionais, a diferença entre estas duas áreas é evidente. Enquanto a zona mais antiga é constituída, desde finais do século passado, por camadas de baixo nível de rendimento, na sua maioria assalariados da indústria,

essencialmente artesanal, ou empregados de armazéns comerciais, constituindo aquilo que vulgarmente era designado como "os pobres", o bairro de Campo de Ourique desde o início começa por albergar camadas sociais superiores, que se podem classificar, genericamente como estratos de média burguesia (Rodrigues, 1979). Este Campo de Ourique nos seus primórdios caracterizava-se por uma forte influência republicana, como atesta o facto da revolta que implantou a República aqui se ter iniciado, no assalto ao quartel de Infantaria 16, efectuado por um grupo de civis saídos do Centro de Santa Isabel (equivalente do G.I.L.C.O.)⁽¹⁾. Revelador ainda das características do primeiro povoamento deste bairro novo é a toponímia do mesmo. Como "homenagem aos soldados deste regimento que na madrugada de 4 de Outubro se bateram heroicamente pelo advento da República" (Doc. 1), a Rua da Piedade passou a designar-se por Rua de Infantaria 16, tal como a Rua Luis Derouet consagrou o jornalista que dirigiu um outro centro escolar republicano, a Escola 31 de Janeiro no Socorro (História da República, 485), ou até a própria arqueologia de formação do Grémio, que era uma escola de republicanos frequentada por filhos de famílias liberais (cf. Cap. IV.2) tendo circulado por várias ruas do bairro de Campo de Ourique (R. da Piedade, (Infantaria 16) 28, R. Ferreira Borges, R. Tomás da Anunciação, R. da Piedade, 30) antes de se estabelecer, finalmente, na Rua da Arrábida.

Apesar das mudanças históricas, das transformações por que o bairro tem passado, permanece ainda uma certa

continuidade nos comportamentos sociais dos seus habitantes. A convivialidade do espaço das tabernas, hoje quase desaparecidas, deslocou-se sem grandes alterações para outros locais. As associações de cultura constituídas, na sua maioria, no princípio do século com o objectivo de mobilizar as classes laboriosas para um determinado espaço de recreio e instrução (cf. Cap. IV.2), foram recuperando e centralizando uma sociabilidade que, afinal, não se perdeu com a morte das tabernas e casas afins. Na prática, as formas de vida social existentes nestes locais são essencialmente as mesmas. Esta ideia irá ser desenvolvida e exemplificada com o estudo do caso escolhido: o jogo da laranjinha.

III.2. Tabernas e colectividades

O G.I.L.C.O. insere-se numa zona socialmente bem definida localizada no Campo de Ourique que pertence a Santa Isabel, radicando-se a sua base associativa na área de confluência das duas freguesias campo ouriquenses, embora maioritariamente na freguesia onde se situa. Esta zona tem uma tradição operária nítida no modo de ocupar o espaço e de nele criarem as suas formas próprias de relacionamento social (exemplo das vilas e pátios referidos em Rodrigues, 1979).

A Rua da Arrábida, bem como as que se situam próximo dela, é estreita, apertada, com passeios curtos; as lojas

quase deitam directamente para a rua; as portas das casas também. Havia muito mais tabernas do que as que hoje ainda sobrevivem, mas ainda é possível recordar as que desapareceram, com os seus jogos de laranjinha, e frequentar as ainda existentes. Como aquele senhor que se senta na taberna da Rua de Campo de Ourique, virado para a porta e ali fica à espera que a mulher assome à janela de sua casa e o chame para o jantar...

No final do século passado, as tabernas, como casas de vinho, petiscos e carvão (então a principal fonte de energia da cidade)⁽²⁾ tornam-se importantes centros de sociabilidade masculina destes bairros pobres de Lisboa. São locais de encontro dos homens que ali se vão sentar à mesa para conversar, jogar ao dominó e às cartas ou, nos fundos da casa ou no quintal adjacente, jogar à laranjinha e nalguns casos ao chinquinho. Normalmente, o copo de dois ou de três acompanham este convívio masculino, com petiscos ou sem eles, o que aliás é natural numa cultura onde o hábito da bebida e da comensalidade acompanham o encontro amigável das pessoas, num país onde o vinho é barato e o seu consumo permitido pela lei e pela religião.

No entanto, a tônica da vida convivencial da taberna não deverá ser colocada no consumo do alcoól, como referem os escritos altamente moralizantes do início do século denotando uma leitura dum real "diferente", para aqueles que se lançam na tarefa de o compreenderem - os literatos burgueses e/ou aristocratas -, elaborada de uma forma

distorcedora desse mesmo real, já que torna relevante e de importância primordial algo que apenas faz sentido na relação que mantém com outros elementos relacionais, esses sim importantes. O alcoolismo não é causa nem consequência da vida de taberna como pretendem demonstrar esses escritos moralizantes como o exemplo de Gallis (1903), quando escreve "a taberna é o inimigo mais feroz e cruel da felicidade dos pobres" pois "nos bairros onde residem essas classes (carroceiro, sapateiros, carregadores, trabalhadores de construção de prédios, varinas e fragateiros que são os que maiores contingentes dão para os alcoólicos) o número de tabernas é indiscutivelmente criminoso...", mas sim um elemento importante que acompanha a vida social do trabalhador nas suas horas de ócio vividas no espaço da taberna. Como escreve Luis Pavão a propósito das suas fotografias sobre as tabernas de Lisboa "é raro aparecerem copos vazios em cima da mesa (salvo quando se trata de refeições). Em primeiro lugar isto mostra-nos que é errada a ideia taberna = local onde se bebe. Muitas vezes as pessoas vêm aqui só para conversarem um bocado, encontrar os amigos, mesmo que não bebam (...) Em segundo lugar, há o hábito de beber ao balcão (...) Geralmente as pessoas sentam-se na mesa depois de beber. Ou seja, a mesa para conversar e o balcão para consumir" (Pavão e Pereira, 1981, 29).

Também o hábito, no que se tem escrito sobre a vida de tabernas, de destacar a sua característica marginal, arruaceira, viciada e imoral, baseada na prostituição, fado

e banditismo como pólo de atracção de uma classe burguesa e/ou aristocrática, que procurava na boémia um ócio mais animado do que aquele que lhes era permitido nos espaços sociais próprios, nos dá uma imagem distorcida da realidade da taberna dos bairros pobres (cf. Pais, 1985, 53-58, baseando-se nos escritos de literatos do início do século, como por exemplo J.C. Machado, Braz Fogaça, Albino Forjaz de Sampaio, João Paulo Freire). Estas leituras são produto de um olhar de fora, de camadas sociais que, negando ou exaltando a vida social da taberna, lhe atribuem um significado diferente daquele que ela possui para os actores que a procuram e aí criam parte da sua vida, no tempo de ócio.

A realidade do quotidiano das tascas tem mais a ver com aquela da rua da Costa nº 10 em Alcântara, "já construída para servir de refeitório a uma população operária que povoou esta zona no princípio do século" (Pavão e Pereira, 1981, 26) e que tem uma sala com uma capacidade de mais de 100 lugares, ou com outras que ainda sobrevivem como sede de grupos excursionistas, como são os casos recolhidos por Luis Pavão, do "Grupo Jantarista Os Seis Amigos", sito na travessa da Madalena(3), ou "Os Dez Alcunhados da Mouraria" ou "Os Emburrantes" da travessa do Alcaide... Como escreve Mário Pereira "o grupo excursionista usa a taberna do bairro como um espaço semi-privado, faz da taberna a sua sala de troféus e memórias" (op. cit., 12) e quase se poderia arriscar, que tal como as associações recreativas, servem para as mesmas

acções colectivas, sendo o seu espaço apropriado e usado para a criação e solidificação de vínculos solidários entre os homens. Homens estes que vão alinhando nos tampos de mármore as peças rectangulares do dominó, conversando, bebendo, fumando, enchendo o seu tempo livre com esse lazer vazio de finalidades para além da competição do jogo, mais ou menos serena, mais ou menos ruidosa como na laranjinha, ou então, imóveis à porta, no limiar entre a casa e a rua, ficam a ver quem passa.⁽⁴⁾ "Estas pessoas que aparecem não são anônimos. Eles conhecem-se, estão lá sempre. Formam um pequeno mundo com personalidade, e foi como tal que eu os fotografei", conta-nos Luis Pavão (op. cit., 33). Foi com estes homens de Campo de Ourique que falámos demoradamente, a puxar pela sua memória que ia desfiando os locais antigos onde se jogava a laranjinha: O Pereira, na Rua Almeida e Sousa, o Moita (hoje um restaurante) na Rua Infantaria 16, o Estica ao pé do chafariz na Rua Domingues Sequeira, o Tarruge na Rua de Campolide, o Mendes na Rua Tomás da Anunciação (ao pé da Rua de Campo de Ourique, hoje uma casa de bíblias), uma no Largo da Páscoa, o Viriato na Saraiva de Carvalho, a Barbuda na esquina da Rua Pereira e Sousa com a Rua Carlos da Maia, o Araújo na Rua Correia Teles, outra tasca na Rua Coelho da Rocha...

O espaço semi-familiar, próximo, acolhedor da taberna é reproduzido de forma idêntica, no quotidiano (normalmente de jogo) das associações recreativas, quotidiano lúdico este que continua a ser a sua única prática real de lazer,

apesar dos desejos formais das instituições. A própria estrutura espacial das sedes observadas em Campo de Ourique reflecte esta ambivalência entre a imagem pública e a vida privada destas casas de recreio e cultura. A porta da rua normalmente abre para a sala da direcção e a sala (ou apenas armário) que ostenta as medalhas, taças, palmarés e outros símbolos das actividades vitoriosas (desporto, ginástica, música, etc.) orgulho da casa; de seguida, surge o bar, a sala da televisão, a biblioteca e finalmente, nos fundos da sede, o salão dos jogos, com o seu ambiente animado, ruidoso, cheio de fumo e conversa. O Sport Lisboa Águias e o Sport Lisboa de Campo de Ourique são paradigmáticos desta organização do espaço.

Todas estas associações são frequentadas por homens, maioritariamente idosos. Além do jogo, desenvolvem a actividade do bufete, e é entre a bebida, a comida e o jogo que os homens conversam, brincam, planeiam passeios e campeonatos e, quando inquiridos, recordam com nostalgia as tabernas que "já não há", a laranjinha que está a desaparecer, a vida que hoje já não é como dantes, os amigos já desaparecidos.

O Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, com o seu clima animado, vivo, com a afluência de sócios ao fim do dia e no fim de semana, o aspecto cuidado das instalações já antigas e os arquivos e documentos históricos bem cuidados fazem esquecer a frase - "o colectivismo está a morrer" - que parece ecoar nas paredes dos edifícios doutras associações. Além disso, possui um

jogo desconhecido e que, no entanto, é velho de séculos - o jogo da laranjinha. Uma pergunta impõe-se desde logo: o que faz viver o G.I.L.C.O.?

NOTAS

(1) Para uma descrição pormenorizada deste episódio, véja-se História da República, 603 e segs.

(2) "O Portas Largas (tasca antiga do Bairro Alto) não se limita a vender vinho e petiscos. No interior do estabelecimento, mas numa dependência separada da tasca, há uma carvoaria, se bem que "o carvão hoje em dia se venda pouco (...)" in Diário de Notícias, 1984 ou ainda a referência (Pavão, 1981, 26) à taberna do Júlio do Campo de Santana que começou por ser uma carvoaria, sem falar nos testemunhos orais dos entrevistados para este trabalho (cf. Cap. V.2.)

(3) "Estes grupos existem em muitas tabernas. São constituídos por um número determinado de pessoas, que pode ir de 3 a 12, e têm como finalidade realizarem jantares e excursões, muitas vezes à sua terra de origem. Como símbolo do grupo, um quadro, com as fotografias das caras dos elementos coladas, que se pendura na parede da taberna que serve de sede. Por vezes é uma pintura, outras vezes uma maqueta do interior da taberna, às vezes é iluminado interiormente. Os nomes são extremamente variados: "Os Lusitanos", "Os Pintinhos", "Os Marialvas de Campo de Ourique", "Os Magriços", (...).

Para as excursões compram um carro velho em sociedade e um dá uma mãozinha como mecânico, outro, que tem carta conduz, etc." (Pavão e Pereira, 1981, 29-30).

(4) "A- porta da taberna é um local tão importante como o interior. Aí conversa-se, fuma-se, fazem-se apostas, discute-se, vê-se quem passa. É um local para se estar" (Pavão e Pereira, 1981, 28).

CAP. IV O JOGO E A ASSOCIAÇÃO

O relato da vida social do Grémio, com as suas tensões e conflitos, o seu equilíbrio entre o mundo das normas e o pragmatismo do convívio, constitui a base deste capítulo. Com a apresentação da história do jogo e do lazer no seu interior e da forma como o seu espaço é ocupado através de práticas quotidianas, pretende-se contextualizar o jogo estudado, situando-o como uma das actividades sociais que neste local são criadas e reproduzidas.

IV.1. As Associações Voluntárias

As associações voluntárias são definidas como "grupos organizados para a prossecução de um ou vários interesses em comum" (Banton, 1968, 357) caracterizadas, nas sociedades industriais, pela voluntariedade de pertença dos seus membros e independência do Estado (Sills, 1968). De acordo com a tradição durkheimiana, e com as ideias da escola alemã, como as de Tonnies, numa sociedade que se baseia cada vez mais em relações secundárias em detrimento das relações primárias, as associações voluntárias desempenham uma função fundamental na adaptação à mudança social, pois constituem um dos possíveis nós de articulação

entre o indivíduo e a sociedade através da criação de novos papéis e novas relações sociais. As formas de relações tradicionais, enquadradas por grupos primários como a família, os grupos de amigos, a vizinhança, tenderiam, segundo esta perspectiva, a serem substituídas por grupos secundários associados em torno de um ou vários objectivos comuns, o que originaria associações com diferentes graus de formalização. Por isso, elas são um dos espaços de interacção social característicos da sociedade urbana.

Podemos, portanto, considerar que as associações voluntárias desempenham, a par dum a função manifesta vinculada pelos objectivos explícitos - que socialmente constituem a sua razão de ser - uma função latente, implícita, de certa forma oculta. Por um lado, de socialização e integração social para o indivíduo, por outro, de mediação entre estes grupos primários e instâncias sociais mais vastas, como espaço de afirmação e expressão de valores e de integração de pequenos grupos de vizinhança, de amigos, de migrantes, etc. (Sills, op. cit.) para a sociedade.

O G.I.L.C.O. é uma associação com funções explícitas de instrução, recreio e cultura, claramente expressas na actividade regular da sua escola e na redacção dos seus estatutos. Em termos organizativos é uma estrutura altamente formalizada, que além de estatutos, possui uma sede social, diferentes categorias de sócios permanentes (efectivos, de mérito e honorários) e uma direcção (além da

assembleia geral e do conselho fiscal), altamente burocratizada constituída por um presidente, três vices-presidentes, seis secretários, dois tesoureiros e dois vogais com uma estrita divisão de tarefas entre os seus membros, que é responsável pelos destinos da colectividade. De acordo com os objectivos estatutários, as actividades desenvolvem-se em torno de dois polos: o ensino e o recreio. A primeira, consiste "no funcionamento de todos os graus de ensino na medida em que os seus recursos o permitam" e a segunda no desenvolvimento e estímulo "da prática das Artes nomeadamente o Teatro, a Dança e a Música; manter a acção didáctica e cultural da Biblioteca, ampliando-a sempre que possível; organizar festas, bailes, excursões e outros motivos de convívio, respeitando sempre as suas tradições; cultivar a prática do desporto, sempre com carácter amador, nomeadamente a ginástica" (Artº 2º, parágrafos 1 e 2 dos Estatutos).

Se o contínuo funcionamento da escola sempre respeitou esse objectivo inicial, o mesmo não se passa com o ideal de convívio cultural expresso neste artigo. A prática social de ocupação de tempo livre, fora dos horários escolares, desenrola-se nas diversas salas de jogo que ocupam a maior parte das dependências do rés do chão da sua sede, e no bufete (cf. Planta C). É entre as cartas, o bilhar, a laranjinha e o copo de vinho, os petiscos e a cerveja, que se situa o lazer dos sócios desta colectividade. As estruturas informais que espontaneamente se formam no seio desta associação em torno das actividades lúdicas que

constituem a sua sociabilidade real - completamente alheia à formulação dos objectivos de recreio cultural acima referidos - fazem surgir uma questão. A massa associativa, os indivíduos que se fazem sócios desta colectividade para usufruirem de um determinado lazer, não o fazem de acordo com a finalidade recreativa da colectividade, nem com os valores que subsumem a sua existência, fazem-no sim pela prática que ela permite e que é essencialmente semelhante à prática de lazer existente noutras espaços de convívio urbano que, pouco a pouco, vão escasseando.

A realidade associativa não é, portanto, una e coerente e mais correcto seria falar em realidades associativas, pois que ocorrem níveis de funcionamento distintos. Se se relacionar os objectivos (a razão de ser da associação) que estiveram na base da sua formação com alguns dos aspectos da sua existência nota-se que:

a) existe, por um lado, uma minoria de directores que, conforme estejam mais ou menos conscientes dos objectivos da associação (no domínio do recreio) assim tentam transformar mais ou menos determinadamente a sua vida de convívio e, por outro lado, uma maioria associativa que prossegue numa linha de continuidade com a tradicional ocupação de tempo livre das camadas populares masculinas das cidades: o jogo. Esta clivagem produz diferentes relações, tanto com o exterior, como a nível interno;

b) a associação, enquanto espaço de interacção social, preenche as mesmas funções integrativas e de socialização dos grupos primários, não parecendo, na sua prática

interna, constituir uma forma inovadora de relacionamento social, por comunhão de interesses e objectivos secundariamente vividos. Parece, sim, constituir um espaço alternativo ao desaparecimento de outros espaços de convívio, produtores de relações pessoalizadas de face a face.

IV.2. Pré-história do Grémio

A instrução e a educação popular foram uma das preocupações fundamentais da élite republicana(1) que, a partir de 1910 tomou o governo do país. Embora o poder monárquico pós 1820 se tivesse preocupado com o problema do ensino, elaborando reformas de instrução e pugnando pela "criação de escolas e outros meios de cultura" os resultados eram escassos. Em 1911, a taxa geral de analfabetismo era de 75,1%, menos 5,3% do que na viragem do século (Marques, 1975). Tornava-se urgente resolver o "problema cultural" do país. A legislação em 1911 tornava o ensino livre e oficial para todos e obrigatório entre os sete e os dez anos de idade. A difusão da cultura pelo povo constituía-se como um eixo central no desenvolvimento e progresso do país, durante tanto tempo adormecido no atraso da monarquia. "Através do país brotavam cursos públicos e livres de todos os tipos e a todos os níveis, organizavam-se conferências e outras manifestações de cultura popular, muitas vezes

mantidas pela iniciativa de associações culturais ou outras." (Marques, 1975, 95). Animados por este espírito, certos sectores urbanos empenharam-se em promover a criação de grémios, uniões, centros escolares, sociedades de instrução e musicais, toda a espécie de associações livres e democráticas que contribuissem para a materialização do ideal de um povo esclarecido e instruído, liberto das peias obscurantistas do analfabetismo e da ignorância do regime anterior. "Em Lisboa multiplicaram-se essas instituições nos locais onde a pobreza e o analfabetismo faziam sentir os seus tristes efeitos (...). Espalhados pelos quatro bairros da capital funcionavam numerosos centros republicanos os quais mantinham, com carácter permanente, escolas onde se ministrava às crianças mais pobres a instrução primária." (História da República, 485).

É neste contexto que surge o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, fundado em 10.6.1910 como continuação do Colégio Lisbonense sito na Rua da Piedade (Infantaria 16) nº 28, 2º andar, escola dirigida por republicanos e anti-clericais e frequentada por filhos de famílias liberais de Campo de Ourique. Transformada num "estabelecimento de incontestável vantagem para a causa da instrução" (Doc. 1), o grémio deslocou-se para um 2º andar esquerdo da Rua Ferreira Borges, nº 64, tendo iniciado a sua actividade no 3 de Outubro do mesmo ano. Após alguns conflitos entre o ex-director do Colégio Lisbonense e os restantes propulsores do Grémio Liberal, decidiu-se em assembleia geral dos sócios fundadores e outras "pessoas de

cotação do bairro", levada a cabo na cooperativa a Padaria do Povo, prosseguir com a difícil tarefa a que se propunha a associação recém-nascida e elegeram-se os primeiros nove dirigentes. "Cruzada altruísta" (Doc. 1) que no meio de graves dificuldades financeiras peregrinou por diferentes locais (Rua Tomás da Anunciação, 31, Rua da Piedade 30 e finalmente Rua da Arrábida 110, (hoje 104) 2º andar, foi sobrevivendo graças a algumas preciosas ajudas: um benefício no teatro das Trinas e no teatro Garrett, promovido por este pequeno grupo "de pioneiros do bem que todas as noites estacionava na casa da tia Iria - o rendez-vous preferido dos intelectuais da boémia alfacinha de então", carteiras obtidas graças aos esforços de um jornalista dedicado à causa republicana, "auxílio desvelado" da única professora com os ordenados sempre em atraso... (Doc. 1). Já no prédio actual, na Rua da Arrábida, o Grémio alargou-se para a área onde anteriormente ficavam o Clube Recreativo e o Teatro Garrett, estabilizou-se e foi reconhecido como instituição de beneficência por despacho ministerial de 10.9.1941.

Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique em 1910, foi-lhe retirada a designação Liberal em 1940, em 1943 passou a Sociedade de Instrução de Campo de Ourique, depois Sociedade de Instrução e Beneficência de Campo de Ourique, tendo readquirido apenas em 1974 o seu nome inicial.

A actividade mais importante e a sua base financeira continua a ser a escola primária,

actualmente, também, com níveis de infantil e ciclo preparatório, instalada num edifício novo destacado da sede do Grémio, no Largo Dr. António Viana. Esta escola, como base de apoio duma vida associativa que ultrapassa essa actividade, dá um enquadramento ético e vinculador de certos valores culturais a esta colectividade. As preocupações com o sector escolar são uma constante de todas as direcções desde o seu início, e estratégias várias são desenvolvidas a partir daí para angariar fundos e promover uma projecção social em relação ao exterior. No entanto, são as formas de sociabilidade no tempo livre que se geram neste espaço associativo, fora dos horários escolares e de trabalho, que constituem o tema central deste trabalho. Por isso, o quotidiano que interessa descrever é aquele que se produz e vive do jogo, aquele que com o entardecer se instala na sede do G.I.L.C.O. até que, à meia-noite, se fechem as suas portas.

IV.3. A vida associativa e os seus momentos festivos

Na prática de relacionamento do G.I.L.C.O. com o contexto social envolvente convém distinguir três níveis:

a) relações com as diferentes instâncias do poder (onde ele vai buscar auxílio material de várias ordens e com o qual tem de respeitar um sem número de regras

impostas como condição de sobrevivência e de reconhecimento social);

b) relações com as suas congéneres, particularmente as do mesmo bairro, ou seja todo o tipo de associações culturais, desportivas, recreativas, de beneficência, etc. (com as quais as regras de reciprocidade igualitária são outras e as relações regulares não possuem finalidades materiais);

c) relações que estabelece com a massa associativa ou seja, com a sua base social de apoio.

Além disto, com a Federação das Sociedades de Cultura e Recreio que exerce funções de controle social, de mediador com o poder político e de coordenação entre todas as associações bairristas e que, simultaneamente promove certas actividades gerais a todas as associações.

Deste modo, se as relações com a Câmara Municipal, o Governo Civil, o Ministério da Educação, a Direcção Geral de Contribuições e Impostos, a Junta de Freguesia, se materializam em pedidos de subsídios (que não são tão simbólicos quanto isso), verbas para obras e melhoramentos, isenções de impostos, ou, inversamente, no controle que estes órgãos fazem em relação ao Grémio (mapas de estatísticas, modelos de identificação dos sócios, distribuição de discursos, inspecções várias, etc.) as relações estabelecidas com as suas congéneres estabelecem-se em torno de assuntos bem diversos e dinamizam um sem-número de actividades entre os sócios.

Convites para várias actividades e comemorações (campeonatos e torneios de laranjinha, de sueca, de tiro aos pratos, bodos aos pobres, sessões solenes, aniversários, bailes e outras festas) correspondência de boas festas, agradecimentos e felicitações, votos de saudação, visitas de bandas e fanfarras, trocas de bandeiras e outros símbolos identitários, empréstimos de cadeiras, mesas e candeeiros, de salas, acordos vários, todo um ciclo interminável de convites de festas, de ofertas, de visitas... constituem laços de solidariedade entre diferentes colectividades, por meio das quais a vida associativa é dinamizada, estabelecendo a ligação entre o interior e exterior da associação. Destas relações com as suas congéneres, que variam em intensidade e regularidade, destacam-se aquelas que, pela proximidade geográfica do Grémio (como o caso do C.A.C.O., dos Alunos de Apolo e, apesar de mais distante, da Academia Verdi), e/ou pelas actividades que privilegiam, têm uma maior familiaridade com ele.

A cerimónia da sessão solene por altura dos aniversários ou da apresentação das listas dos corpos gerentes é, anualmente, um motivo de confraternização entre as sociedades recreativas de Lisboa. Aos convites de participação nestas comemorações cíclicas de renascimento dos ideários colectivos, o G.I.L.C.O. corresponde com telegramas de felicitações, enviando a bandeira ou estandarte, ou mesmo deslocando-se na representação duma

delegação de membros da direcção. Também no início de cada ano as actas das reuniões da direcção registam um acréscimo substancial de correspondência enviada e recebida com os desejos de boas festas, votos de saudação, etc.

A data do aniversário é, assim, o ponto alto do ciclo anual do Grémio: além de retribuir, convidando colectividades do bairro e entidades como Ministro do Interior, Governo Civil, Presidente da Câmara Municipal, Juntas de Freguesia de Santa Isabel e Santo Condestável, Federação das Sociedades de Cultura e Recreio, Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, a sessão solene e restantes festejos são preparados com meses de antecedência, sendo por vezes destacados alguns directores ou mesmo formada uma comissão para a organização destes festejos. Bazar, lotarias, bailes, bodos, cinema infantil, torneios relâmpagos, visitas e excursões, um cuidadoso programa que envolve vários dias de festejos e comemorações.

A.572 "Para comemoração do 48º aniversário da nossa 1.5.58 colectividade foi resolvido elaborar o seguinte programa: dia 1 de Junho - visita das nossas alunas a um asilo de ceguinhas e visita dos nossos alunos ao albergue dos Inválidos do Trabalho, distribuindo respectivamente bolos e tabaco. A noite, soirée dançante. Dia 2, 3 e 4 realização dum torneio relâmpago de laranjinha inter sócios. Dia 5 (feriado) visita dos alunos de ambos os sexos ao aquário Vasco da Gama e lanche na Tapada da Ajuda. Dias 6 e 7 - realização de um torneio relâmpago de bilhar inter sócios. Dia 8 - concerto pela Banda dos Alunos das Escolas Salesianas das Oficinas de São José. Dia 9 - soirée com a apresentação de uma peça teatral pelo grupo desportivo da Papelaria Fernandes. Dia 10 - alvorada - canto coral pelos alunos da nossa escola. Sessão solene -

distribuição de emblemas de dedicação aos associados que completam 25 anos, distribuição de diplomas aos alunos que fizeram exames no último ano lectivo, distribuição de prémios dos torneios. Inauguração da exposição dos trabalhos escolares. Dia 15 - almoço de confraternização e fecho das festas de aniversário."

Esta celebração conclui o ano lectivo da escola e é o cumular de mais um ano de vida da colectividade, o momento de paroxismo da vida associativa tanto interna como em relação ao exterior, concentrando e recriando, num curto período de tempo, as redes de interacção que ao longo do ano são lassas e ténues nos seus diferentes níveis (poder político, administrativo e local, criado nas relações de vizinhança, e de colaboração, convidando e visitando instituições próximas) promovendo a classificação de diferentes sócios conforme a antiguidade e a idade, premiando os alunos, tudo numa amena confraternização sob os auspícios da bandeira que neste dia é içada como símbolo da unidade da Sociedade. Dezenas de colectividades são referidas nas actas das reuniões com quem se mantêm relações amistosas, mais ou menos distanciadas, mas todas elas empenhadas em qualquer actividade central. São familiares e bairristas na sua essência e aglutinadoras de formas de sociabilidade semelhantes, sejam elas a Sociedade da Matinha com os seus campeonatos de chinquinho (Diário de Notícias, 25.5.1925), o C.A.C.O. a convidar para um torneio de tiro, a Sociedade Alunos de Apolo para um bodo a 400 pobres, o Grupo Excursionista Recreativo Familiar do Monte para um campeonato de laranjinha, ou a Academia Filarmónica

Verdi para a "noite das misses"...

A Sessão Solene e restantes comemorações do aniversário no dia 10 de Junho, os festejos natalícios e de passagem do ano, o Carnaval, são os momentos altos do ciclo anual da actividade do Grémio. No entanto, outras festas são improvisadas em diversas ocasiões, sobretudo nos meses de inverno. Um baile pode ser improvisado em honra dos sócios de outra colectividade que à sede se deslocaram para participar num torneio de laranjinha, um almoço de confraternização sugerido por alturas de um outro campeonato, o baile da Micarema que nem todos os anos se realiza... Numa acta de 1958 pode-se ler a seguinte decisão

A.584 "Ficou resolvido dar início à época de inverno com 27.9.58 a abertura de bailes mensais, realizando-se o primeiro no dia 12 de Outubro, ficando assentes os seguintes preços: sócios: 5\$00/senhoras 4\$00 e convidados 12\$55"

ou que "a secção de campismo se encarregará de organizar festas no primeiro e terceiro domingo de cada mês". No entanto, estes acontecimentos não têm regularidade certa e segura dum Carnaval ou dum aniversário. Em Março de 1968 alguém desabafa na direcção que os bailes mensais deviam ser reatados...

No inicio de cada ano, o primeiro assunto a ser discutido é a realização dos festejos do Carnaval que se aproxima: orçamentos dos grupos musicais que estão dispostos a abrilhantar as festas, qual o programa e os preços de entrada para os bailes. Se em 1943 são os grupos privativos da Sociedade Filarmónica Operária Amorense que

actuam - o Grupo Jazz "os Livres e os Maravilhosos" -, em 1950 discutem-se orçamentos de vários grupos.

A.349 "Orçamento dos diversos conjuntos musicais que se 20.1.50 propõem abrilhantar a nossa festa de Carnaval: a orquestra os Rumbas, Leão de Ouro, Tropical, Quinteto de Fabiana Eugénia orçamentaram respectivamente em: 6.500\$, 7.000\$, 6.500\$ e 8.000\$. Ficou o Tropical."

Em 1958 aceita-se a proposta de dois conjuntos.

A.561 "Carnaval de 1958 - aceite proposta dos conjuntos 5.2.58 "Vera Cruz" e "Alves Coelho (filho)" para abrilhantar os respectivos bailes, respectivamente pelas importâncias totais de 760\$00 e 8.000\$. O primeiro actuará no dia 9 (Domingo Magro) e 23 (Pinhata). O segundo actuará nos dias 15 (noite), 16 (tarde e noite), 17 (noite) e 18 (tarde e noite) do mês de Fevereiro de 1958. Considerar matiné infantil no dia 16 dedicada aos alunos da nossa escola, os quais se divertirão no salão da laranjinha, ficando o salão anexo reservado às suas famílias."

Em 1962 tenta-se ultrapassar a indecisão entre o "Lua azul" e o "Brasília", ambas demasiado caras para a situação financeira da sociedade. "Em virtude das restrições provenientes pelo momento actual que o país atravessa", prefere-se abrilhantar as festas com instalação sonora. As despesas são elevadas, contribuindo para isso os orçamentos dos grupos musicais, e ainda as inúmeras licenças de diversas entidades: Governo Civil, Sociedade dos Direitos de Autor, Inspecção dos Espectáculos, Federação das Sociedades de Cultura e Recreio...

Para além das festividades carnavalescas e das celebrações do 10 de Junho surgem inúmeras referências a um

outro festejo: a Festa da Primavera, que tem lugar no final do Inverno de cada ano.

A. 351 "O Sr. Presidente leu o regulamento da grande Festa
4.3.50 da Primavera, concurso que se destina a eleger uma Rainha e quatro Princesas e a disputar entre meninas representantes entre as Colectividades de Educação e Recreio de Lisboa."

A. 679 "Festa da Primavera: sucesso (...) elogios,
2.4.62. brilhantismo, boa organização da comissão de festas (...) foram enviados agradecimentos aos artistas: Madalena Iglesias, Carmencita Lopes, os Dois Rapazes, fadistas Alfredo Duarte José e Alice Maria (...) às casas típicas que cederam os fadistas, ao sócio que os transportou e à esposa. Foi dada uma gratificação ao contínuo e ao paquete. O primeiro secretário falou, na festa, com um funcionário superior da Refinaria do Ultramar que ofereceu livros: ficou decidido agradecer."

Festas colectivas como campeonatos, bailes, matinées dançantes - ou festas familiares como aniversários, baptizados e casamentos, organizados pelos sócios, mediante pedido de cedência das salas adequadas para o efeito (normalmente o terraço) - distribuem-se ao longo do ano, com alguns momentos mais importantes e intensos que outros, a quebrar a rotina do convívio diário dos seus sócios. O jogo não pára e também tem os seus momentos altos - os torneios inter - sócios ou inter - colectividades; o bufete funciona sempre, mesmo com os problemas de exploração que lhe são inerentes. É este o quotidiano do G.I.L.C.O., apesar dos ideários de recreio dos seus estatutos, neste tempo de lazer vazio de qualquer finalidade que não apenas o prazer do jogo e o pretexto da conversa e da bebida que se prolonga na memória de um dia a dia que certos velhos

continuam a actualizar - e que não escapa ao registo gráfico das actas das reuniões semanais da Direcção.

IV. 4. O Jogo, a Bebida e o Recreio

As aulas diárias ocupavam a sede do G.I.L.C.O. durante o dia. Ao cair da noite, ele abria as portas aos seus sócios e até à meia-noite o bufete e os salões de jogos animavam-se. Hoje, o horário continua a ser entre as 20 horas e as 24 horas nos dias de semana, das 14 às 24 nos sábados, das 14 às 20 nos domingos e feriados. De dia encontra-se fechado e silencioso, à excepção dos dias de limpeza, de preparação de alguma festa ou de alguma obra em curso.

Os assuntos relacionados com as actividades de jogo, o funcionamento do bufete e o comportamento dos seus empregados e contínuos, constituíram sempre os temas mais polémicos nas reuniões da Direcção.

A. 40 "Foi deliberado afixar avisos dando conhecimento 4.2.43 aos sócios frequentadores da colectividade de que os jogos autorizados deverão terminar às 0 horas com uma tolerância de 30 minutos, a fim de ser dado cumprimento ao superiormente determinado."

Os sócios têm acesso aos jogos (de laranjinha, de bilhar, negus, dominó, damas, cartas) mediante a compra de um talão ao contínuo ou ao barateiro (o pagamento do barato). Este ajudado por um empregado do bufete que fornece a bebida aos sócios, encarrega-se de supervisionar

e controlar a actividade do jogo, já que a cada um corresponde um determinado preço e outros são proibidos, como o poquer, o sintético, o bluff. Em Abril de 1943, a Direcção discute a forma como certos jogos podem trazer vantagens para a colectividade

A. 44 "Por iniciativa do Sr. Presidente da Assembleia 3.4.43. Geral foi apresentado nesta direcção um projecto que tem por fim estabelecer normas entre os jogadores do «burro» com o fim de estabelecer um auxílio mensal que será destinado: uma parte para a admissão de um groom para maior comodidade dos citados jogadores, o qual servirá de intermediário entre os sócios que estiverem jogando e o bufete, uma parte para gratificar o contínuo e a outra parte ao auxílio escolar. A Direcção aprovou por unanimidade (...) manifestando grande satisfação por tão útil como simpática iniciativa resultar em benefício da sociedade (...) e o seu reconhecimento pelo altruísmo que esta iniciativa representa e ousa esperar que este exemplo de colaboração entre a Direcção e os sócios da qual só resulta vantagens para o desenvolvimento da nossa Sociedade, seja compreendido e seguido por todos."

Esta colaboração é por vezes difícil e cai repetidas vezes na incompreensão mútua provocada pelo frequente despoletar de conflitos no espaço do jogo - com uma maior frequência na laranjinha - não só entre sócios, como também com os empregados. Alguns destes conflitos são discutidos entre os directores, nas suas reuniões semanais, e os sócios são chamados a justificarem a sua conduta. O castigo vai desde a admoestaçao, repreensão registada, ou suspensões de 1 a 6 meses à expulsão nos casos mais extremos. Os empregados da colectividade, esses, são frequentemente despedidos por embriagués, por falta de respeito aos superiores hierárquicos, por incorrecção ou

por negligência das funções que desempenham.

A. 558 "O contínuo deve manter-se das 20.30 às horas junto
3.1.58 ao bengaleiro a fim de controlar as entradas de indivíduos estranhos à colectividade, excepto quando tenha serviço exterior determinado por algum director, ou esteja a dar a folga a alguns empregados. Foram dadas instruções ao contínuo que não pode permitir a entrada a pessoas estranhas à colectividade, sem autorização do director de serviço, ou por quem o substitua."

Até uma certa altura, o contínuo acumulava as funções de porteiro, de barateiro, de empregado de bufete (nas folgas deste) a ponto de ser difícil cumprir todas estas tarefas. Várias iniciativas foram tentadas para resolver esta situação.

A. 181 "Foi aprovada a ideia de se arranjar um armário 27.6.47 para cartas e utensílios de jogo, para que o contínuo não se esteja sempre a ausentar da sala e a fim de mais rapidamente atender os sócios (...)"

Mesmo quando um sócio se oferece como empregado do salão de jogos e se torna barateiro (em 1948) continuam a surgir problemas com as ausências do contínuo, que por vezes exagera no seu descontentamento, razão que leva um presidente a concluir que "o contínuo é o cancro da colectividade..."

A. 368 "Atitude conflituosa do contínuo (que deu mostras 28.11.50 de embriaguês) dizendo que a colectividade lhe pagava mal, não chegando o seu vencimento para comer, chegando ao ponto de insultar alguns directores, nomeadamente o nosso tesoureiro (...) Foi decidido chamá-lo à Direcção, acabando o T. por declarar que logo que lhe aparecesse qualquer outro emprego abandonaria a sociedade, comprometendo-se a não se afastar do serviço sem que houvesse outro contínuo."

A.682 "Bufete - pouca eficiência do continuo (...)
7.5.62 actuação como funcionário bastante censurável, pois se verifica dia a dia um maior relaxamento nos serviços e a forma incorrecta como lida com os sócios (...) Foi resolvido oficial o sr. presidente do Conselho Fiscal no sentido de ser levantado um inquérito a este e outros actos do referido funcionário (um familiar dum sócio pediu papel para embrulhar rebuçados e obteve como resposta «só tenho papel higiénico»; ou o facto de não ter entregue correspondência importante no devido tempo)"

A exploração do bufete é outro dos pontos fulcrais de discussões na Direcção. Tenta-se a sua adjudicação, pois a exploração por parte da Direcção ou empregado auxiliar é extremamente deficiente. Abre-se concurso, convida-se um sócio para o explorar mediante uma renda, sócio este que aceita e depois se vai embora, repetindo-se esta experiência. Com o seu empregado também surgem continuamente problemas, é-lhe lembrado o seu horário por vezes não cumprido, é-lhe censurado o consumo exagerado de bebida, etc. Idênticos problemas surgem com o barateiro que não controla devidamente as entradas dos não sócios, que por vezes não entrega os talões como é da sua obrigação, outras vezes não está presente e os sócios têm de arrombar a gaveta das cartas...

"Havia toda a conveniência em arranjar cinzeiros para as mesas de jogo, cabides, e mesinhas para as bebidas para não estragar o pano verde", é registado em Janeiro de 1947 no grande livro das actas da Direcção; "devia-se comprar mais vinho do Porto porque a colectividade consome em média quatro garrafas por semana não sendo suficiente até agora

as garrafas existentes". Neste ano um jogo de bilhar é vendido e em 1950 o negus, ou jogo de laranjinha de salão, é alugado a um bar na Buraca; em 1965, é oferecida uma mesa de ping-pong por um consócio, em resposta ao anúncio que a pedia com "o fim de se chamar maior número de sócio jovens ao nosso convívio". A actividade lúdica centraliza-se na laranjinha e nas cartas. Em 1958 re-regulamenta-se os baratos dos jogos.

A. 564 "Barato de jogos: por se ter verificado um aumento
 5.3.58 de despesas, foi resolvido alterar os preços dos baratos de jogos, da seguinte maneira: a sueca passa de 70 centavos para 1\$00, crapeau passa de 80 centavos para 1\$00; solo passa de 1\$00 para 1\$50; burro passa de 2\$00 para 2\$50; lique de 70 centavos para 1\$00; dominó de 80 centavos para 1\$00; king de 1\$00 para 1\$50; damas de 70 centavos para 1\$00; laranjinha (meia hora) passa de 1\$60 para 2\$40 e uma hora de 3\$60 para 4\$80; bilhar mantém-se o preço de 4\$00."

No ano seguinte, a Direcção discute preocupadamente a falta de afluência de sócios à colectividade e alguém sugere a organização de um campeonato de sueca "para dar mais vida à sociedade", seguido de um de laranjinha, caso se consiga mandar fazer mais algumas bolas que são necessárias. Na década de 60, o jogo exige uma regulamentação mais apertada: a licença anual é de 2.200\$00, a Federação de Sociedades de Cultura e Recreio informa sobre "os jogos que por determinação do Sr. Governador Civil estão proibidos". Em 1965 o presidente da Direcção desloca-se a esta Federação para ficar ao corrente da nova legislação sobre os jogos. Entretanto é aprovado um regulamento novo para o seu funcionamento e exploração no

interior da associação e o empregado é chamado à sala da Direcção para dele tomar conhecimento.

É difícil por vezes fazer a mediação entre as autoridades que controlam as associações populares e a sua base associativa, com as suas práticas quotidianas de lazer.

A. 717 "Ronda de polícia: tendo o piquete de serviço da 27.5.63 polícia visitado a colectividade, encontrou diversos sócios jogando às cartas num jogo chamado buraco, o qual não figura na classificação dos autorizados, levantou o respectivo auto, acrescido da colectividade estar aberta fora das horas regulamentares. Os srs. directores R.P. e A.C., por estarem presentes na referida noite deram explicações sobre os esclarecimentos que tinham dado à polícia assim como da identidade dos jogadores. Ponderado e discutido o assunto, resolveu a direcção usar de medidas enérgicas no sentido de fazer respeitar a lei no tocante ao acabamento dos jogos e encerramento da colectividade, assim como tornar-se solidária com a responsabilidade que venha a ser assacada aos jogadores."

Mais uma vez é o contínuo responsabilizado por este incidente, pois que "se encontrava em todos os sítios menos naquele que lhe competia em vez de impedir a entrada sorrateira da polícia e a sua permanência no salão dos jogos."

Mesmo sem interferência de autoridades exteriores, existe um controle rígido das condutas e atitudes dos sócios, por parte dos seus corpos gerentes. Devem-se comportar correctamente dentro das instalações do Grémio e abster-se de atitudes comprometedoras da boa convivência e da vida normal da colectividade num modelo de atitude que,

muitas vezes não se concilia com a dinâmica do jogo e muito menos com a exaltação que a convivência masculina e o consumo do alcoól provocam. Insultar, oferecer bofetadas, desentendimentos ruidosos são razões suficientes para choverem castigos que vão da repreensão à irradiação da colectividade. Até insinuações de certas atitudes menos correctas da Direcção são consideradas ofensas graves.

A. 748 "Sócio admoestado: este associado pusera em dúvida 19.3.64 se entrariam ou não nos cofres da colectividade os donativos - se existissem - quando da cedência do terraço para festas a sócios da colectividade; e que as esposas dos directores não pagavam entradas nos bailes do Carnaval, etc. Não se lembrava de ter dito isso e pediu desculpa."

Em qualquer destes casos o estado de embriaguês serve como atenuante de maus comportamentos, da mesma forma que o arrependimento espontâneo

A. 825 "Um sócio pede para reingressar, apesar de ter sido 25.2.66 expulso: atendendo à espontaneidade do pedido e a ter sido aluno vai-se apresentar o caso na próxima Assembleia Geral."

O jogo rotineiro também tem os seus momentos altos. Campeonatos de laranjinha e de sueca, torneios de tiro aos pratos, promovidos pelo Grémio ou por outras associações que atempadamente o oficiam para que os seus sócios possam participar, estes encontros inter-sócios e inter-colectividades são momentos importantes de convívio que por vezes se prolongam em almoços de confraternização, bailes, etc. Frequentemente eles enquadraram-se nas festas de aniversário do Grémio (cf. supra).

Mas nem só de jogo vive o Grémio. Tem um serviço de banhos para sócios - que também serve aos não sócios - que por vezes faz perigar o decoro que se requer, por não cumprimento dos horários

A. 770 "Banhos: o sr. P.J. propôs, baseado em expressões 20.9.64 de desagrado que tem presenciado por parte de sócios da colectividade, que a taxa pela utilização dos balneários seja menor para estes e superior para os não sócios, além de que deveria existir o direito de prioridade para os sócios. Ainda sobre os banhos disse que também o horário deveria ser modificado, pois tal como está anunciado o aviso diz «que os banhos terminam aos domingos às 13h», o que tem sido mal interpretado pelos utentes que chegam a entrar nos últimos minutos o que prolonga o serviço até perto das 14h. Ora, abrindo a esta hora as portas da colectividade aos associados, torna-se impossível promover às necessárias limpezas, sucedendo com frequência que enquanto a empregada está a trabalhar, os sócios se utilizam das instalações sanitárias sem o cuidado que o decoro requer."

Também tem um terraço disponível para festas de casamento, de aniversário ou baptizado que os sócios ou familiares desejem fazer. Desde 1964 possuem uma máquina de totobola instalada no bufete após sugestão do sr. vice presidente:

A. 750 "O sr. vice presidente sugeriu que, em face da 7.4.64 quebra de receitas verificada nos jogos ultimamente, era de toda a conveniência tornarmo-nos agentes do totobola, o que foi bem aceite e aprovado."

A eventualidade da aquisição de um aparelho de televisão como atracção capaz de provocar o aumento da frequência dos sócios suscitou várias discussões nestas

reuniões. Em Outubro de 1960, pela primeira vez é alvitrada a hipótese desta instalação:

A. 640 "O sr. presidente versou o caso da pouca frequência 19.10.60 de sócios que se nota actualmente na nossa colectividade o que provoca grande quebra nas receitas. Com o intuito de se tentar maior frequência de sócios e suas famílias, alvitra que estudemos a compra de um aparelho de televisão. Quanto à sua instalação é de opinião que seja feita no salão de jogos. Para que este seja desocupado das mesas de jogos e como a laranjinha está tendo pouca frequência, lembra a cobertura de um dos jogos e ali se colocarem as mesas saídas do salão."

Em Fevereiro de 1962

A.674 "Considerados e debatidos os prós e os contras e as 5.2.62 possíveis reacções dos sócios que quasi diariamente frequentam as nossas salas, foi resolvido suspender a sua aquisição e fazer previamente uma consulta aos frequentadores habituais da colectividade para colher alvitres sobre a aceitação por parte dos sócios e o local da sua instalação."

Só em Março de 1963 o primeiro secretário é encarregado de "entabular negociações para a sua aquisição" e um mês depois é escrita uma carta ao sr. Director Geral das Contribuições e Impostos pedindo isenção do imposto de consumo pelo aparelho de T.V. adquirido. De início é possível reservar mesas para o seu visionamento o que gera problemas, já que alguns sócios marcam a sua mesa e depois não aparecem, passando a ser proibidas as marcações; no primeiro inverno da sua instalação no terraço, fala-se na necessidade de um aquecimento para esse espaço e mais tarde afixam-se avisos comunicando a obrigatoriedade no consumo por parte de quem se senta às mesas durante as emissões; em 1963 é referido que se parte muita loiça nas sessões de

televisão e que os seus responsáveis passam a pagá-la...

Outras actividades são tentadas com menos sucesso. Pontualmente, fazem-se sessões de cinema infantil aquando de alguma comemoração importante. Em 1961, uma proposta de teatro associativo fica-se pela sugestão. Seis anos mais tarde decide-se fundar um grupo cénico e após a sua estreia a Direcção regista em acta o facto, regozizando-se pela colectividade "dar o contributo a mais uma manifestação de cultura que é afinal a sua finalidade." Numa anterior representação teatral, efectuada pelo grupo cénico da Fimma-Leever no palco emprestado do Grémio (salão de jogos) e apesar dos avisos ai colocados, estalara um conflito com os jogadores cujo resultado fora a expulsão de um sócio.

A. 866 "Teatro incidente: durante o espectáculo oferecido 26.4.67 pela Fimma-Lever realizado no passado sábado, dia 22, com agrado geral dos que assistiram, alguns sócios que pretendiam contrariar a deliberação unânime da Direcção insistiram em jogar nessa noite, quando só estavam autorizados a fazê-lo das 14 às 20.30 conforme aviso que se afixara. Como tal não fosse autorizado, alguns consócios permitiram-se criar discussões, propositadamente em voz alta, aliciando outros, o que redundou em prejuízo do espectáculo e que ia levando à suspensão do mesmo, tal o alarido e ambiente causados."

Quanto à biblioteca poucas referências são feitas. Em 1953 a Câmara Municipal de Lisboa ofereceu uma biblioteca o que provocou obras de limpeza no espaço consagrado a essa finalidade (e que habitualmente servia para guardar o bilhar e outros objectos nos dias de festa, razão pela qual a sua porta fora alargada), em 1964 é decidido abrir este

espaço de cultura a todos os moradores do bairro de Campo de Ourique, sócios ou não, em 1968 é chamado um sócio para dela se encarregar... Excursões também são raras. Os transportes são dispendiosos e apesar das discussões sobre a sua realização, acabam por não se realizar.

Na realidade, o que fica da leitura destas actas e das lembranças desta fatia de vida associativa de cerca de 30 anos são os campeonatos e os torneios, o quotidiano animado do bufete e do salão de jogos, as festas e os bailes, e o intercâmbio com as colectividades mais próximas para os prazeres de um ócio pouco endinheirado. Fora dos momentos festivos que pontuam o ciclo de actividades do Grémio, o que ocupa o tempo e o espaço associativos é a actividade de jogo e a permanência (ou passagem) no bufete. Os assuntos relacionados com estas actividades não são pacíficos e as reuniões da direcção enchem-se de discussões a propósito do modo "selvagem" e pouco digno como são vividas, seja numa tentativa de as recuperar para as finalidades iniciais do tipo de lazer previsto nos estatutos (A. 414), aumentar a afluência dos sócios, seja na imposição de regras estritas de funcionamento das mesmas (A. 28, A. 181, A. 564), seja na promoção de campeonatos e torneios.

E sobre esta rotina de convívio masculino, ficam também as apreciações, as valorações de quem governa os destinos desta colectividade a ética de uma associação, a acentuada distância entre a prática dificilmente controlada pelo que é estipulado nos estatutos e o conteúdo destas normas idealizadas, o esforço em transformar os valores

vinculados por um modo de vida popular urbano enraizado e reproduzido num contexto globalizador diferente do do microcosmos societário do G.I.L.C.O.. E também a afirmar uma identidade, acentuando as diferenças das outras colectividades próximas (como a Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo) traduzidas em expressões como "não nos dedicamos à dança por isso não participamos na noite do swing na Feira Popular" ou no conflito estalado aquando de um baile dentro das portas do Grémio, provocado pela imoralidade de determinada dança:

A.24 "No baile de 28 para 29 de Junho pelas 2 horas da
1.7.42 manhã notou (o presidente) que um casal, cujos nomes revelará oportunamente, se for necessário, saía do salão de baile para o quintal dizendo: vamos embora que isto já não é dançar, já ninguém se entende, os encontrões são tantos que se não podem suportar e isto não é decente. Em face do que acabava de ouvir, o presidente entrou no salão e, com surpresa sua, verificou que um grupo de cavalheiros agarrados às damas pelas costas, segurando estas pelas ancas, dançavam meneando-se apenas, fazendo movimentos de flexão do tronco, fazendo passagem sob um arco formado pelos braços, o que provocava maior aproximação dos pares. Era a conga ou suinque, dançada indecorosamente, o que aliás é expressamente proibido por Sua Excelência o Governador de Distrito. Esta dança por este processo, não tinha ainda sido exibida neste salão desde que a actual Direcção se encontra à frente dos Destinos desta Colectividade. Por isso a sua surpresa, já por se tratar de uma dança proibida pela autoridade, a quem devemos respeito e acatamento, já por a reputar incompatível pela boa moral que devemos defender (artº 1º parágrafo 5º dos estatutos). Não hesitou por isso em pôr-lhe cobro e imediatamente se dirigiu ao chefe do jazz a quem disse: acabe lá com essa música e toque outra, porque esta não é própria para esta casa, que tem essencialmente por fim instruir e educar. Aquele fez logo sinal com a cabeça de que ia satisfazer os desejos do presidente pelo que este se dirigiu ao bufete. Antes porém de aqui chegar notou que os acordes de música haviam terminado, todavia um som semelhante ao do Batuque Africano feria ainda mais

os ouvidos dos assistentes, produzido pela acção do executante do jazz (bombo) e isso chamou a atenção do presidente que teve então ocasião de constatar que os músicos em plena sala de baile e misturados com os pares de dança, sócios e convidados e suas famílias, dançavam também de instrumentos ao ombro. Era uma perfeita anarquia, irreverente o procedimento dos músicos e pouco digna a atitude de alguns pares dançantes. Em face disto, o presidente dirigiu-se ao executante do jazz e convidou-o a parar, a fim de acabar com semelhante estado de coisas pouco dignificantes para a nossa sociedade, tanto que já se começava a dizer que aquilo era pior que a Apolo. O homem do bombo não cedeu logo mas o presidente agarrou na batuta e obrigou-o ao silêncio. Os pares pararam. Ninguém percebeu o que acabava de suceder porque a acção do presidente foi correcta, serena e sem dar nas vistas."

Também a relação com o jogo é problemática: torneios de laranjinha e de bilhar programados para finais de Junho (1947) são adiados para Outubro "em virtude de se ter verificado que não era esta época propícia a torneios desta natureza e com a agravante de se estarem a realizar as festas da cidade". Ou ainda quando um sócio se oferece para se ocupar dos jogos da colectividade e é chamado à Direcção que lhe diz que devia fazer à sua carta a rectificação da palavra barateiro para empregado de salão de jogo, naturalmente pela conotação que esta palavra possui com o vocabulário de taberna.

É recorrente a formação e enaltecimento de comissões que melhor encarnem o espírito da colectividade:

A. 675 "Comissão de festas e melhoramento: traduzem 15.2.72 o seu pensamento em organizar diversas iniciativas tendentes a angariar novos sócios, promover a divulgação da colectividade, movimentar e expandir a secção de teatro, também a secção de campismo e que, pela quadra do Natal, vista, calce e distribua brinquedos pelos alunos pobres, pensando também em organizar excursões e festas recreativas."

E perante a estagnação natural da biblioteca, considerada pilar fundamental da colectividade contra a realidade que a cerca, a tentativa infrutífera de a alargar e "lhe dar vida", pela nomeação de uma comissão de sócios bibliotecários:

A. 379 "Biblioteca: foi nomeada uma comissão de sócios 22.2.51 (...) como é do conhecimento de todos as funções de uma biblioteca dentro de uma sociedade como a nossa é verdadeiramente valiosa. Pelo que representa no sentido cultural e pelo que possamos fazer para o seu desenvolvimento, deve merecer o incondicional apoio de todos aqueles que dão valor à formação individual dos indivíduos."

E a discussão sobre o local apropriado para as fotografias de alguns sócios:

A. 385 "Todas as instituições têm as suas figuras gratas, 11.4.951 galeria de honra enternecedora de louros pelo muito que fizeram em prol da colectividade. Na nossa sociedade existe uma série de fotografias de sócios muito prestimosos e de beneméritos da instrução cuja acção merece o maior respeito. Dentro deste pensamento, resolveu a Direcção que estes retratos fossem colocados na biblioteca, lugar mais próprio, pois é o local mais visitado por todos que honram a nossa colectividade com a sua presença (...) depois de discutido este parágrafo ficou resolvido afixar-se os retratos no hall e alguns no gabinete da Direcção."

O Grémio é uma associação familiar e fechada como exemplifica a seguinte discussão:

A. 830 "J.C. da comissão de festas sugere um baile da primavera no salão do C.A.C.O. para que a festa tivesse mais brilho; propõe convidarem Madalena Iglesias, António Calvário e Sérgio Borges, os três primeiros classificados no cine RTP (...). Depois de discutido resolve-se fazer esse baile na S.I.C.O. (...) Festas pequeninas mas airochas e dentro da nossa casa, mesmo que se ganhe menos (...). A

realizar-se esta festa fora da porta da colectividade, a mesma perderia a sua originalidade e a característica familiar o que não era aconselhável pois nem sempre o factor financeiro se deve sobrepor à finalidade da S.I.C.O., disse o presidente. ”

O elemento feminino está praticamente ausente da vida íntima desta colectividade e os jovens são muito poucos. Situação que, por vezes, preocupa quem se ocupa dos destinos da associação, levando-os a apelar para a constituição de uma comissão de senhoras que se faça representar na chegada do Presidente da República, ou por altura das festas de aniversário quando é necessário proceder à decoração do terraço, arranjar prendas, colaborar no almoço dos alunos, etc. Noutras ocasiões por vezes as mulheres são causas de conflitos:

A. 398 "Foi exposto à Direcção um incidente havido no 21.9.51 baile do dia 16 entre o consócio X e o consócio Y pelo facto de o primeiro ter andando a dançar com a filha deste sem prévia autorização. Seguiu-se discussão e o senhor X manifestou o desejo de vir ao gabinete da Direcção acompanhado do sr. Y para expor as suas razões: que fizeram não se comportando ambos com a devida compostura. A Direcção resolveu, atendendo aos antecedentes desfavoráveis do sr. X que fosse suspenso dos seus direitos de sócio durante 90 dias."

Preocupações com a imagem do Grémio, que não corresponde à sua vivência quotidiana interna é também recorrente. Bem como o empolamento público de um acto cívico, como a entrega de um objecto valioso encontrado por uma aluna, sendo o exagero publicitário deste acto só por si significativo do grau de explicitação que determinados valores têm de ter para sobreviverem e existirem:

A. 711 "Aluna 102 da 2^a classe: (no Carnaval uma menina
11.3.63 deu um relógio que encontrou). O Conselho Escolar
propôs fazer uma ordem de serviço e escrever uma
carta ao encarregado de educação exaltando o bonito
acto. O sr. Presidente disse que na sessão solene
se deve relembrar o facto e dar um prémio.
Relacionado com o facto foi pelo consócio H.C.
oferecida uma fotografia formato 24 por 36
representando a referida aluna entregando o achado
ao seu proprietário."

Entre a prática do jogo, a bebida e o desejo dum
recreio cultural e ético, ficam as actas da Direcção <numa
fatia entre 1940 e 1970> que deixam transparecer duma forma
clara o esforço contínuo em domesticar a actividade de
lazer (actividade esta que possui as suas raízes noutras
espacos de sociabilidade) pela aplicação de normas
vinculadas por um ideário associativo produzido noutro
contexto social (cf. IV.2.).

NOTAS

(1) "Nos anos que precederam, de perto, a queda da monarquia, a acção do partido republicano desenvolveu-se com uma intensidade crescente. Por todo o país se criaram organismos que o representavam e (...) aumentavam dia a dia a sua influéncia e contribuíam para o seu prestígio comissões distritais, concelhias e paroquiais, agindo em perfeita comunhão de ideias e sentimentos. (...) Nos capítulos da instrução e da assistênciia os seus serviços excediam a acção do Estado monárquico, constituindo um exemplo de civismo e solidariedade sem precedentes na vida portuguesa" (História da República, 485).

CAP. V A FAMÍLIA DA LARANJINHA

O estudo do jogo da laranjinha, como actividade através da qual se geram relações solidárias entre os indivíduos, passa por uma descrição a vários níveis: primeiro, do jogo no seu aspecto formal e ritualizado, (articulando as suas bases material, normativa, dinâmica, corporal, etc.), segundo, do seu percurso histórico (através da memória escrita e falada, antiga e recente) e terceiro, dos seus espaços sociais de produção, numa tentativa de caracterizar a especificidade deste grupo informal que sobrevive no seio de grupos formalizados e que se auto-designa como a "família da laranjinha".

V.1. O ritual do jogo

"É um estilo de bilhar não sofisticado,
um bilhar para outra gente..."

Jogo de pontaria e de força, a laranjinha joga-se num campo rectangular de cerca de 9 metros de comprimento por 1,80 metros de largura, escavado no chão duma sala própria: a sala da laranjinha. O terreno deste enorme tabuleiro é de terra batida e deve estar coberto por uma mistura de areia

e caliça para que as bolas rolem bem por ele. É limitado por duas tabelas laterais(1) de madeira resistente (mangue ou sucupira) com uma altura de 22 a 25 cm presas por vários esticadores, de número variável, conforme o campo. Na sua base existem umas cantoneiras de ferro por onde passa o rodo para alisar o chão (fig. 1). Os topes ou cabeceiras do campo são cobertos por cortiça servindo para amortecer a pancada das bolas.

As bolas são preferencialmente duma madeira "exótica" (pau-ferro, jacarandá, ébano), têm um diâmetro variável, entre 12 e 15 cm, conforme a mão e a técnica do jogador - se for jogada de pé, terá de ter uma bola maior do que o jogador de mão (cf. infra). Convém que sejam fabricadas por um bom torneiro para se garantir uma esfericidade

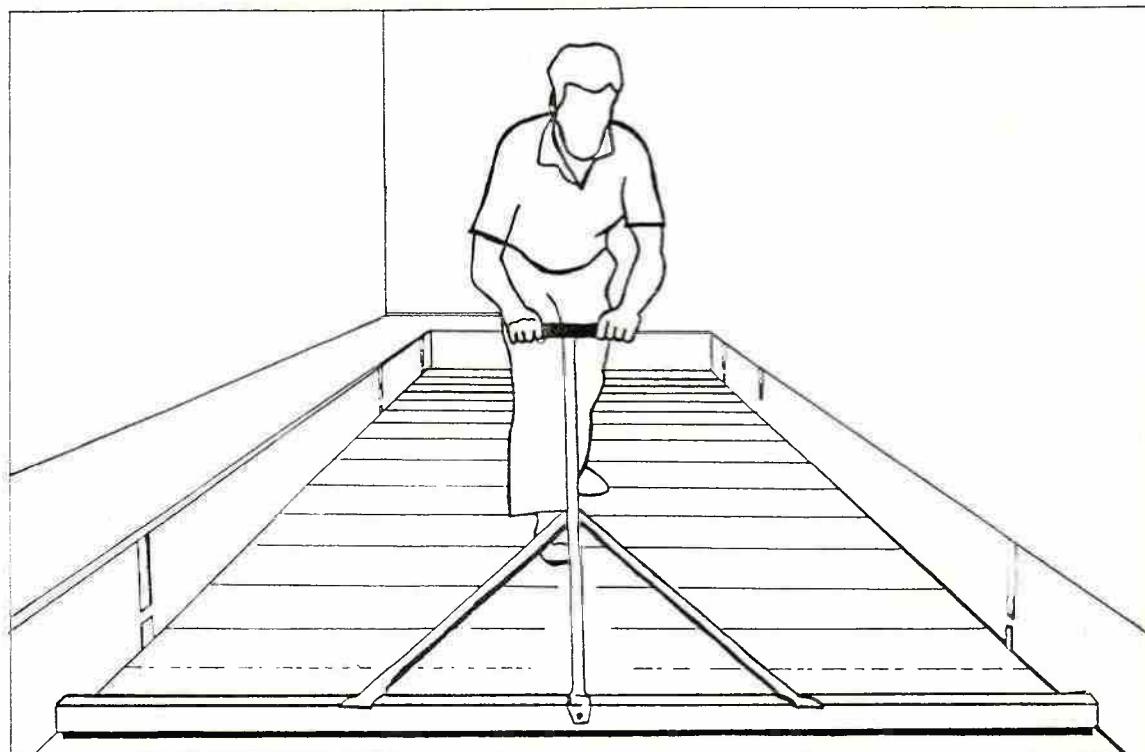


Fig. 1

rigorosa. Têm um peso aproximado de 2,5 kg. A laranjinha é uma bola mais pequena, também de madeira, com cerca de 4 cm de diâmetro e 100 gr de peso e é em relação a ela que todo o jogo se desenrola. No início do encontro, ela é colocada numa pedra com um buraco, no meio da cortiça do fundo.

No terreno do jogo existem várias marcações a giz: uma linha longitudinal e outra paralela às tabelas indicam o meio do campo, duas linhas paralelas indicam a zona onde os pés do jogador se devem colocar (fot. 3, 33, 39, 43, 46), e no centro, costuma desenhar-se um círculo onde se identifica o local ou as caixas (equipes) que se disputam (fot. 9). As bolas também são marcadas a giz pelo jogador (fot. 2). No meio das tabelas encontram-se pregadas duas placas de ferro pintado onde as bolas não podem tocar, designadas por "polícias" ou "garrafinhas".

O objectivo do jogo é acertar com a bola na laranjinha, depois de ter feito tabela num dos lados do campo (no quarto anterior ao "polícia" e antes de atingir a cortiça do fundo - cf. fig. 2). Se o jogador for bem sucedido ganha 5 pontos numa escala de 31. Quando todas as bolas foram já lançadas, a que estiver mais próxima da laranjinha permite à equipe a que pertence, mais um ponto, ganhando o tento e garantindo-lhe o privilégio do lançamento da laranjinha na jogada seguinte, bem como da primeira bola.

Habitualmente confrontam-se duas equipes (caixas) de três parceiros durante 60 minutos rigorosamente contados por um relógio-despertador colocado no meio da sala, à

vista de todos, sobre uma mesa ou numa parede (fot. 14, 26, 40). Também se pode jogar "mano-a-mano" (um contra um) ou "dois para dois" (dois contra dois) mas, neste caso, a duração do encontro é apenas de 30 minutos. Há ainda, o sistema "a apartar" em que cada parceiro joga individualmente, sem formar equipe entre si. Mas "a caixa típica da laranjinha, aquela caixa a que se dá valor e o encontro que a gente gosta de fazer é o célebre jogo de três para três, que é a tal caixa em que a gente tem o parceiro da mão, o do meio e o do pé e aí cada um de nós dá dentro daquilo que sabe, e assim se conseguem dar bons espetáculos da laranjinha." Esta classificação dos jogadores de cada caixa entre mão, meio e pé ordena os jogadores segundo o lançamento das bolas: primeiro lançam as mãos de ambas as caixas, depois os meios e, finalmente, os pés. Estas posições não são necessariamente fixas de jogo para jogo. Durante o encontro (de uma hora), fazem-se vários jogos de 31 pontos que vão sendo registados num

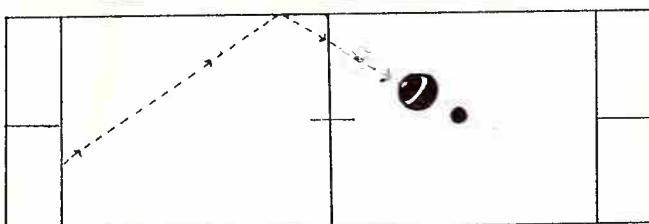
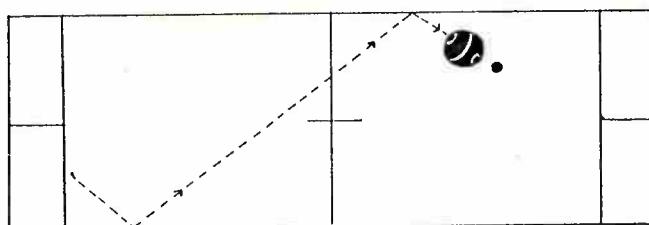


Fig. 2

marcador por um sétimo indivíduo (fig. 3) que vai pontuando o percurso em gritos: "Meio jogo!" (quando uma caixa atinge os 16); "Tá doente!" (21 pontos); "À morte!" (26 pontos); "Morreu!" (31 pontos).

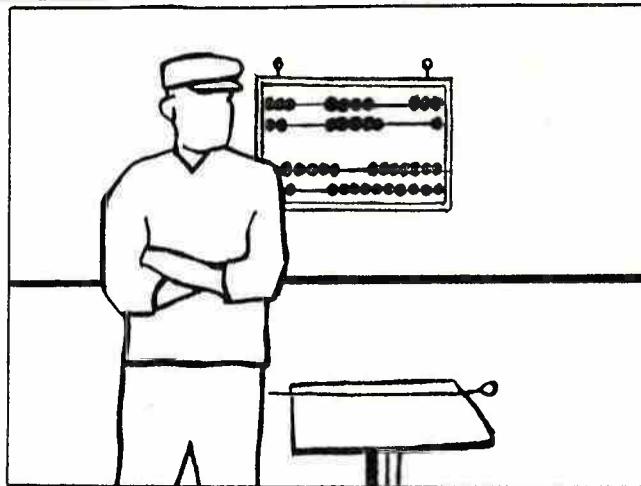


Fig. 3

A laranjinha é um 'jogo colectivo que implica a participação, não só dos que manipulam as bolas e foram iniciados na arte de fazer tabelas, de provocar efeitos na bola e atingir o alvo desejado, mas também dos que, sentados à volta do recinto participam ruidosamente na partida.

A sala da laranjinha não integra apenas esse grande tabuleiro por onde as bolas correm. Um corrimão pode servir de suporte aos corpos que, sentados em bancos corridos, observam atentamente o desenrolar do jogo (fot. 62, 63, 70, 71, 72) manifestando por vezes um conhecimento das regras, mais minucioso que o dos próprios actores em cena. E todos vão discutindo, falando, gritando por entre os objectos que os enquadram e fazem parte deste cenário específico: os

cacifos individualizados onde cada jogador fecha à chave a sua bola (fot. 1,81), um lavatório onde no final de cada encontro todos lavam as mãos, o compasso que serve para tirar as teimas quando surgem dúvidas sobre a proximidade de duas ou mais bolas em relação à laranjinha (fig. 4 e 5, fot. 13), a régua e o giz utilizados para definição dos limites do recinto de jogo e identificar as bolas (fig.6, fot.5,6,7, e 8), um regador para molhar o piso antes do rodo o alisar, o marcador e o ponteiro para a pontuação, uma cadeira e uma mesa para o árbitro, as lâmpadas sempre acesas a deitarem a sua luz amarela (ou branca) sobre as expressões concentradas de todos...

E no meio destes objectos, os homens com as suas posturas de repouso, apenas olhando, ou de atenção, segurando a bola, lançando-a e imobilizando-se enquanto ela não bate na cortiça do fundo, colocando cuidadosamente os pés do lado de cá do risco enquanto dobram os joelhos e balançam a bola entre as pernas ... (cf. fotografias). E apóis o silêncio expectante de cada lançamento, a vozaria estrondosa dos comentários, dos insultos, dos protestos, dos risos; os gracejos, as agressões verbais, por vezes corporais, a resolver divergências inventadas no momento, a pretexto do jogo e nunca resolvidas; o engolir rapidíssimo do vinho dum copo e o seu re-enchimento lento para ficar à espera, em cima da mesa; e um fumo denso, coado pela luz artificial, a envolver tudo.

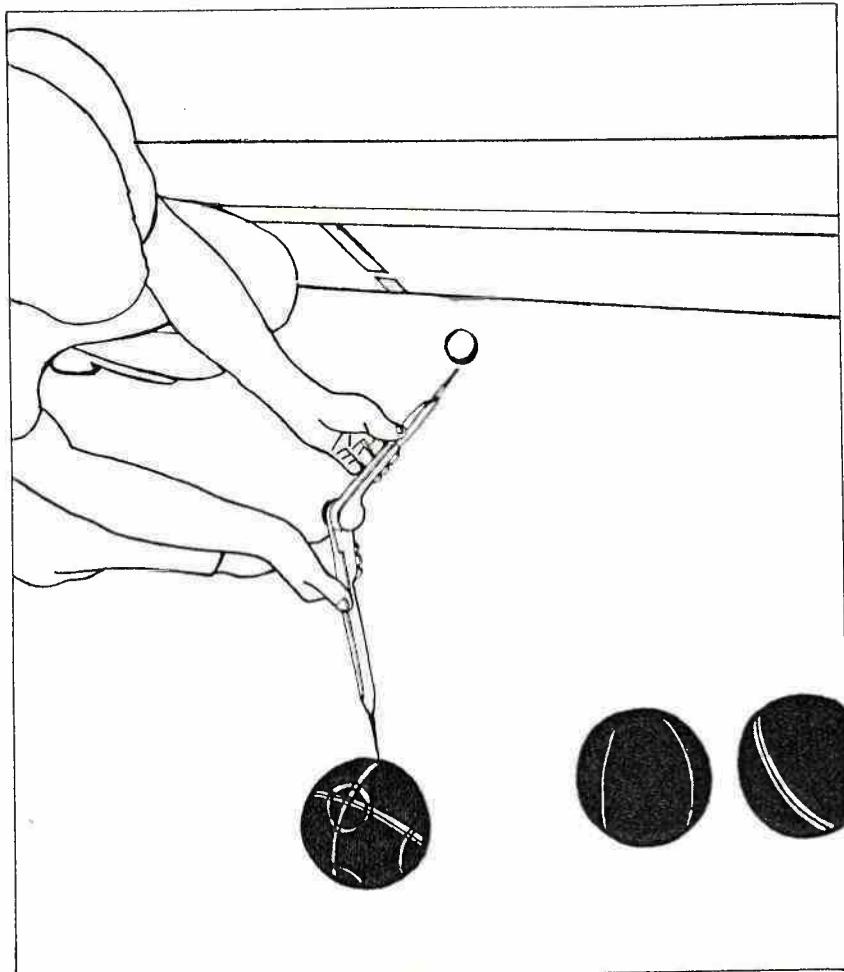


Fig. 4



Fig. 5

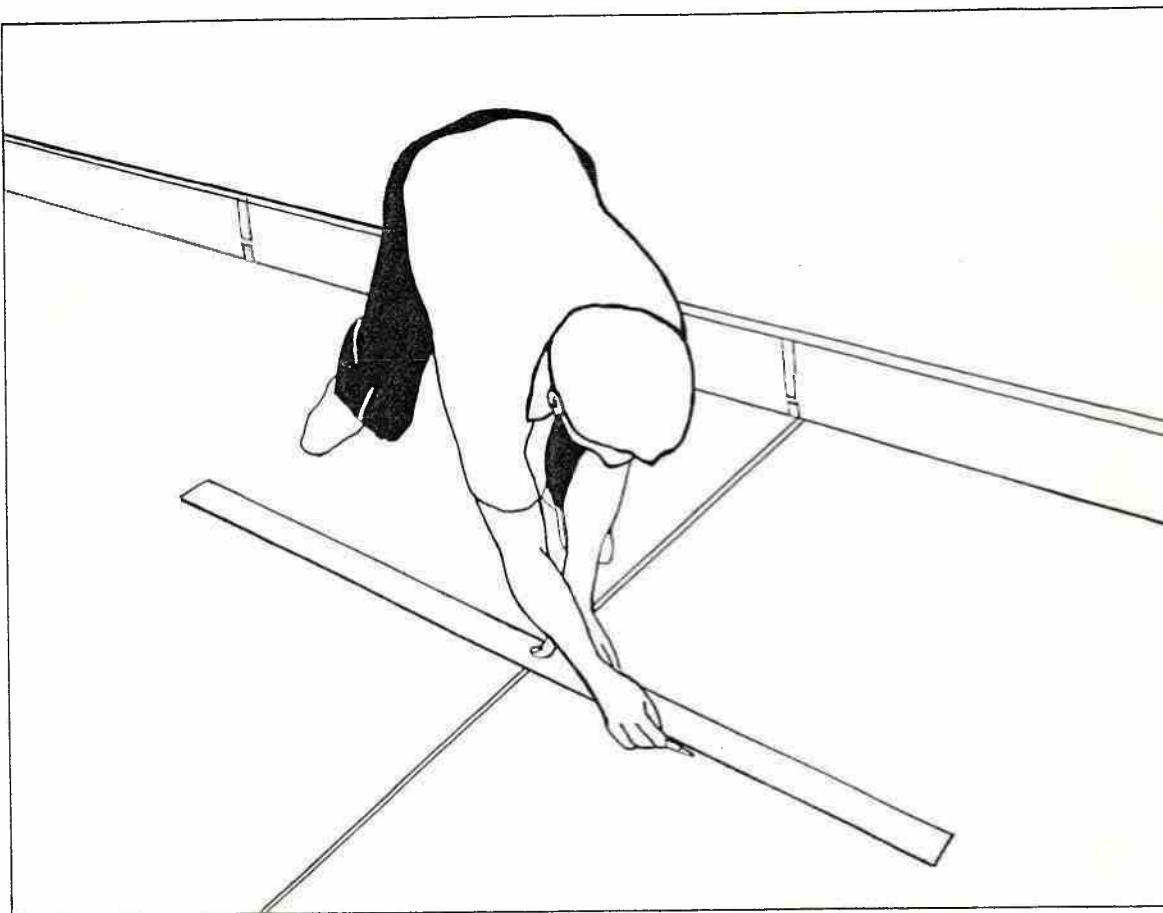


Fig. 6

Na laranjinha, jogo de habilidade corporal e manual, a oralidade ocupa um lugar importante. As palavras também podem ser certeiras ou rodearem uma determinada intenção, fazerem despoletar o conflito ou esconderem uma aliança. São lançadas na ressonância da sala, decididas e cheias de força e o jogo que elas criam entre todos, espectadores e jogadores, prolonga-se para fora da sala na bebida que se vai comprar ao balcão da sociedade, no tabaco que se troca para uns minutos de conversa, nos petiscos que se

improvisam, nas comensalidades mais fartas de fim-de-semana, nos passeios a outros jogos mais animados, nas amizades que aí se fazem...

Trata-se dum jogo permanente e semi-público, e fica-se sempre sem saber se o drama agonístico encenado no confronto de dois grupos é um pretexto ou é a finalidade do encontro destes homens, pontuado pelas regras e limites do próprio conteúdo lúdico desta actividade social. Ritual que diariamente se repete, num espaço nocturno (mesmo de dia), com determinados gestos e uma linguagem própria, a laranjinha é um jogo violento nas palavras, nos actos, na rivalidade que institui. É uma herança da vida das tabernas que, apenas existem ainda na memória de alguns, que vão reproduzindo este jogo num quarto recatado e no horário permitido dos pouco espaços colectivos que ainda o permitem: as colectividades de cultura e recreio.

V.2. A memória do jogo

"Nessa época maravilhosa para as pessoas que jogam aquilo, haviam 200 jogos de laranjinha" conta Emílio com nostalgia, situando essa época aproximadamente entre os anos 20 e 40. "Depois, começou a escassear o espaço, e os estabelecimentos começaram a ter outros interesses; naquela altura, a laranjinha era um jogo barato, era mais o chamariz para o cliente beber um copo de vinho e entreter-se um bocado, do que era o lucro que aquilo dava

pelo espaço que ocupava". E foi desaparecendo, os jogos foram fechando, as tascas também. Estas eram, sem dúvida nenhuma, o espaço onde a maioria dos jogos existiam. Dispunham também desse jogo algumas agremiações de cultura e recreio que promoviam campeonatos, inter-sócios e inter-colectividades, gerando em torno do jogo uma dinâmica de convívio masculino entre habitantes de bairros mais ou meno distanciados (2). O quotidiano da laranjinha era vivido nas tabernas, retiros e carvoarias e só posteriormente, com o fim destas casas de comida e bebida, se cristalizou em torno de algumas colectividades e se extinguiu como prática habitual e generalizada de ócio. Tornou-se uma actividade quase solitária de alguns velhos, vizinhos das poucas colectividades que ainda mantinham o recinto descoberto a onde se deslocavam "para fazer uma caixa". Apenas sobreviveu em 3 associações: o Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, a Sociedade Musical União do Beato e o Centro Escolar Republicano Almirante Reis, mas unicamente na primeira não quebrou a continuidade. Aqui, ao longo de anos, mantiveram-se sempre os indispensáveis cuidados de manutenção - obras, pinturas e limpezas, regulares renovamentos das bolas, substituição de tabelas, novos cacifos, revelando uma utilização quase permanente. Não aconteceu o mesmo com as outras duas associações: tanto na Sociedade Musical União do Beato como no Centro Escolar Republicano Almirante Reis o jogo esteve parado durante muito tempo. No primeiro foi tapado para dar

lugar ao bar, no segundo, abandonado às intempéries dos invernos.

No G.I.L.C.O. jogou-se sempre à laranjinha, nos dois jogos antes existentes (actualmente, um está tapado). Nas actas das reuniões da Direcção (entre 1942 e 1980), aparecem abundantes referências a acontecimentos relacionados com este jogo, exprimindo claramente a importância central, a par das cartas, desta actividade de lazer.

Em 1942, os "Combatentes" (3) convidam o G.I.L.C.O. para um desafio de laranjinha e um sócio é encarregado de organizar quatro caixas para participarem, primeiro na sede dos "Combatentes" e posteriormente na própria sede. Estes desafios são seguidos "dum baile em honra dos sócios dos Combatentes e dedicado às suas famílias". No final do ano seguinte decorre na sede do G.I.L.C.O. outro campeonato, para o qual são oferecidos imensos prémios, tanto por comissões de festas como por consórios (uma lapiseira de plaqet, três cinzeiros prateados, uma garrafa de vinho do Porto, três lanternas de algibeira, três canetas de tinta permanente).

A.76 Tendo terminado este campeonato a Direcção 2.12.43 congratula-se com os resultados verificados no referido campeonato e resolve, para complemento do mesmo, autorizar que se realize na nossa sede, no próximo dia 5, pelas 13.00h um almoço de confraternização entre os sócios concorrentes ao nosso campeonato e bem como outros que desejem inscrever-se, aproveitando-se a oportunidade para se proceder à distribuição de prémios aos respectivos vencedores."

No Fevereiro seguinte é constituída uma comissão para organizar o grande campeonato de Lisboa. Em Julho de 1946 é a vez dos sócios promoverem um, entre eles apenas.

Em Novembro de 1950 é entregue à colectividade uma taça por um grupo de sócios que a representou num torneio organizado pelo Grupo Excursionista Familiar do Monte (sítio na Graça); "tendo-a ganho brilhantemente (...) no 1º lugar à frente de 6 concorrentes". Em 1952, o campeonato é organizado pela Federação, obrigando os directores do G.I.L.C.O. a um maior cuidado. Elegem uma comissão constituída por um árbitro e oito jogadores, que tem por atribuição submeter à apreciação da direcção o regulamento para este campeonato.

Fazem-se, por vezes, por altura das festas de aniversário, torneios-relâmpagos, outras vezes organizam-se internamente a pedido de vários sócios, com um responsável e um representante da Direcção. Sujeitos a uma maior ou menor burocratização na preparação destas festas de jogo, os campeonatos, torneios e desafios acompanham as dificuldades de manutenção dos materiais em boas condições de utilização.

Em 1944, velhas tabelas de jogo são substituídas, o jogo é reparado, a clarabóia do "barracão da laranjinha" arranjada... O orçamento destas obras de conservação é elevado(4). Pela dificuldade em conseguir contratar um responsável pela manutenção, face a tão pequena remuneração, ela fica atribuída às funções do contínuo ou

do barateiro. Certas ajudas materializam-se nas ofertas de alguns consócios, ora de madeira para estrados, para bolas (em 1946, manda-se fazer 12 bolas a 70\$00 cada e 4 de laranjinha em pau-ferro oferecido por um sócio), ora de outros objectos necessários como por exemplo uma régua, lâmpadas e seus suportes, marcadores, sem referir as taças e outros prémios que, por altura dos campeonatos também são gentilmente oferecidos. Na ausência destas dádivas, fica a cargo da direcção os destinos do jogo. As referências são imensas:

A.479 "... também foi tratado e ficou arrumado em 3.2.54 definitivo mandar pintar os bancos e os varões do salão da laranjinha..."

A.504 "... Resolvido mandar fazer 10 bolas normais, 13 27.2.56 menores e 12 de laranjinha para os jogos de laranjinha com a madeira que se comprou como consta da Acta nº 500. Foi também resolvido proceder-se à reparação dos cacifos do jogo da laranjinha."

A.684 "Foi encarregue o sr. X de tratar do arranjo dos 32.2.54 cacifos do jogo da laranjinha, a fim de serem alugados."

No início dos anos 60 a direcção discute, preocupada, a fraca participação associativa e que medidas deverá tomar para resolver tal desinteresse:

A.640 "O Sr. Presidente versou o caso da fraca 19.10.60. frequência de sócios que se nota actualmente na nossa colectividade o que provoca grande quebra nas receitas: com o intuito de se tentar maior frequência de sócios e suas famílias, alvitra que se estude a compra de um aparelho de TV. Quanto à sua instalação é de opinião que seja feita no salão de jogos. Para que este seja desocupado das mesas de jogos e como a laranjinha está tendo

pouca frequência, lembra a cobertura de um dos jogos e ali se coloquem as mesas saídas do salão (...)"

A diminuta actividade da laranjinha está de acordo com a despreocupação na sua manutenção, nomeadamente com

"... o arranjo das clarabóias que continuam a provocar inundações nos terrenos da laranjinha, havendo até alguns sócios que deixaram de jogar"

Alguns anos mais tarde resolveu-se criar uma comissão de seis sócios,

A.707 em vista a cuidarem, reparando e mantendo em boas 21.1.63 condições os jogos de laranjinha, não só na questão dos pisos como também das bolas e cacifos (...), (comissão esta) que se pôs incondicionalmente ao lado da direcção a fim de levar a bom termo aquilo que se propõe."

Meses depois, um dos elementos desta comissão apresenta um recibo de 200\$00 pelas despesas dos arranjos; no ano seguinte, este mesmo sócio fica com "o encargo de preparar e assistir aos jogos da laranjinha por 150\$00 mensais, a título excepcional."

Anos mais tarde, um mês após a realização de novas obras, volta a cair água no jogo da laranjinha: torna-se um problema crônico e, por falta de verba não se executa qualquer remodelação. Entretanto, na intenção de atrair camadas mais jovens, o jogo nº 2 fora tapado para a colocação duma mesa de ping-pong.

Pinturas gerais, reparações de portas, janelas e outras madeiras, colocação de novas vitrines no hall, são

obras menos honeras das que obrigam a contratação de pedreiros. Em 1967 decide-se fazer novos cacifos para as bolas e, terminado o seu fabrico, urge regulamentar e estabelecer as normas de funcionamento para a sua utilização. Fica registado em acta que

A.874 "acabado o armário das bolas de laranjinha, a 23.8.67 Direcção decidiu afixar aviso para alugar dos cacifos. Estipula-se a taxa de 20\$00 por ano, com início em Janeiro. Até fim de Dezembro cobrar-se-á uma taxa simbólica de 5\$00. Será entregue uma chave ao sócio interessado, a qual terá o número do cacifo. Destas chaves, há um duplicado em poder do tesoureiro com o mesmo número, a qual será emprestada ao sócio apenas para fazer outra em caso de extravio da que lhe foi distribuída, devolvendo-a imediatamente. Só é permitido mais do que um sócio por cacifo, desde que não haja cacifos devolutos. O barateiro tem em seu poder os cartões e chaves correspondentes aos cacifos numerados."

No entanto, em Março seguinte baixou-se o aluguer anual para 10\$00 "em face de ser opinião geral que aquele prémio era elevado..."

A par destas preocupações periódicas com a manutenção do jogo, surgem as preocupações morais com o que, faz parte do quotidiano da laranjinha. Os testemunhos de conflitos e desentendimentos neste espaço lúdico são abundantes. Actos agressivos, más palavras, grosserias, incorrecções várias, maus comportamentos a pôr em causa a boa ética associativa, são frequentes entre o bufete, o salão de jogo e a laranjinha, sobretudo aqui. A rivalidade deste jogo é mais acesa do que a dos outros, a violência verbal e corporal é menos domesticada e os homens da laranjinha estão continuamente a ser chamados à ordem a perturbar a calma

semanal das reuniões da Direcção. Alguns exemplos permitem ilustrar a permanente contradição vivida entre os ideais estatutários, (vinculados, melhor ou pior pelo topo da hierarquia associativa) e a prática quotidiana deste ludus. Desde palavras pouco correctas dirigidas, aos superiores, desrespeitando-os, como ilustra esta carta de expulsão dirigida a um sócio:

A.311 "recebida nesta direcção uma carta de V. Exa., na 7.5.48 qual declara que, para evitar melindre para A ou B se limita a pedir a sua demissão de sócio desta colectividade e tendo ainda chegado ao conhecimento desta Direcção que V. Exa., por motivos que não justificam tais atitudes, se permitiu pronunciar em voz alta no recinto de jogo da laranjinha frases menos correctas e insultuosas para a nossa instituição, com a agravante de terem sido proferidas na presença do sr. Presidente da Assembleia Geral esta direcção resolve, primeiro, não aceitar o pedido de demissão formulado por V. Exa. e segundo, demiti-lo nos termos do parág. 5º do art. 7º dos nossos estatutos."

ou "tendo chegado ao conhecimento da Direcção que o consócio nº ___, ___ proferiu algumas palavras pouco correctas quando se efectuava o jogo da laranjinha, a mesma direcção resolveu solicitar a presença do referido consócio para lhe serem pedidas explicações por esse acto."

até bebedeiras consecutivas do barateiro que é chamado à direcção, pede desculpa e se mostra arrependido da falta; ao desrespeito às regras de funcionamento do jogo, quando se dão incidentes pelo facto de alguns sócios marcarem caixa e decidirem posteriormente jogar cartas "não permitindo que outros sócios se utilizem da caixa quando já está vaga", ou quando os "irmãos Casas" provocam desacatos;

A. 820 "Desacato no jogo da laranjinha: pelo senhor 19.1.66 vice-secretário foi participado ter havido cenas desagradáveis originadas pelos consócios conhecidos pelos irmãos Casas, srs. A, B e C, os quais depois de verem que os consócios srs. D e E tinham acabado de arranjar um dos jogos, imediatamente marcaram uma caixa e exigiram o direito de jogar."

ou, ainda, quando a direcção se vê na obrigação de afixar um regulamento sobre as marcações de jogo de laranjinha, para evitar os mal-entendidos, demasiado frequentes. Casos de agressão são também comuns:

A. 801 "A direcção apreciou o incidente verificado no dia 17.5.65 13 pelas 23.45h em que o sócio nº ___ agrediu (como ele próprio opinou na Direcção minutos depois) o associado nº ___, a quem aliás teria ofendido previamente com palavras e expressões obscenas, envolvendo-se ambos em desordem a que não faltaram cenas de pujilato e contusões em ambas as partes, isto no salão da laranjinha, com manifesta falta de respeito pelo prestígio da colectividade. Ouviram-se relatos e testemunhos do caso para se determinar com rigor a responsabilidade de cada um."

ou, por altura do dia de S. Martinho, cenas desagradáveis com sócios que

A. 815 "(...) estando a jogar à laranjinha de forma 13.11.65 perigosa para os assistentes, foram pelo director chamados à atenção, tendo como consequência o sócio X deixado cair propositadamente a bola junto dos pés do referido director o qual foi seguidamente insultado."

ou ainda, quando um sócio entrega o seu cartão à direcção, pedindo a demissão após "uma escaramuça no salão da laranjinha com outros associados."

Incidentes relacionados com a posse de bolas são também inúmeros, como ilustra uma carta que a direcção recebe onde um sócio

A. 846 "... expõe o caso do incidente motivado pela posse 21.9.66 de uma bola de laranjinha que o sócio Y diz ser sua, pois que já era do pai há 9 anos e segundo sua afirmação o consócio Z teria ficado com ela (...) Pede nessa carta que se mande apreender a dita bola que já está em poder do sócio Y."

ou,
6.2.79 "o sócio A apresenta reclamação de alguém lhe ter tirado as bolas da laranjinha do seu cacifo, colocando-as num cacifo pequeno, pelo que pede a sua demissão de sócio."

As decisões sobre obras e sobre as resoluções destes conflitos relacionam-se também com a composição da direcção, e as idiossincrasias dos seus elementos reflectem-se no tipo de preocupações com a laranjinha. É assim que se percebe que numa certa altura substituam a designação de barateiro por "empregado do salão de jogos", revelando nítida obsessão por eventual conotação com a vida de taberna que a palavra "barateiro" faça surgir e noutra altura, discutam as condições do jogo a ponto de procurarem uma verba para aquisição de ventoinhas para o salão da laranjinha... Conforme haja ou não jogadores nos cargos directivos, assim as referências a esta actividade lúdica mudam de tom...

O senhor «Castro» tem 72 anos, é reformado do ofício de motorista e sócio do G.I.L.C.O. há mais de 50 anos. Nasceu no Porto, mas veio para Lisboa com seis anos de

idade, viveu sempre em Campo de Ourique e desde os 22 anos que habita a mesma casa. É viúvo, vive só e recorda com lágrimas nos olhos a mulher, falando do seu passado, sentado numa mesa do bufete do G.I.L.C.O. onde continua a encontrar a companhia e o calor que lhe falta em casa. Só lhe restam alguns familiares da parte do padrasto, com quem se relaciona.

Começou a jogar a laranjinha com 17, 18 anos, em Campo de Ourique: no Araújo, no Café Canas, na Rua Coelho da Rocha, no Moita, às vezes nos Combatentes da rua do Possolo. Na altura, era apenas sócio dos Alunos de Apolo pelos bailes das segundas-feiras "onde iam as raparigas todas, até lhe chamavam um nome feio..." Depois, fez-se sócio do Grémio para poder jogar à laranjinha. Durante todos estes anos, foi director três ou quatro vezes. Vinha na semana de férias e ao domingo para arrumar as contas, "traziam-me um copito, e outro, e não trabalhava nada." Mas intervinha nas reuniões e chamava a atenção para o que mais lhe interessava nesta associação:

A. 791 "Usou da palavra o senhor «Castro» perguntando ao 17.2.65 sr. Presidente em que tinha sido empregada a receita da laranjinha arrecadada em 1963 a qual foi angariada por uma comissão de sócios. O sr. Presidente, após várias discussões com o sr. «Castro» e com várias consultas que em seguida resolveu fazer a documentos de receita daquele ano, justificou perante o 2º secretário e os restantes membros da Direcção que a verba de 924\$70, correspondente à receita daquela modalidade desportiva, tinha dado entrada (...). Foi decidido que, com aquela verba sejam reparadas para a laranjinha as 6 ventoinhas existentes, assim como a compra dos respectivos transformadores."

-

Hoje é raro jogar, é muito violento para a sua idade, mas gosta de ver, e passa parte do seu tempo entre o salão da laranjinha e as cartas. E continua com a sua bola guardada num caco...

O tio «António» é um senhor com uma linguagem e modos grosseiros e provocadores. Durante os jogos, mesmo na condição de assistente, a maior parte das vezes, não pára de dizer obscenidades e de refilar. Os outros respeitam-no, não só pelo seu temperamento rezingão, como pela perícia que ainda manifesta quando joga. Tem 71 anos, nasceu na freguesia de Stª Isabel, foi registado em Alcântara - "metade da papelada está em Alcântara", o pai era de Carnide e a mãe de Arroios. Depois de uma vida de trabalhador, aventureira e viajada (África do Sul, Moçambique, Angola e Espanha como pintor da construção civil) de trabalhador. "Trabalhei 52 anos sem parar como escravo e não como operário" - reformou-se há oito anos, vive em Campo de Ourique e gosta de passear com a mulher até à Trafaria. Todas as noites vem ao Grémio, sem a mulher saber - "não sabe que venho cá, nem quero, se ela soubesse vinha cá e gostaria de vir e depois havituava-se..."

"Todos os jogos joguei: gostei de jogar à laranjinha como gostei de jogar às cartas." Recomeçou a laranjinha há poucos meses e joga quando o convidam. Começou aos 20 anos mas interrompeu quando os jogos foram fechados. Nessa altura levava uma vida de vadio, ia a "todos os jogos que aí havia", circulava por Lisboa e arredores, até cantava o

fado. Mas nessa altura, a laranjinha era diferente: "era um ambiente ruidoso e perigoso e havia sempre desordens, por vezes aparecia a polícia." Era só em tabernas, jogava-se ao vinho, quem perdia pagava o barato e a bebida, a cerveja era mais cara nem todos tinham possibilidade para isso... "Depois uma lei proibiu os jogos - cartas e laranjinha -, taparam os jogos, transformaram as casas e deixou de haver."

O jogo morreu, por assim dizer... "parece-me que o único que prestava homenagem era este (o G.I.L.C.O.). Parece-me que não ficou mais nenhum. Há mais de 40 ou 50 anos..." Também era diferente na maneira de jogar e o Ti António é crítico em relação aos actuais jogadores: "Estes não sabem jogar, porque isto leva muitos anos para aprender como qualquer outro jogo. Eles só jogam à larga e deve-se jogar à larga e à tira (cf. fig. 2) (...) este piso nunca está em condições, porque eles batem com a bola no terreno e abatem o terreno. Dantes eram melhor tratados os terrenos. Até se ralhava uns com os outros - eh pá não batas com a bola no chão..."

O sr. Tomé nasceu na R. Maria Pia onde ainda vive. O pai e a mãe também eram de Lisboa; é viúvo, tem 76 anos e foi profissional de cobre. Várias vezes campeão de laranjinha, em torneios em campeonatos de Lisboa, recorda, com saudade, os seus melhores amigos com quem habitualmente fazia caixa. Foram eles que o trouxeram ao G.I.L.C.O. em 1942 quando se fez sócio para poder jogar. "Era a nossa

segunda casa. Havia um núcleo bom de jogadores, Ameixoeira e Odivelas vinham jogar para aqui." Reformado, hoje só joga às cartas quando joga, porque não gosta muito: "A laranjinha era o meu prato predilecto." Aprendeu lá pelos 15 anos com um carvoeiro amigo que o ia buscar a casa todos os dias a seguir ao jantar para a sua carvoaria, na R. do Chafariz das Terras (à Lapa). "Nessa altura, era sobretudo em tabernas e carvoarias que se jogava, colectividades havia poucas, o Grémio e poucas mais." Lembra-se do César, carpinteiro, do Mendes Diniz, funileiro, do Joaquim, pintor... "mas não interessava o que fazíamos: éramos novos e vínhamo jogar." Recorda vários episódios da sua vida de jogador: a primeira vez que foi ao Pereira, deram-lhe uma bola quadrada, estragada, porém, quando verificaram que ele jogava bem foram a uma caixa lá fora e deram-lhe outra em condições; e o Manuelito, um jogador muito bom que passava todas as noites no Moita e que perdeu 7 a 1 com ele num jogo mano a mano, tendo-lhe o Moita oferecido um maço de cigarros; e que a primeira vez que jogou no Grémio com uma caixa da sociedade "Os Combatentes" ganhou uma taça e passou a ser convidado para torneios de outras sociedades "Mas quando eles vinham cá, morriam..." no final de cada encontro, ia tudo comer um petisco, com os bons amigos que o acompanhavam: "em minha casa, mesmo que me atrasasse, já sabia que tinha caixa marcada. Dantes, agora nunca me convidam para jogar. Agora as pessoas são diferentes...", no entanto, o sr. Tomé continua a ter o seu cacifo com a bola guardada...

Nessa época em que havia mais de 200 jogos de laranjinha, "maravilhosa para as pessoas que viveram aquilo", cada bairro tinha os seus locais predilectos, com maior afluência e animação. No Rego, por exemplo, era o "Retiro das Andorinhas" (no bairro das Laranjeiras); na R. Conde Valbom, havia o "Retiro do Casaca" "onde tinham talvez os dois melhores jogos que eu conheci na minha vida, tinha um rapaz a tratar daquilo que era muito cuidadoso, era o piso melhor que encontrei e com boas tabelas..." (Emilio); no Campo Pequeno, o "Madeira" só com um jogo; na R. da Conceição da Glória, havia uma casa com 5 jogos de laranjinha onde se jogava muito; em Benfica, o "Ferro-de-Engomar"; o "Quebra Bilhas", no Campo Grande; a "Barbuda", em Campo de Ourique; o "Cinquenta" em Xabregas, o "Boa-União de Alfama", a "Sociedade da Matinha" o "Luis Saloio", na Mouraria, o "5 Reis" no Largo da Graça, com dois jogos, o "Morte d'Água", na Estrela, outro na R. de Santana à Lapa "onde tinham correntes de ouro para o 1º prémio...", no Paço do Lumiar, em Odivelas, na Ameixoeira, no Monte Estoril, na Cova da Piedade, em Almada...

Locais desaparecidos que constituem um longo rosário de recordações para os velhos jogadores de laranjinha, habitantes do Rego, da Mouraria, de Campo de Ourique, do Beato, de Almada e que vão desfiando aqueles que, no seu bairro, existiam e outros, onde de vez em quando se deslocavam...

Todos estes jogos foram tapados e esquecidos como pontos em torno dos quais se construía uma sociabilidade

urbana exclusivamente masculina, de certas camadas sociais. "Porque, como você sabe, a laranjinha é do sapateiro de escada, do calceteiro, é do vendedor de lotaria, do vendedor ambulante, é esta a gente do povo da laranjinha, é esta a gente que vive e que sente a laranjinha..." todos nascidos em Lisboa, com pais também aqui nascidos; alguns, poucos, vieram com meses ou poucos anos de idade para a capital. Passatempo das classes mais modestas "a laranjinha não é para todas as profissões..." Carpinteiros, tanoeiros, torneiros, litógrafos, pintores, marmoristas, soldados, sapateiros, marinheiros, motoristas, empregados e alguns proprietários de estabelecimentos comerciais, a maior parte reformados, alguns desempregados.

"Comecei a jogar há 3 anos, desde que fiquei desempregado", refere «Magalhães» de 29 anos. "Foi nessa altura que me fiz sócio do Grêmio, foram amigos de Campo de Ourique que me trouxeram aqui." Todas as noites, às 8h da noite, hora de abertura do G.I.L.C.O., o «Magalhães» está ali à porta para ser dos primeiros a entrar. Por vezes, tem de fazer bicha para ficar na primeira caixa - os primeiros seis a entrar jogam o primeiro jogo. "Nós aqui temos uma regra: da primeira caixa só pode passar um à caixa seguinte." Quando trabalhava, como ajudante de motorista na Fábrica Royal, costumava passar o seu tempo livre no café com os amigos. O único jogo que gosta é a laranjinha e nos domingos à noite, quando o G.I.L.C.O. fecha, ele vai para o Fonte Santa(5). Mas prefere o G.I.L.C.O., onde está sempre que pode. Também gosta do 31 de Santo Amaro "por ser mais

descontraído e dar melhor para os petiscos..."

Todos os homens da laranjinha falam do convívio, dos petiscos que após o jogo, ou enquanto se aguarda a vez, se tornam o pretexto de reunião entre eles. "Chegávamos ao fim e íamos comer um petisco" («Tomé»). "No meio disto tudo também o que é interessante é a convivência entre as pessoas; faz-se um jogo uma, duas horas, depois vai-se comer uma buchinha aqui, conversamos acerca disto, ganhamos este jogo, etc..." (jovem do Beato). "Gostamos muito de ir aos excursionistas (31 de Santo Amaro), à fava frita..." (outro jovem do Beato). E da bebida, sobretudo no tempo passado: "A característica do jogo da laranjinha era a despesa do jogo, uma garrafa de vinho - era o perde-paga..." "Era jogo de tasca" - conta X do Beato - "a aposta deles era uma garrafinha como a gente também faz aqui muitas vezes, uma tal garrafinha de litro de vinho e quem perde paga os baratos e paga a tal garrafinha... Os que perdiam pagavam-na ao marcador; no meu tempo, até se tirava a camisa para não perder. Agora quem bebe paga o seu..." Esta nostalgia dum tempo passado, essencialmente diferente do actual mesmo quando aparentemente semelhante é, por vezes, formulada claramente:

"No tempo da laranjinha antiga que é o mesmo jogo de hoje mas que para mim é outra laranjinha, fazia-se o seguinte: ou se jogava a vinho e barato ou a cerveja e barato ou a maço de tabaco (20 pacotes) ou a uma caixa de cervejas. No jogo de 6 para 6, no início do jogo mandava-se

vir uma garrafa de vinho de litro - havia um canto na parede onde ela estava com dois copos - e as pessoas iam bebendo. Os três que perdiam pagavam a garrafa de vinho e o aluguer do jogo. Aí é que eu noto a diferença: agora, ou se joga o barato só, ou cada um paga a sua parte, ou paga as duas partes, mas nunca vejo o vinho incluído. Nas sociedades recreativas não há vinho..." (Emilio).

Convívio gerado nas tabernas, retiros e carvoarias que tinham à disposição vários jogos (dados, dominó, cartas) a laranjinha é um forma de lazer antigo, mais velha do que a própria memória dos velhos frequentadores destes refúgios. Nestes locais, o jogo e a bebida associavam-se sempre. Desde os tempos mais remotos que o jogo foi sempre condenado, normalmente identificado com os jogos de fortuna e azar⁽⁶⁾. Em Portugal, já as Ordenações Afonsinas regulamentavam os jogos, sobretudo o dos dados (o mais vulgarizado na altura) e estabelecia a distinção entre jogar a dinheiros "molhados" e jogar a dinheiros "secos" (Crespo, 1982). O primeiro implicava a circulação de géneros (alimentos, bebidas, etc.), o segundo referia-se àqueles que faziam o dinheiro circular. No reinado de D. João I, "os jogadores de dados só tinham desculpa se jogassem a vinho e este fosse bebido imediatamente." (op. cit., 80). Na "Colecção de Intendência-Geral de Polícia e do Reino", aparecem referências às casas de jogo, cafés e bilhares e à sua regulamentação. Sabe-se assim que em "1807, os jogos autorizados eram de bilhar, de bola, de

laranjinha, do chinquilho, cuja autorização dependia do pagamento da seguinte contribuição anual J. Bilhar: 38\$400 / J. Bola: 6\$400 / J. Laranjinha: 4\$800 / J. Chinquilho: 4\$800 / SEM 1821, as tabelas eram "de ... J. Bilhar: 38\$400 / J. Gamão: 19\$200 / J. Cartas: 19\$200 / J. de Bola 4\$800 / J. Laranjinha: 4\$800 / J. Chinquilho: 4\$800 /> (op. cit., 86)." Pela diferença das taxas - sempre consideradas excessiva pelos donos das casas de jogo -, se conclui que "as taxas mais altas se referem às modalidades que eram praticadas pelos grupos de estatuto mais elevado" (op. cit., 90). E a laranjinha encontra-se na camada inferior desta classificação...

"Conheço pessoas que subiram na vida e que recusam hoje a laranjinha, têm vergonha...", conta o sr. Emilio. Apesar de se recordar dum jogo que uma família rica(7) mandou construir numa casa em Cascais e onde ele várias vezes foi jogar, reconhece que se trata de uma iniciativa isolada para promover a laranjinha a estratos sociais importantes. "Morreu aí, não havia mais ninguém... eu tentei, agora com o campeonato (1985), chamar pessoas, que agora têm uma vidazinha razoável, para a laranjinha e não consegui... até propus a um amigo meu, - tu vais para a ginástica (Atlético Clube Português), depois vens almoçar com amigos e depois fazemos um jogo de laranjinha... ele riu-se, mas não deu saída..."

Jogo antigo, a dinheiros molhados, onde se troca e se consome vinho, tabaco, cerveja. Só para homens crescidos. Já iniciados nas regras dum certo código masculino.

Os rapazes eram afastados, não podiam participar. "Quando éramos miúdos tínhamos atracção por aquilo, mas não podíamos jogar, as pessoas de idade nem sequer nos deixavam tocar nas bolas, que aquilo era só para eles - tinham mais amor do que têm agora..." Mas por vezes encontravam acolhimento no espaço familiar duma colectividade. O jovem Jerónimo aprendeu a jogar no Beato por favor do pai dum amigo que aí tomava conta do jogo...

"... Aqui em frente desta casa que agora é um restaurante era uma taberna e tinha um jogo de laranjinha. Miúdos dentro da taberna era um bocado chato, a gente andava por ali, o dono da taberna não gostava muito, não era autorizado e então vínhamos para aqui (S.M.V. Beato). (...) Pedíamos ao senhor que aqui estava, que era o pai do João também, então venham lá jogar." "Quando fazíamos 16 anos, íamos todos contentes à taberna." Quase todos os jogadores se iniciaram na laranjinha no final da adolescência entre os 15 e os 20 e poucos anos.

A laranjinha tinha também os seus "profissionais", que cuidavam dos jogos: os barateiros. Indivíduos que, nas casas com mais de dois jogos eram indispensáveis. Encarregavam-se da respectiva reparação e recebiam a despesa que era entregue à gerência ou à direcção da colectividade. "Era aquela pessoa que se descuidava na vida e que depois se encostava ali e ia vivendo daquilo..." (Emilio).

Os locais preferidos variavam conforme a localização do espaço habitacional; incluindo ou não as sociedades

recreativas do respectivo bairro nos trajectos mapeados de acordo com as amizades, os gostos, os vizinhos... E aproveitavam os domingos e dias de descanso, ou noitadas festivas, para passear até aos arredores, para os lados do Areeiro, Lumiar ou Benfica onde existiam casas de pasto, retiros com os seus barracões construídos no quintal a proteger um ou mais jogo de laranjinha - Manuel dos Passarinhos, Quebra-Bilhares, Ferro-de-Engomar.

Passatempo de gente pobre, numa altura em que "dinheiro não havia" e que os 1\$50 da cota semanal duma colectividade constituía um problema, a laranjinha ocupava o tempo livre do ofício, da loja, as obrigações familiares, e alargava o círculo de relacionamento destes homens. Promovia a reunião e convívio de homens de sítios diferentes, facilitando relações novas, até familiares. O sr. Emilio, que jogou em diversos locais por essa Lisboa fora, está grato à laranjinha pelo seu casamento. "Muitas vezes perguntava aos meus amigos: onde é que há aí um jogo para a gente ir jogar? e foi assim que fui parar ao Dona Maria em Caneças," onde conheceu a filha dos donos. "Os meus primeiros adversários, foram os meus cunhados."

V.3. O campeonato de 1985

No dia de Santo António de 1985 iniciou-se o "Primeiro campeonato da cidade" por iniciativa e com o apoio material da Câmara Municipal de Lisboa. Recuperaram-se os jogos

existentes e construiu-se um novo e ofereceram-se "6 bolas de madeira exótica" a cada colectividade participante, através da iniciativa particularmente esforçada do seu delegado - o "Emílio da laranjinha". Em documento emitido pela Câmara Municipal de Lisboa (doc. 2), convidaram-se as colectividades interessadas a "participar nesta prática desportiva", inscrevendo-se com um máximo de cinco caixas de quatro elementos cada, numa das seguintes colectividades: Centro Escolar Republicano Almirante Reis, G.I.L.C.O., Sociedade Musical União do Beato, Páteo Alfacinha, Grupo Excursionista os 31 de Santo Amaro, pela módica quantida de 500\$00 por caixa. Esta iniciativa foi justificada pelos "aspectos de raízes populares" deste jogo razão pela qual "foi vontade expressa do Presidente da C.M.L. restituir esse cariz popular e bairrista às colectividades no que diz respeito à prática desta modalidade." (cf. doc. 2)

A primeira fase do campeonato, até finais de Julho, apurou 10 caixas para a final, das 30 inicialmente inscritas(8). Durante o mês de Outubro tiveram lugar as jornadas finais com uma caixa vencedora: "Os Humildes" do Fonte Santa. O jornal "A Capital" cobriu pontualmente as primeiras dez jornadas entre 13 de Junho e 16 de Julho. A laranjinha, e com ela as colectividades praticantes, estiveram durante este tempo presentes nos órgãos de comunicação social. Com este acto de exposição pública tentou-se criar uma imagem dignificante deste jogo de taberna, até aí ausente de qualquer registo escrito...

Foram entrevistados responsáveis das referidas colectividades, jogadores de laranjinha, o delegado da Câmara Municipal de Lisboa (e principal dinamizador do campeonato), os regulamentos do jogo e do campeonato, e o mapa das jornadas foi impresso (doc 3) e ainda um trabalho sobre "Jogos Tradicionais Portugueses" de alunos do I.S.E.F. foi referido... A laranjinha viu-se fixada graficamente no tempo fugitivo dum campeonato e as reportagens constituem mesmo um precioso documento dum passado recente (cf. jornal "A Capital").

Com este campeonato, a laranjinha viu-se renovada nalgumas colectividades e rejuvenescida nos seus praticantes. São construídos novos recintos - 31 St. Amaro, Pateo Alfacinha mais tarde já post-campeonato, o Águias Fonte Santa -, reaproveitando velhas tabelas de mangue de jogos há muito esquecidos que são desenterrados. Ressurge, assim, dos escombros e, hoje ainda, os homens da laranjinha continuam a falar do acontecimento. "Não há dúvida nenhuma que foi depois do campeonato de Lisboa que se começou a jogar mais a laranjinha. Conheceram-se sítios que antes não se conheciam..." afirma um jovem director de Sociedade Musical União do Beato. Esta sociedade participou com seis caixas: "Real Sociedade" (que conseguiu o segundo lugar na final), o "Real Madrid", os "Maradonas" (Caneças), "Lao-Tsé", os "Sornas" do Beato e os "Derrubas". "Tivemos muito orgulho em ter participado no campeonato: éramos as equipas mais jovens, as pessoas diziam que era raro, antigamente, verem-se rapazes novos, da nossa idade, a

jogarem a laranjinha. (...) as pessoas ficavam assim muito espantadas de verem a gente a jogar, não esperavam que jogássemos tanto. Era um jogo de tasca, agora já não é considerado assim, em qualquer colectividade já se vê rapazes novos a jogar... "Eram as únicas caixas que tinham rapazes de 20 e tal anos; todas as outras eram de 40, 60, 70 anos..." "Conviver foi muito bom, eu convivi com pessoas mais velhas que a gente e eles dizem o mesmo, que gostaram muito de conviver com a gente. Ainda agora a gente encontra-se de vez em quando. E foi bom." "Para mim foi uma surpresa. O "Real Sociedade" foi a caixa que ganhou a nós à vontade... foi uma novidade e foi muito agradável porque se precisava de gente nova na laranjinha", conta Emílio, que integrava a caixa os "Relíquias". "Toda a gente queria jogar com a gente, éramos os mais novos." Antes do torneio, a C.M.L. arranjou os jogos e rectificou as tabelas do Beato, consideradas unanimemente como as melhores de todas as existentes. "É o melhor jogo que está aí na cidade, diziam os jogadores que se sentiam melhor a jogar este jogo." Emilio é da mesma opinião:

"Para mim, é o melhor jogo; e eles tratavam muito bem daquilo. Durante o campeonato, foi das colectividades que mais se interessaram pela conservação do jogo. No Centro Escolar Republicano, por exemplo, os tipos foram sempre rebeldes à conservação do jogo (...)" E é indispensável a boa conservação dos recintos e as bolas em condições para jogar. Tudo isto dá trabalho. E os dirigentes das colectividades não fazem esse trabalho: pagam a uma pessoa,

e por isso não têm lucros nem vêm resultados... Tem de haver alguns que se interessem muito pelos jogos... "no C.E.R., cheguei a falar com um cavalheiro que, pensei que talvez se sentisse honrado em arranjar o jogo, em colaborar connosco e ele disse: Faça o senhor, eu não posso; estou a acabar o meu curso, estou aqui em part-time para acabar os meus estudos e não posso de maneira nenhuma... bem, o homem sentia-se humilhado se tivesse de pegar no rodo para arranjar o jogo..."

"No Grémio têm muitos dirigentes, mas também ninguém pega no jogo: pagam a um empregado, que vai lá quando vai e quando não vai é como o outro, e aquilo às vezes está bastante mal. Eu perdi lá uns bons bocados a arranjar o jogo..."

Mas a colaboração do sr. Emilio no relançamento do jogo da laranjinha em Lisboa não ficou por aqui. Além de ter sido o principal impulsor do campeonato, de ter "rodado" alguns recintos para garantir condições para as jornadas que se disputaram, de ter feito parte da caixa "as Relíquias", também organizou um jantar de confraternização no seu restaurante, a Adega da Tia Matilde. "Nós fizemos este campeonato por uma carolice. O Presidente da Câmara sabia do meu fraco, agarrou-me e mandou-me para a frente (...) Às duas por três eu fui assim mandado para a cabeça do touro e disse: isto não pode parar, tem de andar para a frente. E para andar para a frente, para acabar o campeonato e para tudo correr bem, foi muito trabalho e muita despesa... eu não estou a chorar as centenas de

contos que gastei com o campeonato, bem pelo contrário (...) Tive de oferecer cerca de 200 jantares na Tia Matilde para que o campeonato fosse até ao fim; como prémio a todas as caixas que não cometessesem actos indisciplinados e não tivessem faltas de comparência. Para os obrigar a jogar."

Mesmo afirmando, como afirmam os participantes deste campeonato que não foi apenas pelo jantar na Tia Matilde, a verdade é que a promessa desta comensalidade festiva num local inacessível para as suas bolsas, teve muita importância. Mais do que as taças e medalhas oferecidas pela Câmara Municipal de Lisboa, foi esta meta de "confraternizar numa bonita festa e encontrarmo-nos ali com todos os jogadores que participaram no torneio" (Beato) que dinamizou este acontecimento. "Repare, houve incentivos, ofereciam um jantar na Tia Matilde, numa casa onde a gente não pode entrar e a gente assim participa (...). Devia haver mais incentivos porque, quer a gente queira quer não é uma actividade que morre (...) mais dia menos dia a gente perde a vontade de jogar e deixa mesmo de jogar porque não há aquela continuidade", diz um jovem jogador do Beato, que já chegou a estar cinco horas seguidas a jogar à laranjinha, até às três, quatro da manhã... Como se a laranjinha estivesse condenada a sobreviver pela carolice de alguns homens com situação de poder para poderem promover estas festas, já que de outra forma, ela já não pertence ao presente como um dos lazeres generalizados da cidade de Lisboa.

A laranjinha tem os seus limites culturais, uma história própria, determinadas condições de produção, um contexto social específico, que impedem - que, de repente, por uma manobra populista, aproveitando os poucos sobreviventes desta prática lúdica e criando alguns novos, ela se torne um "jogo típico lisboeta". Foi o que se tornou óbvio com este campeonato que iluminou, numa breve chama, as contradições inerentes a este processo de "ressurgimento" artificial dum jogo moribundo, produzido num espaço amplo e barato, fabricado e mantido pelos próprios intervenientes, recorrendo a materiais acessíveis, repetindo regras simples ao longo de séculos... E enraizado numa vida de bairro de conhecimentos pessoalizados, eixo de amizades, alianças, trocas recíprocas, comensalidades ritualizadas... Mesmo com a boa-vontade de alguém com uma posição de poder e o desejo de manter viva esta prática lúdica, a laranjinha continua marginalizada: "A laranjinha é um coisa que movimenta o corpo, julgo que é um exercício físico, julgo que é uma coisa que se pode considerar um desporto. (...) se o xadrez não fosse jogado no topo duma certa e determinada gente, não era considerado desporto. Mas como há um grupo que joga ali em cima e pertence a um determinado sector (...) é considerado desporto e vem nas páginas dos jornais desportivos. Eu tentei por tudo enfiar a laranjinha na Bola ou no Record e não consegui nada... e olhe que tenho ligações com gente da Bola, pendurei-me, arranhei, e julguei que conseguia cobertura para o campeonato. Nada. Não consegui nada..."

V. 4. As atitudes e as opiniões

Elevada à categoria de "jogo típico lisboeta", a laranjinha permanece um jogo de taberna, de convívio avelhado. O presente, alterado por este acontecimento - o campeonato - não conseguiu transformar nem anular o seu contexto de produção histórico. O jogo expandiu-se e cresceu, incorporando elementos de transformação e novos significados, é certo, mas a sua memória continua viva e, para algumas colectividades, esse tempo passado ainda presente é um estigma, uma espécie de pecado original.

Restaurados ou re-criados na altura do campeonato - o do Grémio restaurado em Abril de 1985, o do Beato e do C.E.R. mais ou menos na mesma altura, o 31 Santo Amaro e Pateo Alfacinha criado de novo(9) o Águias Fonte Santa logo após o campeonato - os jogos continuam a sobreviver, de maneiras diferentes. Com continuidade, apenas no G.I.L.C.O., no 31 de Santo Amaro e no Fonte Santa, embora este último, com muito menos movimento que os outros dois. E nos arredores de Lisboa, em Caneças, em Odivelas, em Tires, em Pero Pinheiro, no Cacém... Diferenças de funcionamento que se relacionam com diferentes atitudes, opiniões, modos de ver o jogo e de o julgar.

Como já foi referido, no G.I.L.C.O., o ensino é a actividade primordial e considerada a mais importante. Na

reportagem com que "A Capital" inicia a cobertura do campeonato realizada na sede desta instituição, é afirmado por responsáveis da Liberal "... que as receitas do torneio se destinam à parte escolar da colectividade e não às actividades de recreio." (Capital, 3.6.85).

Esta atitude surgindo como natural nesta notícia, adquire um sentido mais claro quando, cerca de um ano mais tarde se preparou uma exposição de fotografia sobre a laranjinha culminando com a montagem numa das antigas salas de aula do Grémio. Na última fase da sua preparação, e apesar da colaboração prestada pelos dirigentes do G.I.L.C.O., não pudemos deixar de reparar numa certa incompreensão pelo facto do tema versar sobre a laranjinha. Frases como "Isso não interessa, deviam era fazer uma exposição sobre a escola" ou "a laranjinha é a vergonha do Grémio, é um jogo de taberna... o que interessa é a escola", surgiam no meio da nossa azáfama (a pintar painéis, colar fotografias, aparafusar vidros), perante uma atitude demasiado expectante e prudente. Mais tarde, confirmou-se esta nossa suspeita, não só pela aversão sistemática que os jogadores denunciavam face à burocratização da associação, como também pela hostilidade dos directores em relação aos destinos humanos e materiais da laranjinha. "Eu acho que eles andam a pensar em acabar com o jogo...", conta um jogador que passa todos os seus serões a jogar na sede. Uma vez, ele propôs para sócios alguns amigos, "pessoas às direitas, reconhecidamente pelo bairro...", e a direcção recusou sem justificar, facto que

ele atribui a dois motivos: serem jovens e pretendarem ser sócios apenas para jogar à laranjinha. Os castigos por comportamentos indecorosos continuam a constranger a dinâmica do jogo e basta um pouco mais de barulho ou palavrões para as penalidades previstas nos estatutos actuarem... Razão que leva M. a mostrar a sua preferência pelo 31 de Santo Amaro: "No 31 o ambiente é mais descontraído, é melhor para conviver e para os petiscos..."

E, no entanto, pouco antes do campeonato, um dos dirigentes do G.I.L.C.O. era um exímio jogador de laranjinha e grande animador do jogo. Integrava a caixa "A malta de Almada"(10) e contava que "A minha família foi toda da laranjinha. Comecei a jogar aos 14 anos na Sociedade Musical União do Beato (...), mais tarde mudei para Almada e aí continuei a jogar nas tabernas." Hoje, este indivíduo e a "malta de Almada" (não só a caixa identificada por esse nome, como outros homens que vivem na outra banda), fizeram do 31 de Santo Amaro um dos seus locais preferidos e quase não frequentam o Grémio.

Um dos dirigentes do G.I.L.C.O., referindo-se ao 31 de Santo Amaro, disse-me, um dia: "Aquilo não é uma colectividade, é uma taberna." Fica num espaço encravado num pátio, entra-se por um portão de madeira duma rua perto do Alto de Santo Amaro, passa-se por algumas habitações pobres com os seus quintais (cf. vilas e pátios, in Cap. III) e chega-se ao 31: uma sala grande com o bar, contiguamente o barracão em cimento do jogo da laranjinha,

uma latada, algumas pipas vazias, uma mesa grande, onde se fazem comensalidades prolongadas e descontraídas... A parede que separa o bar da laranjinha tivera em tempos recentes uma janela, por onde passava o jarro de vinho e os sete copos; foi fechada há alguns meses, mas a mesa com a bebida continua lá. "Nas colectividades não há vinho para o jogo: há um balcão, há um bar onde o cliente vai tomar umas coisas, mas não é incluído no jogo" - disse-nos o sr. Emílio - "O 31 já tem um outro sistema, que não deixa de ser o indicado para a laranjinha, mas não é talvez o sistema indicado para uma colectividade."

Espaço aberto e acolhedor, a partir das 14.00h, no 31 joga quem quer, não é necessário ser sócio como nas outras colectividades. Até o seu Presidente joga a laranjinha e ali se deslocam, não só homens dos arredores de Lisboa (Almada, Odivelas, Caneças), como os jovens jogadores do Beato, os jovens do Centro da Almirante Reis, do G.I.L.C.O.. Por vezes, saem todos juntos dali e vão fazer um joguinho aos recintos novos de Caneças, dos Bons-Dias... "É malta porreira, quando lá vamos há sempre bebida e petiscos. Fazem-se umas boas caixas" - explica-nos um jovem director do Beato.

O campo tem mais ou menos dois anos e é um ponto de passagem importante para os homens da laranjinha, desde o campeonato de 1985, onde ele participou com as seguintes caixas: "Sociedades do Passado", "Os 31", "Santo Amaro", "Os Excursionistas", e, pelo Sporting União Fontense "Os Humildes" e "Os Pinóquios". Para os jogadores daquelas

sociedades que durante o inverno têm o campo inundado, é um ponto obrigatório. Reconhecem que foi graças ao campeonato que o ficaram a conhecer, e que preferem o 31 ao Grémio e ao Fonte Santa. Estes homens que durante tempos frequentaram o Grémio fixam-se agora no "espaço mais descontraído" desta espécie de colectividade-taberna, em conformidade com o "verdadeiro" espírito da laranjinha.

«Manuel» nasceu no Rego mas foi, com três meses de idade, para a Cova da Piedade, onde casou e continua a morar. Refere que havia 14 jogos e o último desapareceu há 17 anos. Andou embarcado 30 anos, hoje é reformado. Começou a jogar à laranjinha muito cedo. Ainda solteiro, foi um dia a um sítio em Campo de Ourique beber uns copos com os amigos e de repente começou a ouvir um barulho. "Pan! Pan! Olá, aqui há laranjinha!" Perguntou ao dono e ele disse que sim, que podia entrar. "Jogámos três horas e ganhámos sempre. Ficámos conhecidos. Não me lembro onde era." Depois, deixou de jogar até ao campeonato de 1985. Agora, vai todos os dias ao 31, de passe social. O filho também joga e participou neste campeonato. De vez em quando, se o convidam, também vai ao Pátio Alfacinha.

«Jesus» nasceu na Póvoa de Santo Adrião e aprendeu a jogar com 13 anos, numa taberna. Mais tarde, teve uma taberna com um jogo que depois passou a outra pessoa. As tabelas actuais do 31 foram desenterradas desse jogo que em tempos lhe pertenceu. Tem 65 anos e também é reformado. Costumava ir ao Grémio desde a altura em que teve um talho

em Campo de Ourique, porém agora não o frequente. Além dos jogos novos que entretanto abriram em Odivelas e Caneças, vai ao 31 e, mais raramente, ao Pátio Alfacinha. Neste último, "apesar de ser à borla, não há bebida e a gente sempre gosta de beber um copinho. Preferia pagar e poder beber. Lá, é um desconsolo." Joga todos os dias, pelo menos duas horas: "Faz bem à saúde."

O dirigente do G.I.L.C.O. entrevistado pela Capital na notícia já referida, pertence também a este grupo de amigos e circula pelo 31 ou Pátio Alfacinha. É torneiro mecânico e faz bolas de laranjinha. Certos jogadores, por vezes, mostram as bolas, feitas por ele. O sr. Tomé, velho campeão da laranjinha e frequentador do Grémio, recorda-o com saudades e conta que "quando jogava contra mim não jogava à vontade, jogava muito bem mas era mais novo e não gostava de me ganhar..."

O Centro Escolar Republicano Almirante Reis participou com seis caixas no campeonato: "Oriental", "Leiteiros", "Os Quatro Falidos", "Os Almirante Reis", "Viva a República" e "Os Passarinhos". Fundado em Abril de 1911, tem um jogo da laranjinha, não se sabe desde quando, debaixo dum telheiro que, quando chove muito, não é suficiente para o proteger da água. Sito na Rua do Benformoso, a sua zona de inserção é a Mouraria e está aberto das 19h às 24h nos dias de semana e também durante as tardes de fim de semana. Para além do pátio onde se encontra o jogo da laranjinha, o Centro tem uma sala com um bar, o salão de jogos e

televisão, uma biblioteca e duas salas de aulas já que, tal como o Grémio de Campo de Ourique, desempenha uma dupla actividade: de dia, aulas, de noite, recreio. A atitude do presidente desta associação, em relação à laranjinha, parece, no entanto, diferente da dos dirigentes da sua similar campo de ouriquense: gosta dela, incentiva-a, acha que se devia expandir, como jogo tradicional que é. No entanto, esta espécie de bonomia regista uma idealização deste jogo que não corresponde à realidade. Numa entrevista à Capital, o presidente refere que "a laranjinha é oriunda dos bairro mais típicos de Lisboa", que "a divulgação do jogo é tal que não se pode dizer que haja uma faixa etária preferencial (...)", que "nasceu na rua e não nas colectividades" (11), que "o jogo se confunde com o início da formação de centros republicanos e foi muitas vezes pretexto para troca de impressões e divulgação política dos ideais republicanos", terminando por apontar a característica universalizante desta prática lúdica: "desde as crianças que aqui andam a estudar, em cujas mãos as bolas praticamente não cabem, até pessoas com mais de 50 anos, toda a gente gosta de jogar e alguns com muita perícia..." Palavras que contextualizam a laranjinha de acordo, não com a sua realidade histórica, mas com o desejo de a promover como jogo típico, com a vontade de a tornar uma prática generalizada a todas as idades, classes sociais, sem distinção de credo ou de sexo... - respeitando os ideários republicanos, de igualdade e fraternidade entre os homens (cf. Cap. IV.1.). Esta atitude normativa não

deixa de ter as suas repercussões na vida social da associação e na própria prática lúdica, liberalizando-a de certa forma e fornecendo-lhe elementos de auto-justificação perante um exterior que até então lhe fora hostil, pela ignorância quase absoluta da sua existência.

Apesar de restaurado por altura do campeonato, o campo de laranjinha do Centro Almirante Reis continua parado a maior parte do inverno porque fica alagado pelas águas das chuvas. Os seus homens adquiriram o hábito de se deslocarem, nas tardes de fim de semana, até ao 31 de Santo Amaro. Num fim de tarde de Janeiro, deparamos com o bar cheio de recém-chegados de Santo Amaro. "Costumamos ir para o 31 porque lá a malta é fixe. Chegamos lá e fazem umas petiscadas e bebemos um copito. A gente não vai só para jogar, quer dizer, vai jogar mas também há sempre petiscos e conversas. Aqui no Centro jogam mais de 20 pessoas, se não fosse a laranjinha isto era morto. As vezes, também vamos ao Beato ou ao Grémio. Conheço quatro sítios em Lisboa: Beato, o Grémio, o 31 e aqui. Mas o 31 é o mais fixe..."

Na primavera iniciam-se os torneios inter-colectividades. Este ano, decorreu no Centro e convidaram-se caixas do Grémio e do 31 de Santo Amaro. Nas paredes afixaram-se mapas dos jogos a efectuar, todas as noites, à excepção do fim de semana destinado apenas aos sócios. O regulamento é ligeiramente diferente do campeonato, provocando muitas vezes discussões. As pessoas, na sua maioria velhos que já não jogam, debruçam-se no muro

que circunda o recinto, observam e animam-se com as boas jogadas dos jogadores do seu bairro.

«Carlos» nasceu na Mouraria e sempre aqui viveu. Foi agente de vendas, hoje com 69 anos é reformado. Casado há 43, sócio desde o 39 anos, joga a laranjinha desde os 18. O pai também jogava e foi quem o ensinou; tinha duas sapatarias e ele, «Carlos» gostava de fazer sapatos, quando era novo. "Chamavam-me o «modelos», porque passava numa sapataria, via o modelo do sapato e logo o desenhava." Em tempos, para jogar circulava por alguns sítios, todos no seu bairro. Hoje já não joga por causa do coração. Mas recorda-se muito bem dos locais onde havia laranjinha. Um dia mostra-me um papel com os nomes apontados. Continua a frequentar o Centro, tem um cargo na Direcção e senta-se à mesa com os amigos mais antigos.

«Jaime» tem 74 anos, nasceu no nº90 duma rua da Mouraria e passou para o nº60 da mesma rua. Frequentou a escola do Centro e desde que começou a trabalhar fez de tudo, sempre sózinho. O pai era de Campo de Ourique, a mãe espanhola. Começou a jogar com 18 anos e o seu local preferido era o Luis Saloio "que era mesmo em frente de minha casa." O filho, hoje com 48 anos, também andou na Escola do Centro. Conheceu a mulher "numa paróquia de Carnaval, um baile." Tem seis netos e já não joga à laranjinha "por causa da idade." Mas gosta de ver, como o seu amigo «Carlos» beber o seu copito no espaço do Centro...

Tal como os velhos do Beato, que se encontram na S. Musical União do Beato para as cartas e o copito acompanhado, também eles já não jogam, e a laranjinha situa-se noutro tempo, noutra vida diferente. Aqui, o jogo esteve também parado, quando o bar foi instalado sobre ele... Quando, em 1985, surgiu a ideia do primeiro campeonato de Lisboa, o jogo não estava funcional. Com a ajuda da Câmara Municipal de Lisboa reiniciou-se a tradição da laranjinha(12). Agora, continuam a participar em torneios, mas só de verão, porque de inverno a sala tem imensas infiltrações. "Houve direcções que pensaram fechar aquilo e depois houve pessoas que disseram que aquilo é um jogo tradicional como poucos já há e que não devia ser fechado." Dantes eram os próprios sócios que arranjavam e rectificavam as tabelas, quando era necessário. "Levavam-nas a pé até Xabregas, ao Luis Ribeiro para as rectificar. E olhe que têm 15 metros aquelas tabelas...!"

Hoje são rapazes novos que estão à frente dos destinos desta colectividade tão antiga, fundada em 1894, aberta todos os dias das 20h às 24h, sábados das 13h às 24h e domingos das 10h às 24h.

Esta sociedade participou com as seguintes caixas, no campeonato: "Real Sociedade", "Real Madrid", "Os Maradona", "Lao-Tse", "Os Sornas do Beato", "Os Derrubas".

A banda, que constituiu a sua razão de ser inicial está parada, só existem os instrumentos(13). "Sou o 64 da Banda. Tenho muito amor à música, vinha com o meu pai", conta João, filho de tanoeiro. "Fui tanoeiro, tenho sido

como os saltimbancos, tenho sido qualquer coisa no mundo." Também jogou à laranjinha, mas "quando era novo dançava mais do que jogava," até que começou a tocar música. Nasceu em Braço de Prata, tem 79 anos e há 63 que aqui vive. "Além da Banda, havia os bailes, quase todos os sábados, até às 3/4 da manhã. Muitos casamentos saíram destes bailes... às vezes nem se cabia cá dentro." E houve cinema, e houve teatro... "Hoje só há uma escola de música, até ver..."

"O autor da laranjinha aqui foi o Manuel Teixeira que tem um quadro na sala da laranjinha. Saiu-lhe a sorte grande, 40 contos e deu o jogo à colectividade". Jogo este que apenas era mais um dos cerca de 10 que existiam em tabernas naquela "periferia". "Mas aqui, a despesa era a mais barata: só \$50 cada bola (uma hora). E, sobretudo, não era interdito a menores de 16 anos, e os rapazes, que aos 11, 12 já trabalhavam, podia ir para ali ver jogar e, por favor de alguém, jogar um pouco". Mas as actividades reconhecidamente centrais da colectividade eram a banda, o teatro, o cinema e sobretudo os bairriscos, ponto alto da sociabilidade de bairro, festas do conhecimento e re-conhecimento de todos. Como nos referiu um antigo director: "As pessoas se puxam para a laranjinha, não puxam para os bailes..."

O jogo novo do Águias Fonte Santa, também em Campo de Ourique, foi conseguido a custo: rapazes novos haviam "tomado" a direcção, dado prioridade aos bailes e transformado o salão numa espécie de boite... Após este

breve reinado de juventude, os velhos voltaram à direcção e empenharam-se na re-construção do jogo, que por altura do campeonato, estava novo, com tabelas de sucupira. Esta história foi-nos contada em pormenor. Aqui, o jogo, no entanto, tem pouco movimento; é sobretudo no domingo à noite, quando o G.I.L.C.O. fecha, que chegam jogadores para a laranjinha.

Também o jogo existente no Pátio Alfacinha foi produto do campeonato e só por convite é possível jogar(14)... E outros jogos, nos arredores de Lisboa, em Tires, em S. Pedro de Sintra, em Caneças, em Odivelas. Jogos com características inovadoras: sem cacifos individualizados para as bolas, com o relógio escondido no balcão da mesa onde se paga o barato, sem bancos para o espectáculo da laranjinha, fazem recordar as palavras do sr. Emílio: "A laranjinha de antigamente, que para mim é outra laranjinha, apesar de ser a mesma..." que o que interessa não é o jogo em si, com as suas regras e movimentos, mas sim o que o rodeia. O que rodeou o campeonato de 1985, as novas relações que estabeleceu, não morreram com ele, construiram uma dinâmica própria, transformaram a laranjinha, que escorregava lentamente para o esquecimento. "As pessoas conheceram-se melhor e passaram a ser amigas. Um homem da Mouraria disse-me: Isto foi uma dádiva que Deus me deu! Os homens da laranjinha criaram uma família."

E foi a partir desta família re-criada de novo e organizada segundo determinados parâmetros impostos do

exterior pela invenção dum "primeiro campeonato de laranjinha de Lisboa", que se tentou perceber, nas próprias contradições actuais dos seus membros e do seu significado, qual a especificidade sociológica desta prática de lazer urbano.

NOTAS:

- (1) Que podem constituir uma única peça de 9m ou duas de 4,5m.
- (2) Não só de laranjinha, como campeonatos de sueca e de tiro aos pratos.
- (3) Colectividade situada na R. do Possolo, nas margens de Campo de Ourique.
- (4) 13.800\$00 em 1944, quando o saldo positivo que a sociedade regista na década de 40 no final de cada ano, ronda os 11.000\$00.
- (5) Colectividade de Campo de Ourique que tem um jogo novo de laranjinha.
- (6) Rajoul Bluteau 1712/1727, cit in Crespo, J. (1982). Este artigo, fornece-nos algumas indicações preciosas sobre o passado do jogo.
- (7) Abel Pereira da Fonseca.
- (8) Cf. regulamento in A Capital: "Compõem-se de 30 caixas em provas de 5 séries de 6 caixas, para apuramento dos 1º e 2º classificados de cada série".
- (9) Para construir estes dois jogos foi necessário desenterrar tabelas de campos antigos, posteriormente restauradas nas oficinas da Câmara Municipal de Lisboa, pois que a madeira adequada tinha deixado de existir. Para o Pátio Alfacinha, as tabelas vieram do "D. Maria de Caneças" (donos eram sogros do Emílio), para o 31 foi de Odivelas, da taberna do Jesus.
- (10) Além de "Malta de Almada", o G.I.L.C.O. concorreu ao campeonato com os "Deixa andar", "Os Patinhos", "Os sornas", "Os Águias" e, pelo Águias da Fonte Santa, "Os veteranos".
- (11) O que, de certa forma, está certo, considerando "rua" num sentido muito lato, englobando locais populares, que aí atraem uma vida social pública...
- (12) "O Presidente visitou as colectividades todas onde fez as obras por altura do campeonato, e nós chamámos-lhe a atenção para as infiltrações. Já pedimos um orçamento, vamos lá a ver..."
- (13) "A sociedade do Beato nasceu na fábrica de moagem - o Brito. O dono da fábrica aborreceu-se com a música e entregou ao A.M. as coisas de música. Ele convidou alguém

do sítio para formar, convidou A,B,C,D, por aí fora e formaram atão a sociedade do Beato à parte da fábrica de Moagem. Ensaiavam nos silos onde punham o trigo, depois arranjaram uma casa, num beco (...), dali veio aqui para cima (onde hoje é uma escola), daqui para a Calçada do Grilo. Precisavam de casa para o padre, puseram a sociedade na rua, lembro-me do meu paizinho aqui a chorar, triste. Estivemos sem casa dois ou três anos, era a sociedade de Chelas que autorizava que a gente fosse ao baile. Havia uma de Xabregas, a Tuna de Chelas, o 3 de Agosto, o Solidó do Beato. Depois, arranjámos uma casa aqui no Largo da Alameda. Dali, viemos atão para esta casa, da parte de lá (que isto era uma padaria)..."

(14) Que concorreu com as seguintes caixas: "Os do Pátio", "Os Restinguinhas", "Os Alfacinhas", "Os Fernandos da Tia Matilde", "Os Relíquias do Pateo".

CAP. IV NASCER, ADOECER, MORRER:

O PERCURSO IMPREVISÍVEL DA LARANJINHA

"Ce sont des mélanges. On mêle les âmes dans les choses; on mêle les choses dans les âmes. On mêle les vies et voilà comment les personnes et les choses mêlées sortent chacune de sa sphère et se mêlent: ce qui est précisément le contrat et l'échange."

(Mauss, Essai sur le Don, 173)

VI.1. A vocação social da laranjinha

A laranjinha é um jogo de gente pobre, de "outra gente" que joga esta espécie de bilhar em ponto grande, "não sofisticado", rústico nos materiais e nas formas, nos gestos largos, no espaço vasto, na linguagem forte, no consumo do alcoól e do tabaco. É um jogo feito por e só para homens, um ritual marginalizado, quase secreto.

A vocação social do jogo (Caillois, 1958, cf. cap. 1) é particularmente nítida na laranjinha: jogo colectivo por excelência, constitui antes de tudo um espectáculo. Pela encenação pública que pressupõe, só pode ser jogada no recinto próprio do espaço colectivo (taberna ou

colectividade), com determinados objectos fabricados com materiais exóticos e caros, que, associados ao percurso antropomórfico do seu conteúdo lúdico - "tá doente!", "à morte!", "morreu!", parceiros da "mão", do "meio" e do "pé" -, à sua imprevisibilidade e a uma gestualidade exuberante, a tornam numa atracção fascinante para os sentidos. A competição é mais acesa do que em qualquer outro jogo existente no mesmo tipo de espaço de convívio do bairro: a expressão de rivalidade que se instala entre os seus participantes (que pode ser extensiva aos espectadores) é muito mais exteriorizada e violenta do que em qualquer outro jogo. Razão que, como já se referiu, faz com que seja muito menos tolerada no espaço recreativo e familiar das colectividades, apontada como um jogo eminentemente conflituoso, barulhento e briguento (cap. V) e sujeita a um controle muito mais rígido por parte de quem se ocupa dos destinos destas associações (cap. IV). A iniciação que implica é longa e exclusiva a indivíduos masculinos. Pressupõe um treino prático prolongado, obriga a desenvolver todos os sentidos - do tacto, visual, da fala e auditivo -, porque não se trata apenas, de pontaria, de perícia, de força e de aprendizagem ritual das regras e da batota imprescindíveis ao treino. Há ainda a linguagem e o saber responder às provocações, ou seja, a competição oral que também faz parte deste ludus. A laranjinha é jogo só de homens, enquanto outros, apesar de publicamente masculinos têm um correlato doméstico que inclui mulheres e crianças.

Estes elementos articulam-se num conjunto coerente e pertencem a uma linguagem comum a todos os membros que intervêm nesta prática ritual de jogo quotidiano. A sua materialidade, as regras, o hábito regular do encontro, o espaço securizante e bem conhecido - geográfica e humanamente -, todos estes elementos constituem o nó de interacção pessoal dos praticantes da laranjinha. E o motor da dinâmica desta "região de comportamento" (Park, 1916, cf. cap. 1), desta zona de encontro, é a rivalidade instaurada entre os homens. É através do estímulo artificial da competição masculina que os indivíduos se opõem uns aos outros, se individualizam e dessa forma interagem.

VI.2. Os homens versus as coisas

Fabricada com materiais simples e acessíveis à sua transformação, ela constitui-se como o nó de múltiplos laços sociais e como testemunho dum determinada representação do mundo. A sua materialidade serve de suporte e, simultaneamente, é o reflexo dum imaginário específico. Este conjunto insere-se num universo social que lhe dá um significado próprio.

A relação dos homens com os objectos é próxima, o que se revela a diferentes níveis. Por um lado, na relação não alienada que entre eles se estabelece. Contrariamente ao que se passa com a habitual relação de divórcio entre os

indivíduos e as coisas, cada vez mais recorrente na nossa civilização industrializada, neste processo lúdico os homens identificam-se com os utensílios e instrumentos que usam. Eles fabricam-nos e reparam-nos, garantindo-lhes um valor de uso temporalmente estável. O ciclo de vida da laranjinha é longo, tanto na história do jogo como na história individual de cada jogador. Quando Luis Filipe conta que "a taberna Fonte Santa teve o melhor jogador de todos os tempos - Henrique o Niquelador - e que quando morreu a bola dele ficou lá com uma fotografia" ou quando outro diz que "esta bola que eu uso já era do meu pai" ou "pedi ao Mário Jorge que ma fizesse", esta simples relação personalizada com a bola significa uma relação de coincidência entre a coisa e a pessoa, identificação do objecto reconhecida socialmente. Esta identidade é claramente simbolizada nos cacifos individualizados onde as bolas são guardadas, fechadas à chave e apenas usadas pelo respectivo dono. Ou então, cuidadosamente enfiadas num saco especialmente concebido para o efeito, que acompanha sempre o seu proprietário. A dimensão da bola varia conforme a mão e gosto. Não existe uma medida standard rígida, a cada jogador corresponde uma bola.

Este jogo tradicional e popular contraria a afirmação geral de que na civilização ocidental e industrializada "onde existe uma proliferação de objectos de todos os tipos e a sua incessante transformação (...) os objectos crescem muito mais rapidamente que a faculdade humana de tecer os laços em torno deles e de assim lhes dar vida" (Denieul,

1981, 208). A vida dos objectos da laranjinha nasce da criação de laços pessoais em seu redor. Essa permanência social e temporal é uma das características distintivas desta prática lúdica em relação a outras mais generalizadas.

Por outro lado, a proximidade entre os seres e as coisas gera-se em torno do sentido do tacto, desde o seu fabrico e manutenção, até ao próprio processo do jogo. O tratamento do terreno - deitar regularmente uma mistura de areia e de caliça sobre ele, regá-lo, rodá-lo, marcá-lo com giz - o fabrico e rectificação das tabelas, o tornear das bolas, - por vezes feitas à medida dos desejos do seu apropriador - todos os passos do jogo, enfim, são um contínuo tocar, pesar, avaliar dos seus objectos, desde a sua criação até ao seu uso. Os materiais situam-se no domínio da sensibilidade táctil: a rugosidade da madeira - sem dúvida o material mais importante (tabelas, bolas, cacifos, bancos, compasso, régua, marcador) - e a cortiça, o peso frio do ferro, tudo matérias sólidas, antigas e pouco atraentes.(1)

As tabelas são, tradicionalmente, de mangue, as bolas de jacarandá, pau ferro ou ébano. Madeiras originárias de África, são hoje difíceis de conseguir - exóticas, no dizer dos homens da laranjinha. A proximidade sensorial com esta matéria contrapõem-se dois tipos de distanciamento: a qualidade exótica do material e a imprevisibilidade do processo lúdico determinada pelo conteúdo simbólico do jogo. "O jogo da laranjinha é viciado" conta Magalhães

"porque é sempre imprevisto, nunca se sabe como as bolas vão ficar e é sempre diferente." Um exotismo criado e reproduzido pelos seus praticantes, na resistência barulhenta das bolas que colidem de encontro às tabelas e no vocabulário de pontuação a definir o destino de cada jogo que morre aos 31 pontos para voltar a ressuscitar.

VI.3. A rivalidade e o acaso

O tema central do jogo, a metáfora que serve de suporte ao seu desenrolar, é o ciclo de vida humana, com um princípio, um meio e um fim. Os momentos significativos do seu fluir, verbalmente assinalados, são apenas quatro, e todos se situam na segunda metade do jogo: meio jogo! tá doente! à morte! morreu!. Momentos que, obsessivamente se vão repetindo, a recomeçar a contagem de zero a trinta e um pontos, nos sessenta minutos de cada encontro. Durante este tempo vários jogos morrem e quem mais mortes provoca vence. O importante é a perícia, além da imponderabilidade de outros factores que, incontroláveis, intervém no destino do jogo.

"É na tal caixa que a gente tem o parceiro da mão, o do meio e o do pé que se consegue dar bons espectáculos da laranjinha." O fascínio dos espectadores também faz parte do jogo. A sedução das bolas que rolam sempre, das regras que partem em três momentos o fluir contínuo da hora cronometrizada. Três conjuntos de lançamentos, primeiro a

mão, depois o meio e finalmente o pé, cada vez atirados com mais energia para afastar o número crescente de bolas que se vão interpondo; quatro momentos importantes na definição do ganhar e do perder, desde o primeiro que sai com a laranjinha até ao grito "morreu" a anunciar o seu final... Entre o início e o fim, a incerteza, a imprevisibilidade e as posições sempre novas das bolas.

Como se fosse a projecção duma vida insegura e vazia de acontecimentos para além do nascimento, da doença e da morte, este jogo torna-se assim um ritual repetido na certeza de que se adoece pouco antes de morrer, na incerteza do seu percurso intermédio. Ritual que tenta forçar o acaso com um esforço de pontaria e de força controlada, na contenção de cada lançamento para que a bola se imobilize no momento e na posição certa, de acordo com a vontade do seu dono. Ritual criado no confronto de duas caixas rivais que, no estímulo permanente da competição reflectem uma prática social onde a afirmação positiva de cada um se constrói sobre a derrota de um outro.

Na encenação dramática desta metáfora antropomórfica, cada jogada é um pôr-se à prova renovado, uma espécie de pequeno rito de passagem, um testar das qualidades de cada jogador: o esforço de pontaria, de força, de certeza no atirar das bolas demonstra as capacidades de cada um. E o seu resultado é avaliado em relação aos outros resultados. O ganhar, o passar da prova não é absoluto, é relativo à derrota dos outros. O objectivo deste drama é a afirmação da superioridade de alguém sobre outrém através da

classificação hierarquizada da pontuação.

Entre o início e o final de cada jogo, ficam também todos os factores imponderáveis que concorrem para facilitar ou dificultar o exercício dos praticantes: o estado do terreno e das tabelas, das bolas, a sua posição e o grau de emoção e de alcoolémia. Na laranjinha é sempre diferente, por isso é "viciada". Nem sempre é a vontade e a habilidade que determina a sua conclusão.

Ela é um misto de jogo agonístico e aleatório (Cailllois, 1958, cf. cap. I), é na emoção criada pela rivalidade exacerbada que o destino se decide. Esta rivalidade transmite-se para fora do jogo, no confronto sempre pronto a estalar, nos desentendimentos prolongados em conflitos mais ou menos duradoiros - insultos, agressões que podem versar temas internos ao próprio jogo (a posse das bolas, des-consenso em relação a determinada regra, falta de ética de jogo) ou exteriores (provocações entre os jogadores e com elementos de fora, bebedeiras que se prolongam noutras espaços da colectividade, etc.) (cf. cap. V).

VI.4. O jogo, o trabalho e a vizinhança:

a competição masculina

Este jogo é uma forma de falar sobre uma vida que oscila entre a incerteza de ganhar, as forças adversas do acaso e a certeza de que terminará com a morte. É um

pretexto de conversar sobre ela. O alcoól, o permanente desafio, o estado de tensão que a rivalidade cria, provocam um estado emocional particularmente intenso. É com estas emoções de vitória, de perca, de humilhação, que estes homens entram em comunicação, trocam palavras, gestos, passos, e criam uma espécie de comunhão lúdica de entendimento através duma linguagem comum.

Esta solidariedade nasce da prática do jogo e da confraternização do vinho, da ocupação dum mesmo espaço e dum mesmo tempo com uma actividade gratuita e não utilitária, num espaço colectivo situado na área onde habitam como se fosse um núcleo congregador de relações de vizinhança(2), na falta de outros espaços menos formais (cf. cap. III.2). É na relação da actividade de jogo com este espaço colectivo, produtor de vizinhança, é no ponto de encontro entre um ritual lúdico que produz solidariedade e as relações de reconhecimento mútuo que se produz a consciência de ocupar um mesmo espaço comum. Estas relações de vizinhança nascem, desenvolvem-se e reproduzem-se no espaço de lazer das sociedades recreativas, num tempo lúdico destacado dos restantes tempos vividos de outras formas. A sociabilidade produz-se com e pelo jogo, numa casa colectiva congregadora de pessoas que vivem o facto urbano que é a distância social, provocando a consciência de uma proximidade física que nas cidades facilmente se esquece. O jogo torna-se assim, um núcleo criador de solidariedade vicinal.

Os homens que jogam a laranjinha são quase todos oriundos de Lisboa e mesmo aqueles que nasceram fora da cidade vieram de muito cedo habitá-la. A sua socialização, desde tenra idade, decorreu nos bairros pobres da cidade, sobretudo nas ruas, com os seus locais permitidos e outros de acesso proibido, com uma breve passagem pela escola e uma entrada precoce no mundo do trabalho. Todos eles falam do seu bairro como um local estável de diversas vivências, acentuando o carácter de permanência que ele desempenha nas suas vidas(3). Em termos residenciais, a sua mobilidade é fraca. É, pelo contrário, a permanência numa determinada rua ou zona que lhes caracteriza a dimensão habitacional. Este traço é para eles importante, já que falam disso com gosto, sem necessidade de perguntas. Não ocorre o mesmo com o domínio do trabalho, que é referido de forma muito breve e resumida.

A identificação com o local de residência, com uma territorialidade interiorizada como o espaço preferencial de vivências familiares e de lazer - o seu bairro - é um dos pontos de articulação das relações sociais que, no interior do bairro, se estabelecem entre os indivíduos. A localização da residência aparece como um importante princípio da organização social: para estes homens com fraca mobilidade é a sua proximidade geográfica e social (cultural e de estratificação social) que produz relações próximas, interpessoais, de vizinhança, no espaço do lazer.

No entanto e apesar da importância da base local das relações sociais, o lazer que gera relações comunitárias, no sentido de uma identidade entre um grupo de indivíduos, associa-se a vários outros factores. A proximidade geográfica vivida entre os indivíduos que predispõem à vizinhança só faz sentido na conjunção com outros factores, com a sua ocupação laboral, o estatuto social com ela relacionado, a sua idade e consequente posição no ciclo de vida familiar. A comunhão desenvolvida pela actividade competitiva do jogo é produzida em torno duma afirmação de atitudes baseada em valores masculinos, - uma afirmação de um determinado papel sexual relacionado com estes outros factores apontados.

Normalmente, o trabalho manual é solitário, existe como um ganha-pão necessário, imprescindível, mas desvalorizado afectivamente. A forma como é falado, à volta de expressões como tem que ser..., tem que se viver... revela um misto de fatalismo e de resignação encarando-o como uma actividade distante e alheia, situada algures num passado tão longínquo que nem vale a pena falar dele. A maior parte dos homens da laranjinha são velhos, reformados; foram carpinteiros, soldadores, sapateiros, motoristas, torneiros, vendedores, engraxadores ou então "fizeram de tudo na vida mas sempre sozinhos".

Pelo investimento afectivo neste jogo eminentemente manual e gestual pode-se dizer que este nível de proximidade física e sensorial com os objectos e técnicas existe numa relação de continuidade com a sua actividade

laboral. O lazer apresenta uma certa continuidade com o trabalho, no sentido em que a atitude em relação a estas duas actividades não é, do ponto de vista manual, radicalmente diferente. Ele constitui-se como o seu prolongamento, pelo treino, descontraído embora regulamentado, que mantém a habilidade técnica. Simultaneamente, no entanto, o jogo da laranjinha, pela sociabilidade intensa que promove, situa-se no antípoda do trabalho destes homens. Ele é uma actividade colectiva, que cria uma identificação com o papel que se desempenha na sua prática, não alienada e produtora de vínculos solidários a ponto deles afirmarem "nós somos uma família". Pode-se dizer que, para estes indivíduos, o trabalho e o tempo livre mantêm uma relação de oposição, no sentido que Parker (1976) lhe dá (cf. cap. I.3.). A própria iniciação no jogo é feita por amigos de bairro ou vizinhos, numa idade bastante jovem, tudo entre pessoas que se relacionam entre si no mundo afastado do trabalho. "Éramos jovens e queríamo-nos divertir, não interessava o que cada um fazia" (cf. cap. V).

Igualmente importante é o facto de aqueles que jogam hoje serem sobretudo velhos reformados e alguns desempregados mais jovens, aqueles que frequentam o bairro com menor mobilidade. Ao isolamento vivido ao nível de uma das actividades sociais mais valorizadas na sociedade industrial - o trabalho - corresponde uma procura de solidariedade no seu domínio correlato - o lazer - e o jogo funciona como seu motor. A posição dos homens da laranjinha em relação ao mundo do trabalho, seja ela de prática

solitária dum determinado ofício, afastamento de qualquer actividade profissional por motivos de idade, ou a inexistência de um local para trabalhar, tem um dominador comum: a falta de laços solidários, de vínculos pessoalizados e próximos, de sociabilidade fora do domínio familiar. Recorrendo a terminologia tonesiana, falta a estes homens a forma de associação humana de comunhão no domínio do trabalho. Esta comunhão é desenvolvida através da emoção do jogo, veementemente explicitada na prática da laranjinha.

O jogo é uma forma de confraternização diferente da dos bailes, festas e outras comemorações. No jogo, todos são iguais à partida. A competição só faz sentido se se desenrolar entre forças idênticas. A emoção criada pela indefinição prévia do ganhar e do perder só pode ser produzida na equivaléncia dos que se confrontam. O sentido do jogo ultrapassa o próprio jogo porque a igualdade requerida não se reduz às capacidades de perícia e destreza de cada indivíduo mas relaciona-se com um sem número de valores sociais masculinos que enquadram devidamente essa capacidade. por isso as mulheres e as crianças são afastadas desse treino, excluídas dum mundo em que são apenas os homens a decidir dos destinos não só da laranjinha como da sociedade. Só os homens se podem constituir como rivais de homens, só assim a disputa lúdica faz sentido, a vitória é de facto uma vitória e a derrota o ponto final de uma luta acesa. É no consenso dos mesmos códigos, de iguais obsessões, duma idêntica

susceptibilidade à provocação que artificialmente se cria a emoção da competição entre iguais, rivais que se afirmam numa escala hierárquica limitada entre a inferioridade e a superioridade, o perder e o ganhar.

VI.5. A associação e o jogo: da razão à emoção

À semelhança de outros jogos com ele coexistentes, pela sua forma exacerbada de competição, pelo seu passado histórico produtor de uma afirmação social explicitada no excesso de atitudes e de bebida, a laranjinha entra em conflito com os ideários associativos (de igualdade entre todos os Homens, sem distinção de idade, raça e sexo) e de promoção dum recreio não vazio, animado pela finalidade de incremento e aperfeiçoamento da personalidade.

Integrado na sede duma associação com finalidades de recreio e cultura (o caso do G.I.L.C.O. é apenas um entre muitos outros - cf. cap. III.2), o jogo surge assim como uma forma de comportamento social que existe na simultaneidade de diferentes formas de associação humana.

O fenômeno do associativismo popular deixa assim de ser entendido como um exemplo microscópico de uma sociedade em que as relações contratuais e impersonais entre indivíduos livres tenderiam a ocupar o lugar das relações pessoalizadas e afectivas. Esta visão parece antes ser uma crítica ao presente, mediante o uso de uma idealização romântica de relacionamento de um passado remoto (ou de uma

realidade ainda mais remota porque distante cultural e geograficamente), do que a compreensão ajustada de uma realidade que não é dicotomicamente olivada. O estudo duma destas associações, aparentemente baluarte das relações contratuais e secundárias, permite-nos perceber a imbrincação dos diferentes tipos de vínculos que no real existem (cf. cap. IV).

No G.I.L.C.O. coexistem dois níveis de relacionamento: um secundário, que está na base da sua formação e que se centra em torno de valores explicitamente formulados e idealmente considerados como motor da vida associativa, sobretudo por aqueles que ocupam cargos directivos (cf. cap. IV e V); um primário, baseado no conhecimento pessoalizado induzido por uma proximidade residencial e social, que se produz na prática quotidiana do jogo, constituindo esta realidade convivencial a sua base de existência. Estes dois níveis referidos mantêm uma relação de tensão permanente entre si, como se pode perceber pelo quotidiano da associação (cap. IV) e pelo próprio facto da justificação moral da rotina se constituir no registo das actas.

À semelhança do que se passa no seu exterior, o processo da vida social situa-se numa prática sistematicamente confrontada com o ideal normativo que permanentemente a tenta justificar e a constrange a enquadrar-se nos seus parâmetros rígidos de funcionamento social. Esta dinâmica produz uma solução de compromisso, sempre precária entre estes dois níveis (como exemplificam

os conflitos tão frequentes no espaço associativo). Contrariamente à ideia de que a "impessoalidade, o isolamento e a alienação" (Simmel) caracterizam a sociedade urbana ou de que os contactos sociais na cidade são "superficiais, transitórios e segmentários" (Wirth), sendo preferencialmente baseados em relações secundárias, o estudo do modo de vida no interior duma associação - produzida por relações secundárias - leva-nos a encarar a vida social como enraizado em formas pessoalizadas, colectivistas, permanentes, de identificação afectiva entre as pessoas. Forma esta que interage permanentemente com outras formas impessoalizadas e alienadas de relação, que não se constituindo como as mais importantes, antes lhe fornecem inúmeras vezes razão para uma maior afirmação das relações primárias.

A razão não se opõe ao sentimento como acreditavam os sociólogos do princípio do século, distinguindo as relações baseadas no contrato das relações baseadas no afecto como se a realidade social vivesse clivada entre as duas (cf. cap. I). Entendida como modelo expressivo, esta distinção, importante do ponto de vista ideal, facilita a análise das diferentes manifestações de sociabilidade. Mas a vida social processa-se num continuum gradativo entre estes dois extremos, duma qualidade supostamente distinta - o racional e o emocional -, sendo impossível traçar uma linha de separação nítida entre as duas. Mas é possível perceber a importância que cada uma possui na rede complicada de motivações e práticas sociais.

Assim, no jogo produz-se um clima de emoção intensa, criado pela rivalidade que opõe dois ou mais campos. É através desta emoção, criada pela competição artificial, que os homens interagem e criam vínculos solidários entre si. É neste nível que se situa a base das sociedades de recreio e cultura, a vida real da sua massa associativa. Quanto maior o espaço existente para esta prática, mais vida tem a associação. No entanto, a razão inicial da sua formação, a sua base explícita de associação é outra e o ideal que promoveu a comunhão dos seus fundadores não tem nada a ver com o quotidiano de jogo que dentro das suas paredes promove a comunhão dos seus associados. O que leva a supor que, no fundo, não há nada de essencialmente diferente no vínculo criado pelo ritual do jogo de outros vínculos criados por outros "ritos positivos", para usar a terminologia durkheimiana, já que são uma forma de um grupo de indivíduos se unirem em torno de algo que os aproxima e cria solidariedade. Como se os pretextos para a criação de sociedade fossem mudando, mas os sentimentos que lhes servem de suporte, a sua base afectiva, permanecesse, inventando-se sistematicamente novos modos de comunicar, e de entrar em comunhão.

As estruturas das sociedades mudam e são historicamente diferentes, no entanto, este facto não significa só por si que a qualidade das relações interpessoais se transforme igualmente, obedecendo microscopicamente a um determinado ritmo e mudança macroscópica. Apesar dos valores de uma sociedade

industrializada se basearem no contrato entre as pessoas e na maximização do lucro, as práticas sociais constroem-se sobre outros pilares, por vezes em oposição com os valores socialmente vinculados pelo poder.

Neste caso estudado, a solidariedade produzida no jogo opõe-se à não solidariedade do trabalho. O que promove o reconhecimento social decorrente de práticas colectivas é uma actividade não utilitária, gratuita, prazenteira. O ritual da laranjinha, e de uma forma genérica, de qualquer jogo praticado em espaços colectivos, pode ser considerado na sua função de reforço de unidade e de identificação entre os indivíduos, promotor de comunhão entre os homens, produtor por isso duma solidariedade que necessita de ser ritualmente renovada para não se perder. Por isso, o jogo é um fenómeno de organização social.

Conclui-se pois que esse vínculo comunitário, dessa forma criado, não desaparece na nossa sociedade apenas se transforma e gera novos espaços colectivos onde se reproduz; e mais uma vez reafirma a ideia de que é nos pequenos grupos de pessoas e não na vida social encarada na sua dimensão massiva que se desenvolve esse vínculo social, como ele é inventado e recriado, mesmo em condições aparentemente adversas como no espaço criado por relações secundárias, as associações de recreio e cultura.

VI.6. Porquê o ritual da laranjinha?

Até ao "primeiro" campeonato de Lisboa, o jogo só existia em três associações. Em duas delas, em muito mau estado e por vezes parado. Lentamente, a laranjinha desaparecia do cenário lisboeta. As razões desta decadência decorriam da fraca rentabilidade dum jogo que, não produzindo lucro, exigia um espaço largo, um grande desperdício de tempo e materiais caros. Por isso, ele desaparece das tabernas e apenas fica em três casas sem finalidades lucrativas. Com o campeonato, o jogo desenvolve-se nos sítios onde já existia e nasce em mais três locais em Lisboa - Pátio Alfacinha, Águias Fonte Santa e Grupo Excursionista os 31 de Santo Amaro. Impulsionada por uma força exterior - o poder camarário na pessoa de um entusiasta - a laranjinha ressurgiu duma letargia que a fazia extinguir-se. Hoje continua a ser jogada regularmente, pelo menos nalgumas destas colectividades.

Este facto faz com que ela seja atravessada por linhas contraditórias, entre o consenso idealizado dos seus praticantes e a crítica hostil dos outros. Estas contradições relacionam-se com a décalage entre o seu passado de taberna e a sua história recente, de interferência do poder numa tentativa de recriar uma prática lúdica cada vez mais descontextualizada do seu espaço social de produção. Jogo condenado mais do que

qualquer outro, no espaço do associativismo popular, é na colectividade menos característica que a laranjinha é preferida.

O Grupo Excursionista os 31 de Santo Amaro é um espaço aberto, de convívio de vinho e barulho e não tem pretensões ao desenvolvimento de formas superiores de lazer cultural. Aqui joga-se mais à vontade do que noutras locais e, como diz o sr. Emílio, "pode não ser o sistema mais indicado para uma colectividade, mas é o mais indicado para a laranjinha." Neste espaço, a solidariedade do jogo desenvolve-se sem constrangimentos. Por isso é o local mais valorizado por todos os que preferem a laranjinha a outras alternativas, sendo o seu referente mais importante - todos o conhecem -, o único ponto de passagem obrigatório para a fraca mobilidade destes homens. Idealmente, todos preferem o 31 de Santo Amaro, aquele que mais próximo está do "ethos" da laranjinha. E, no entanto, outros factores interferem na escolha do local para se jogar.

"No 31 é mais descontraído" explica o «Magalhães» mas todas as noites ele se encontra no G.I.L.C.O.. Os habitues do G.I.L.C.O. são-no mesmo, apesar de criticarem as hostilidades que para com eles manifestam os membros da Direcção, apesar de se sentirem constrangidos pela intolerância de que são vítimas no desenrolar habitualmente ruidoso e conflituoso do jogo. Se é certo que o 31 de Santo Amaro exerce uma atracção forte sobre o universo da laranjinha e que é o local conhecido e reconhecido como o mais desejável e gratificante, não é menos certo que é

procurado quando os campos dos locais de bairro habituais não estão em condições (Almirante Reis ou Beato) ou pela ausência de locais para jogar no próprio lugar onde se habita (caso das pessoas da outra banda).

Tal como os outros jogos, a laranjinha constitui-se como uma actividade que cria e promove laços solidários entre as pessoas num espaço colectivo com raízes em bairros baseados na residência, e assim desenvolve relações de vizinhança que necessitam destes espaços de interacção para se desenvolverem. As associações de recreio e cultura, grupos altamente formalizados, substituem o espaço perdido das tabernas, leitarias, retiros, carvoarias, cafés e, paradoxalmente com os seus objectivos idealizados de funcionamento, sobrevivem à custa destes grupos informais de jogo que, no seu interior se criam e recriam fora dos horários normais do trabalho (serões dos dias úteis e tardes e noites dos dias feriados). Estas associações, exemplos expressivos dum tipo de relacionamento secundários, são usadas pela sua base como meios para o desenvolvimento dum relacionamento primário e onde o conhecimento pessoalizado, é criado através de um lazer vazio, gratuito, relaxante: o jogo.

O jogo da laranjinha tem qualquer coisa de peculiar, como se possuisse um ethos próprio em relação aos outros jogos, nestes espaços existentes. Por isso foi escolhido como tema central de análise deste trabalho sobre o jogo em contexto urbano e não é por acaso que se vem falando nele como um jogo ritual. Antes de mais, como foi atrás

referido, a laranjinha é um jogo eminentemente gestual, contrariamente aos outros jogos existentes nestes sítios, que têm uma componente gráfica dominante (cartas, dominós, etc.). O gesto, mais ou menos estilizado, mais exuberante ou mais contido, serve de suporte à manipulação dos objectos que, numa repetição obsessiva, constitui o desenrolar deste jogo. Entre a oralidade ruidosa que o acompanha e a sua gestualidade peculiar, o percurso da laranjinha repete-se ciclicamente como se, à semelhança do que Levi-Strauss (1971) escreve em relação ao ritual, pretendesse instaurar "a fluidez do vivido" na compartimentação artificial que as classificações do pensamento introduzem na interpretação do mundo. "Fragmentando operações que retalha ao infinito e que repete sem se cansar, o ritual aplica-se numa correção minuciosa, ele tapa os interstícios e alimenta, assim, a ilusão de ser possível refazer o contínuo a partir do descontínuo. A sua preocupação maníaca de repartir pela divisão, e de multiplicar pela repetição, as unidades mínimas constitutivas do vivido, traduzem a necessidade lacinante de garantia contra qualquer corte ou eventual interrupção que comprometeria o desenrolar deste." (603).

O seu significado imaginário e os valores que vincula pela sua prática podem ser entendidos como um paradigma justificativo de um determinado modo de vida urbano, relacionado com a pobreza, a insegurança de uma vida limitada pela repetição rotineira dos mesmos percursos, por um tempo que rola sempre igual, pela competição do mundo do

trabalho, pela doença a anteceder a morte. Por outro lado, o contexto social deste jogo conduz à identificação de uma categoria social, de um grupo de homens com uma socialização idêntica: em termos de origem e de classe social, de ocupação profissional, de sexo, de idade. Este duplo enquadramento que nos permite definir a qualidade contextual da laranjinha, leva-nos a localizar uma experiência significativa para criar fronteiras simbólicas (Velho, 1981).

Esta experiência cultural, situando-se num "espaço potencial" entre o indivíduo e o seu meio envolvente (cap. I) "possui um valor particular porque o liga ao passado, ao presente e ao futuro e ocupa um tempo e um espaço" (Winnicot, 1975). Experiência colectiva, no jogo da laranjinha afirmam-se os valores duma solidariedade masculina assente na artificialidade da competição entre os seus participantes; pela sua contextualização histórica, é uma forma de comportamento social marginalizado, condenado, subvalorizado, induzindo uma forte identidade e solidariedade entre os seus homens. Esta criação de vínculos sociais no domínio do lazer e da vizinhança, a partir dum determinado jogo com as características apontadas, permite reafirmar que: o jogo não é uma reconstrução do mundo como se a realidade exterior fosse um dado objectivo com uma substância própria. O jogo é uma, entre muitas, interpretações dessa realidade, um texto que fala desse mundo e desse modo o vai construindo obsessivamente numa prática quotidiana. É um ritual

colectivo, produtor de laços extensivos para além do jogo, como se tentasse fabricar uma continuidade na compartimentação do real, na conceptualização clivada de vários domínios sociais, na incerteza do acaso que parte a vida em momentos imprevisíveis. "O ritual não é uma reacção à vida, ele é uma reacção ao que o pensamento fez dela. Ele não responde directamente, nem ao mundo nem sequer à experiência do mundo; ele responde à forma como o homem pensa o mundo. O que, em definitivo, o ritual procura ultrapassar, não é a resistência do mundo ao homem mas sim a resistência, ao homem, do seu pensamento." (Lévi-Strauss, op. cit., 609). Além disso, é uma actividade onde se aprende a saber. É uma forma de aprendizagem social, um rito de passagem onde, ritualmente, são aprendidas as técnicas, as atitudes, as normas, os valores que estão na base de socialização dos grupos.

Dizer que a laranjinha é uma forma de lazer específico e que os homens que a jogam a preferem a outros prazeres lúdicos, que faz parte de uma socialização exclusivamente masculina, que a emoção por ela criada e os seus temas valorizados vinculam uma escala de valores e vivências particulares é, afinal, confirmar a lucidez meta-social que os próprios actores demonstram quando exprimem o seu sentimento de pertença em relação ao grupo ao afirmar: nós somos uma família.

VI.7. Para finalizar

Se por um lado, a laranjinha e as actividades que lhe estão associadas são produzidas por indivíduos pertencentes a um determinado universo socio-profissional que, desta forma, reproduzem o seu conhecimento, por outro lado, ela baseia-se numa solidariedade construída na emoção do jogo e assente na lealdade, na amizade, na simpatia, na afectividade. Esta relação surge e desenvolve-se na proximidade social e física destes indivíduos, no contexto de vizinhança de grupos sociais específicos.

Como elementos coincidentes com aqueles que pertencem ao mundo do trabalho dos seus participantes, podem-se referir: a concorrência, a competição que está na base do próprio jogo e que enquadra o esforço duma boa pontaria, mesmo no meio da adversidade dos elementos que a dificultam, como o efeito do alcoól, o barulho, o fumo, o clima de agressividade latente; o treino do corpo, que trabalha como alfaia dele próprio, na aprendizagem que o conhecimento do jogo implica, como por exemplo a prova de resistência ao cansaço e aos tóxicos, as posturas e os gestos estilizados, a manipulação correcta e habilidosa das bolas; a relação essencialmente táctil com os objectos, o saber fabricá-los, arranjá-los e usá-los, reflectindo uma continuidade no treino manual (cf. supra, profissões dos homens da laranjinha).

Simultaneamente a esta reprodução das actividades e processos profissionais, a laranjinha contraria a lógica subjacente duma sociedade do trabalho, assente em relações contratuais e distantes, baseadas no cálculo maximizador. Ela consiste numa actividade gratuita, livre e prazenteira, não-instrumental, como jogo que é. A relação que os indivíduos mantêm com os objectivos não é de distância, mas antes uma relação de proximidade e identificação (cf. supra). E as relações sociais que constituem o seu núcleo dinamizador são criadas voluntariamente através de laços de companheirismo, através de vínculos afectivos e duradouros (cf. cap. V).

Como actividade de tempo livre, os grupos sociais que a praticam aproveitam-na como tempo de relaxe e descanso e, em simultâneo, de desenvolvimento dum pensamento produtor de conhecimento técnico. A laranjinha é o momento de ruptura com o trabalho que, no entanto, se prolonga pelo tipo de actividade que implica, pois não obriga a uma mudança radical de atitude.

É como se fosse uma imitação abstracta do trabalho, interpretada com novos elementos e constituindo um saber diferente daquele que é ensinado nos espaços oficiais duma sociedade de cultura letrada. Historicamente, ela enraiza-se em, grupos sociais com uma cultura dominante oral, que a reproduzem através do ensino pela imitação, o gesto, a palavra falada.

Tendo o seu espaço natural de produção sido os locais de sociabilidade dos bairros populares duma Lisboa que se

começava a industrializar (tabernas, retiros, etc.), a laranjinha, na mudança de regime do princípio do século, alargou-se a outros locais, também eles produtores de sociabilidades populares. Não é por acaso nem por acidente histórico que ela surge nestes "centros de educação e propaganda republicana (...), verdadeiras escolas de civismo que consagram (...) as grandes virtudes hereditárias da democracia portuguesa" (discurso de Bernardino Machado, cit. Hist. Rep., 486) que se constituíram como pontos de atracção para uma frequência operária e uma das bases de apoio do partido que em 1910 chegaria ao poder. Dinamizadores de escolas e do recreio popular, estes centros republicanos associavam a instrução letrada a outras formas de aprendizagem orais, dos grupos sociais que eram a sua base, e assim integravam outras formas culturais sob os valores dominantes de um capitalismo em vias de desenvolvimento. Os regimes políticos mudam, os valores vigentes também, mas as práticas que assentam em formas de vida social com uma continuidade temporal, não se transformam facilmente, nem mudam radicalmente, mantendo-se embora em espaços diferentes.

Por isso a laranjinha se desenvolveu nestes centros como pólo de atracção certo para os trabalhadores que, assim, passaram a dispor de um recreio devidamente enquadrado por este espaço institucional, inovador para a época em que surgiu. Espaço este que inclui, a par do ensino das letras, esta aprendizagem oral através de um

jogo, necessária à reprodução duma determinada forma de vida operária.

A laranjinha é uma actividade lúdica mas é muito mais do que isso. Ela é um processo de transmissão oral e gestual de um saber fazer, de um saber dizer, de um saber relacionar-se, é uma aprendizagem social de um saber ser homem num mundo onde o trabalho masculino é a medida da própria vida. Razão pela qual ela se constitui como um locus de estudo antropológico, como prática social de um grupo com raízes materiais num espaço social urbano e que, no entanto, possui uma lógica própria num viver e reproduzir-se com normas e práticas específicas.

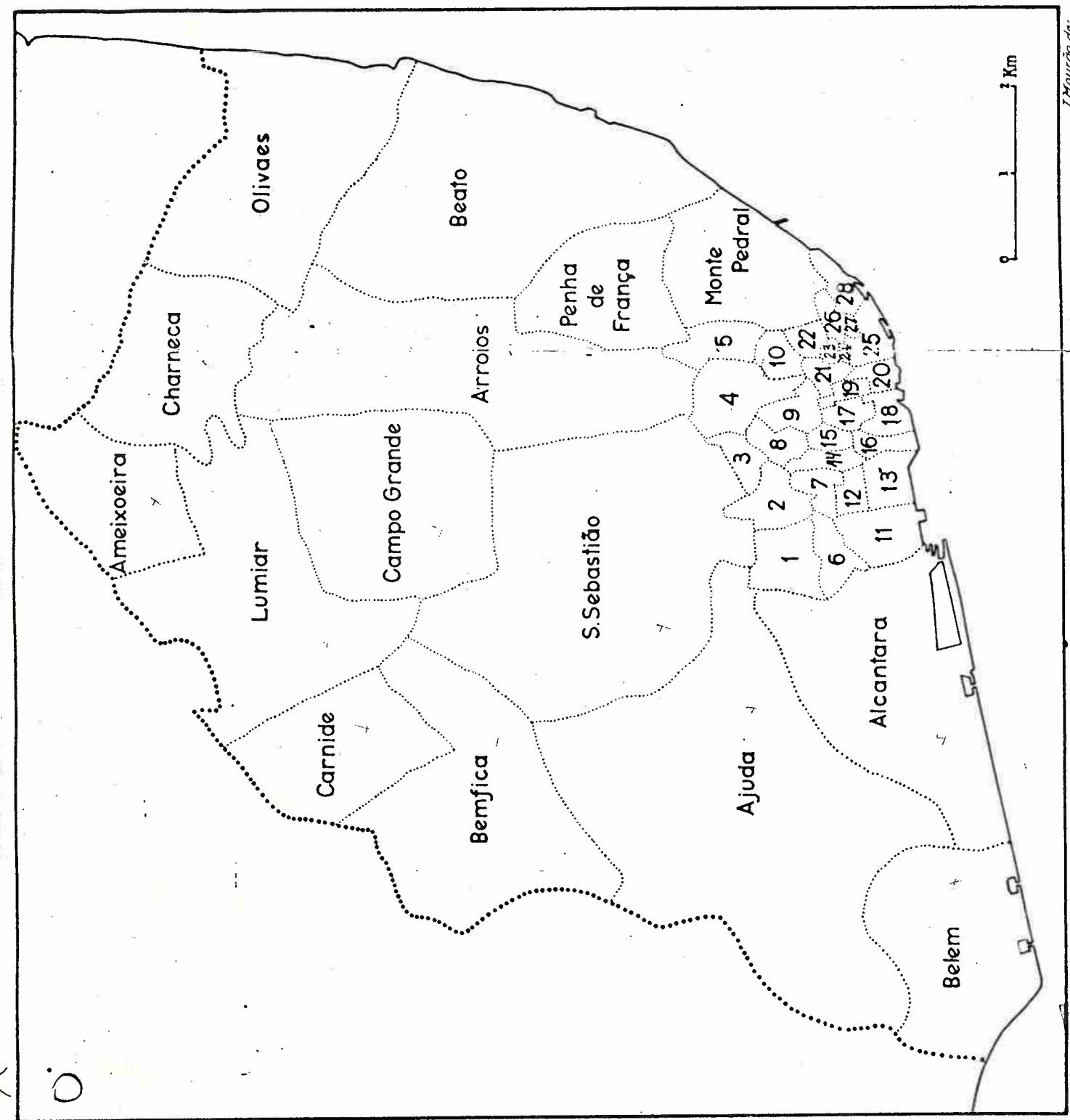
NOTAS

(1) Sobre a transformação do sentido táctil dos jogos infantis numa importância cada vez maior do seu sentido visual, escreve Pierre-Noel Denieul (1981) "Uma nova estética do ver está em vias de nascer. Os jogos que se expõem em grandes lojas são geralmente eleitos a «golpe de vista», sem sequer serem abertos ou examinados. O material plástico impõe-se com a sua cor vistosa e a sua forma arredondada, mas parece não possuir nem necessitar de interioridade. Os mecanos já não têm a fealdade repulsiva e fascinante do ferro; a madeira, quando subsiste, está plastificada ou envernizada. O tocar foi substituído pelo ver (...) o objecto converteu-se num artifício prodigioso que se olha (...)" (212-213).

(2) Relações de vizinhança entendidas na sua forma activa de prática colectiva - encontros, actividades comuns, etc. -, que se desenvolve entre indivíduos que vivem num mesmo espaço residencial. O jogo será uma das formas através da qual este tipo de relações se afirmam.

(3) "Nasci nas traseiras da sociedade, o meu pai já era sócio" (um dos directores da Sociedade Musical União do Beato, de 50 anos); "Nasci na Calçada do Beato, há 67 anos que aqui vivo"; "Nasci aqui numa rua da Mouraria, vivi no nº 50 e depois passei para o 60, onde vivo..." (sócio de 74 anos, do Centro Escolar Republicano Almirante Reis); "Nasci aqui e sempre aqui vivi..." (sócio de 69 anos, da mesma associação); "Nasci aqui e aqui hei-de morrer" (sócio do G.I.L.C.O., de 65 anos); "Sempre aqui vivi..." (sócio do G.I.L.C.O., 29 anos).

MAPAS, PLANTAS E DOCUMENTOS

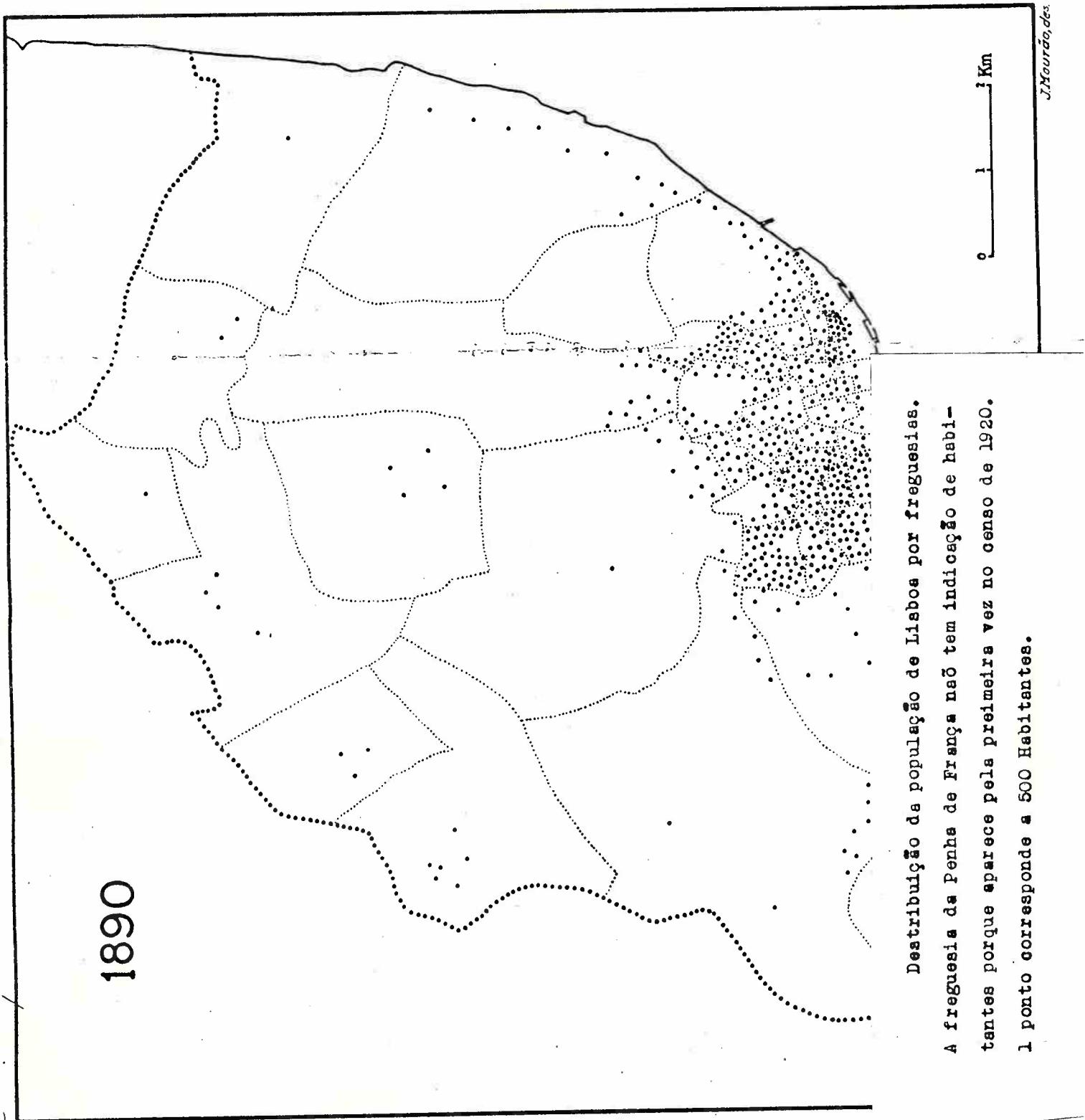


Mapa 1

1. Santa Isabel
2. S. Mamede
3. Camões
4. Pena
5. Anjos
6. Iapa
7. Mercês
8. S. José
9. Restauradores
10. Socorro
11. Santos
12. Santa Catarina
13. M. Pombal
14. Encarnação
15. Sacramento
16. Mártires
17. Conceição
18. S. Julião
19. S. Nicolau
20. Madalena
21. S. Cristovão
22. Graça
23. Castelo
24. Santiago
25. Sé
26. S. Miguel
27. Escolas Gerais
28. S. Estevão

1890

Mapa 2

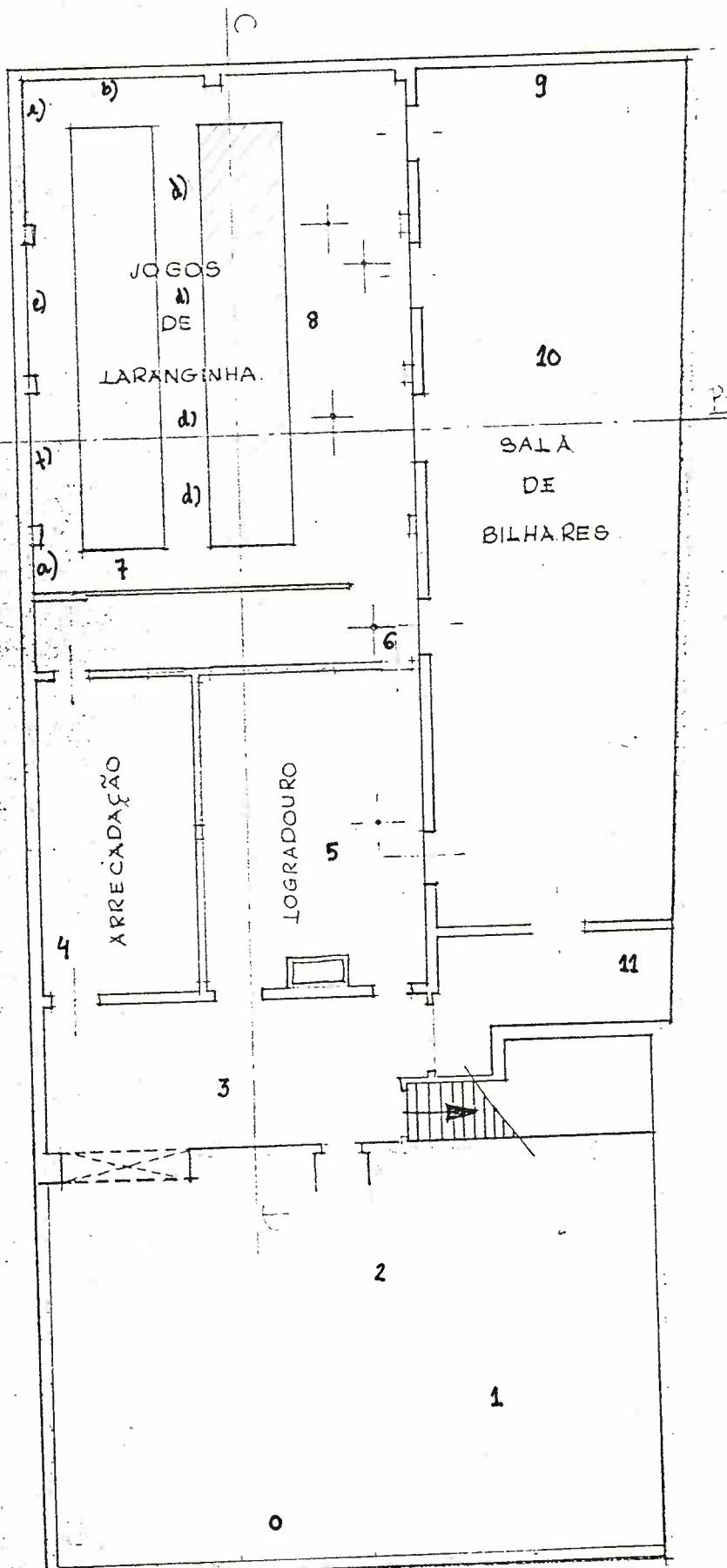


Distribuição da população de Lisboa por freguesias.

A freguesia da Penha de França não tem indicação de habitantes porque aparece pelas primeiras vez no censo de 1920.

1 ponto corresponde a 500 Habitantes.

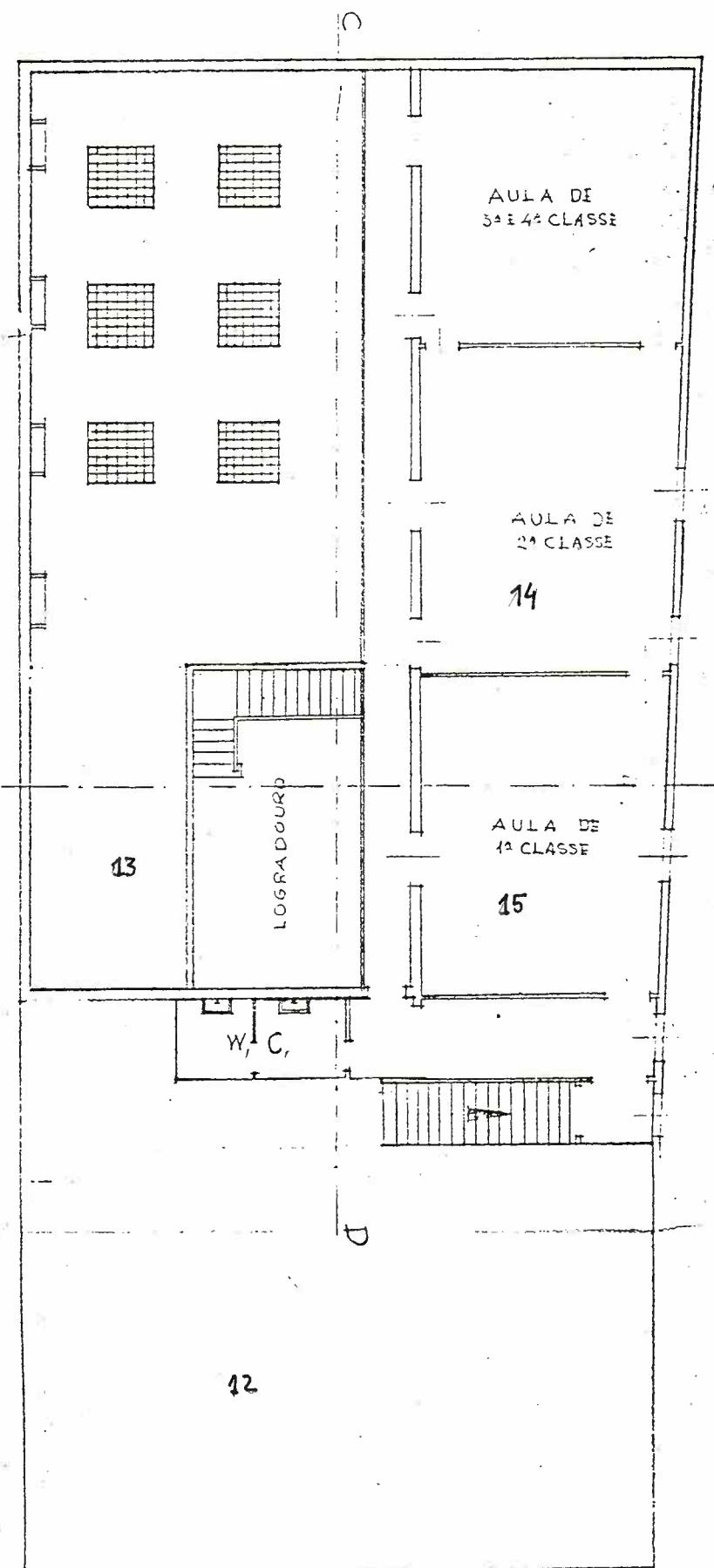
DESENHO DAS ALTAZINHAS DA SOCIEDADE DE



Planta C

PLANTA DO R/CHÃO

ALTERAÇÃO QUE A S.I.B.C.O. DA RUA DA ARRÁBIDA N.º 106 PR



PLANTA DO 1.º ANDAR

(Planta C)

PLANTA DO G. I. L. C. O. (1953)

0. Porta da rua
1. Sala da Direcção
2. Guichet de entrada, Secretaria
3. Hall (onde se encontram os armários com as taças, as medalhas, etc)
4. Balcão do Bar
5. Sala do Bufete, com cerca de 8 mesas
6. Cubículo do Barateiro, com uma pequena janela que dá para o Salão de Jogos e com acesso por uma porta, para o Bufete
7. Sala da Laranjinha, separada por um tabique da Sala dos Bilhares
 - a) cacifos das bolas
 - b) maquete do jogo da Laranjinha, presa na parede
 - c) mesa e marcador
 - d) bancos
 - e) bengaleiro
 - f) lavatório
8. Sala dos Bilhares (2); o jogo da Laranjinha encontra-se tapado
9. Palco
10. Salão de jogos, com dezenas de mesas
11. Biblioteca
12. Antiga Sala da Direcção e Secretaria
13. Antigo Bufete
14. Sala vazia (tal como as outras salas de aula) onde foi montada a exposição de fotografia sobre a Laranjinha
15. Sala da televisão



INSTRUÇÃO

Doc. 1

EDITOR
GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL
DE CAMPO DE OURIQUE
RUA DA ARRABIDA, 108
LISBOA

REDACTORES
ALBERTO SILVA
ARTUR MARQUES JORGE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
CADEIA NACIONAL DE LISBOA
RUA MARQUEZ DE FRONTEIRA

1910---1931

Vinte e um anos de esforço!... Vinte e um anos de apostolado!...

Bem haja aqueles que, se esforçam lutando contra tudo e ás vezes contra todos para conseguirem acrescentar á já nobilitante existência do

Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique mais um ano de trabalho em prol da educação popular.

Saliente-mos o sacrifício dos homens que pertenceram á sua primeira Direcção!

Quanto desânimo vencido, quantas dificuldades transpostas, quantos trabalhos penosos puzeram á prova a sua ilimitada dedicação servindo com entranhado amor a grande causa da instrução «pedra de toque» de todas as Civilizações!

Quantos, hoje já, usufruindo uma vida próspera, não devem o seu bem estar e o dos seus a esse elevado sacrifício?

Outras dedicações vieram felismente agindo briosamente no mesmo «posto de combate» senda nobre e alevantada, padrão de elevadas virtudes cívicas. Para êsses vão também as nossas mais devotadas homenagens de admiração e reconhecimento na parte que colectivamente lhes pertencem.

No Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique teem os humildes,—aqueles que para grangearem o seu pão e o dos seus arrancando-o ao seu proprio esforço e á luta de competências,

ali se forma o espirito e o carácter e se habilita a juventude, radiante esperança do futuro, para que a tremenda luta pela existência, o sacrifício seja menos doloroso, e o produto do seu trabalho mais compensador.

A instrução é para o homem a poderosa alavanca que remove os obstáculos no caminho da Vida, com ela o homem tem melhor a noção dos seus deveres e dos seus direitos.

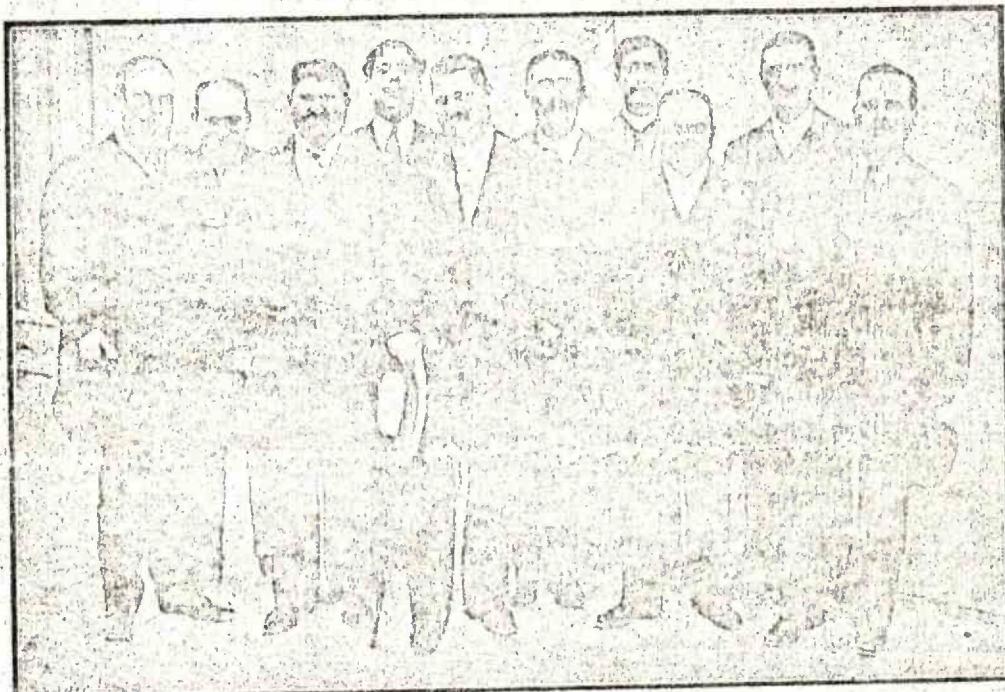
Dentro do lugar que a sua consciência lhe impõe pela instrução, ele pode ainda ser um

alto valor para si e para o seu semelhante.

Num futuro que não virá longe ha-de contribuir como o seu melhor instrumento para realizar, a urgente necessidade, o belo desejo de todos os pioneiros do bem «A Paz Universal»!!

Algumas dessas figuras que tão grande lustre deram a esta «Benemerita Obra» já não existem, infelizmente! Morreram deixando a esperança que os seus generosos esforços a «Ideia» que instigou o seu belo pensamento para realizações tão altas, não morreria com eles.

Que satisfação não gozarão sé do «Além» pudessem contemplar em todo o seu explendor a sua grandiosa obra! Ao terminar, perante a admiração que nos comove, surge no nosso espirito o famoso ensinamento de Kant—*A instrução no homem, é o desenvolvimento de toda a perfeição que em si mesmo se possa conseguir pela condições da sua natureza.*



Primeira direcção—Da esquerda para a direita: Fernando A. Botelho Gouveia, António P. Marta, António M. Cardoso, João de Sousa Mota, António Augusto de Castro, Júlio Ribeiro de Sousa, António de Oliveira Artur, Augusto António da Cunha (falecido), Ernesto Nunes da Silva e Artur de Sousa Campos

INVOCANDO O PASSADO

ALGUNS SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DO GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE OURIQUE

O Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique comemora hoje mais um ano de existência — o seu vigésimo primeiro aniversário, isto é: acaba de atingir a sua absoluta maioria.

Já lá vão por conseguinte, as épocas de incerteza e de dúvida, o seu período de infância e de temerárias experiências. Hoje — seria injustiça não o reconhecer — o Grémio tem a sua vida assegurada, mercê da inteligência e dedicação dos seus corpos gerentes que veem a orientá-lo com amor de há vinte anos a esta parte. E justamente pelo facto de assim os haver completado, pode dizer-se sem lisonja que tão bela instituição já pode impôr-se a todos nós com a sua pregressa história.

Foi necessariamente evocando tal facto, e lembrando todo esse largo espaço de tempo percorrido, pobre somatório de sacrifícios em que tantas vontades se revelaram num esforço de quase sobre-humano alcance, que o meu velho amigo Luis Soares, me solicitou com interesse este modesto artigo em que vou buscar tracejar, a dentro do resumido espaço de um pequeno jornal, as etapas a bem dizer heróicas da Obra que por sua feição benéfica, nos compete agora festejar.

Ai por 1909 quem passasse à Rua da Piedade, mais tarde denominada com justiça Rua de Infanteria 16 em homenagem aos soldados desse regimento que na madrugada do 4 de Outubro se bateram heróicamente pelo advento da República, notaria que no segundo andar do n.º 28 se ostentava uma taholeta donde duas palavras ressaltavam em caracteres simples e bem legíveis: *Colégio Lisbonense*. Tratava-se, com efeito, dumha acreditadíssima casa de educação, dirigida por um republicano intemperante no qual igualmente concorriam os dotes de abalizado professor. Era ele Jorge Augusto dos Santos Andrade e Silva, tendo junto a si na qualidade de sub-director, um outro pedagogista de nome Alexandre da Costa, o qual também participava da mesma ideologia política.

As famílias liberais do bairro, era para ali que, de preferência mandavam educar os seus filhos, devendo salientar-se a circunstância que marcia bem as tendências republicanas e anti-clericais da escola, no facto de terem sido cobertas de crepe as janelas quando do fuzilamento de Ferrer, e de se ensinar aos alunos A Portuguesa, que eles entoaram em canto, como se já houvesse a presciência de que pouco mais tarde seria aquele o hino da Pátria escolhido pelos homens da República.

Deverá ainda estar na memória de muitos a festa em benefício das escolas a construir na região ribatejana após o terramoto de Benavente, que se efectuou em 20 de Junho de 1909 no Teatro da Rua dos Condes e na qual os alunos do *Lisbonense* se exibiram, alguns déles como experimentados actores. Não faltarão também quem recorde essa outra festa anteriormente levada a efeito (16 de Maio do mesmo ano) na sede da Comissão Municipal Republicana nas salas do Directório do Partido Republicano no Largo de S. Carlos, onde as crianças ostentaram laços vermelhos e verdes recitaram e cantaram algumas interessantes canções, todas elas de propaganda republicana, ouvidas com o maior agrado, e da autoria do já citado sub-director do *Colégio Lisbonense*.

Ao iniciar-se o ano seguinte, lembrou-se Jorge de Andrade e Silva de dar maior amplitude à sua escola, transformando-a num estabelecimento de incontestável vantagem para a causa da instrução. Falou a tal respeito com alenos

reira, e, ao cabo de incessantes esforços, fundava-se em 10 de Junho de 1910 o *Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique*.

As novas instalações passaram por então a ser na Rua Ferreira Borges, 64, 2.º Esq., tendo-se inaugurado as respectivas aulas depois das chamadas férias grandes, em 3 de Outubro de 1910 — vésperas da grande revolução que derrubaria uma monarquia secular.

Jorge de Andrade e Silva, que era, como já dissemos, um republicano indefectível e brilhante educador, possuia, ao mesmo tempo, um carácter autoritário, não raro tido — talvez consequência da doença que o minava — por de-

Não obstante, o facto era que permanecia difícil, tremendamente difícil, a situação do prestimoso e ainda ao tempo desamparado *Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique*. Os próprios ordenados da professora, apesar de bastante exigues, chegavam a andar com três meses de atraso. Urgia uma solução pronta e eficaz. E assim sendo, esse já encuciado grupo de pioneiros do Bem, que todas as noites estacionava na casa da *Tia Iria* — o rendez-vous preferido pelos intelectuais da boemia alfaiinha de exaltação — resolveu promover benefício no Teatro das Trinás e no Teatro Garrett para os quais contribuiriam com as suas prendas os próprios alunos do Grémio, tendo-se, destacado entre os incipientes e graciosos actores os galantes filhos e parentes do incansável *Júlio de Sousa*, eredor de inúmeras simpatias, aliazi mais do que morecidas pelo seu carácter diamantino.

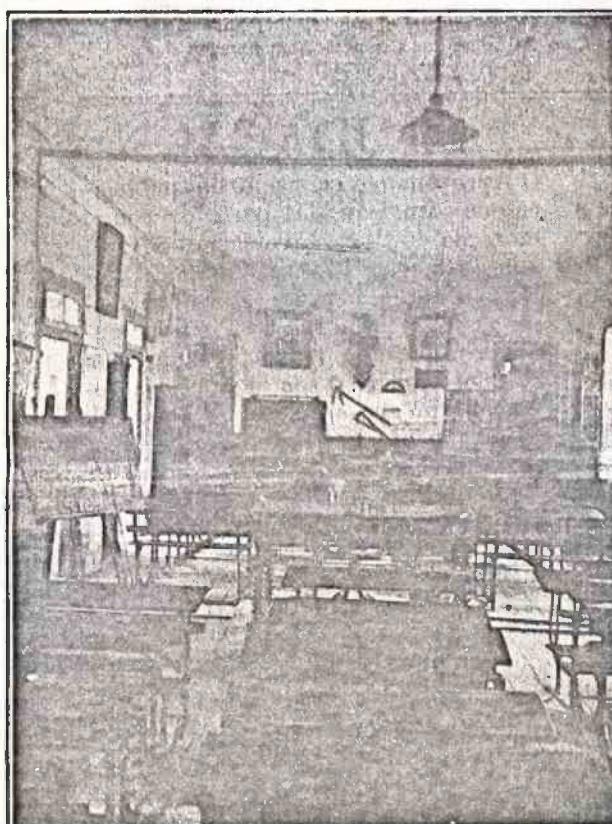
Como natural consequência da proficiência das tentativas feitas e em parte coroadas de êxito, os capitais do Gremio subiram algum tanto de nível. A sede passou a ocupar uma casa de melhor aspecto, sita na Rua da Piedade n.º 30, r/c. E como que por encanto, nesta mesma feliz emergência as grandes dedicações, os grandes auxiliares começaram a surgir. Ribeiro de Carvalho, o ilustre jornalista que por forma tão brilhante vem assimilando a sua personalidade nas lutas, sem tréguas pela defesa da República, obteve a cedência de algumas carteiras com destino às aulas mais que sumariamente mobilizadas daquele novo baluarte da causa da instrução.

Correspondendo aos bons desejos dos amigos devotados da formosa instituição, os progressos da escola entraram de acentuar-se dum modo significativo; e assim foi necessário ao Gremio tratar de nova mudança, passando por então a instalar-se num predio da Rua da Arrabida, 101, 2.º, e contratando mais uma professora, cuja escolha recaiu na senhora D. Elisa Braz das Neves, que em breve firmava o seu valor como inteligente cooperadora da colectividade.

Os progressos da colectividade radicaram-se em definitivo, tendo a sede alargado a sua área pela obtenção do local onde anteriormente funcionara o Club Recreativo e o Teatro Garrett de tão saudosas recordações para a mocidade da época e que um violento incêndio havia reduzido a cinzas.

E de assinalar a dedicação com que tantos e tantos se dispuseram a carrear o material necessário para as obras a fazer, a que foram acertadamente dirigidas por um habil construtor e dedicado socio de nome Joaquim Ribeiro. Augusto Cunha, uma competência em assuntos de telefonia e electricidade, tomou a seu cargo a instalação elétrica. O pintor José da Anunciação, artista de relívio, cuidou da pintura dos vitrais do guarda vento e, mais tarde pôde mostrar os seus dotes de decorador numa barraca de Kermesse também promovida pela direcção do Gremio — barraca artística, de feição puramente oriental. Filipe Correia deu o melhor do seu esforço no estuque, e até quem estas linhas escreve não negou a tão vasto empreendimento o seu modesto concurso. Por ultimo e para maior destaque cumpre ainda citar o nome de um grande industrial que a morte ceifou em plena actividade: Carlos Alfredo da Silva que bizarramente ofereceu ao Gremio todo o indispensável material didáctico.

A data festiva da inauguração da nova sede foi um destes actos que jamais se olvida. Nota a assinalar pelo que teve de comezedor a vi-



Uma das aulas do nosso Grémio



Doc. 2

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA
GABINETE DO PRESIDENTE

Exmos. Senhores

Assunto: 10. CAMPEONATO DA "LARANJINHA" DE LISBOA

A "Laranjinha" é um jogo de recreio com raizes exclusivamente populares, crendo-se ter surgido neste século, mais propriamente nos anos 15.

O seu aparecimento nas colectividades de cultura e recreio de cariz republicano foi, para a geração dessa época, efectivamente o polo do amadorismo desportivo embora com espírito competitivo muito saudavelmente aguerrido.

Desconhece-se a causa da sua grande implantação em quase todas as colectividades de cariz liberal ou republicano mas pensa-se que para além de manter de certo modo a intelectualidade dos seus praticantes permitia a sólida coesão das colectividades, então recentemente criadas.

Porém atinge o seu auje por volta dos anos 35, existindo na altura um intercâmbio a nível das várias colectividades, no que diz respeito aos campeonatos que nessa época foram disputados.

E de lembrar o acérrimo bairrismo ou clubismo fervescente desse tempo e assim surgiram diversos jogos em vários locais da Cidade, tais como no Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, no Centro Escolar Republicano Almirante Reis na União Musical do Beato, Sociedade da Matinha, Carnide Club, 5 Reis na Graça etc..

A recuperação da "laranjinha" é trabalho difícil, uma vez que as Colectividades não possuem capacidades económicas que lhes permitam tal empreendimento motivo que levou ao desaparecimento completo.

Mais persistente foi o "Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique" e o "Centro Escolar Republicano, Almirante Reis" que até ao momento ainda mantêm em funcionamento o referido jogo.

Pensando nos aspectos de raizes populares e orientando essa linha de força para as Colectividades de Cultura e Recreio, foi vontade expressa do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, restituir esse cariz popular e bairrista às referidas Colectividades no que diz respeito à prática dessa modalidade..

Assim foram recuperados, por sua iniciativa, todos os jogos existentes na Cidade tais como o do: GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE OURIQUE; UNIÃO MUSICAL DO BEATO; OS TRINTA E UM DE S. AMARO E O CENTRO ESCOLAR REPUBLICANO ALMIRANTE REIS e criado o do PÁTEO ALFACINHÀ.



CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA
GABINETE DO PRESIDENTE

Assim, integrado na Festas da Cidade de Lisboa e por vontade do Sr. Presidente da Câmara - Engº. Nuno Abecasis decorrerá com início em 13 de Junho (dia de Sto. António), o 1º. Campeonato de Laranjinha de Lisboa.

Convidam-se para o efeito todas as Colectividades que queiram participar nesta prática desportiva o favor de fazerem a sua inscrição até ao limite de 5 caixas, cada uma com 4 jogadores.

O custo da inscrição é de 500\$00 por ~~inscrito~~ ²⁴¹⁰⁰ e essa importância reverterá para as Colectividades que disponham do jogo da Laranjinha.

As inscrições são aceites nas Colectividades abaixo indicadas, até ao próximo dia 5 de Junho pelas 22 H.

GRÉMIO DE INSTRUÇÃO LIBERAL DE CAMPO DE OURIQUE
R. da Arrábida, 106 - Telef.: 68 15 89

CENTRO ESCOLAR REPUBLICANO ALMIRANTE REIS
R. do Benfomoso, 50 - 1º. - Telef.: 86 76 03

PÁTEO ALFACINHA
R. do Guarda Joias, 44 - Telef.: 64 21 71

SOCIEDADE MUSICAL UNIÃO DO BEATO
Calç. Duque de Lafões, 22 - Telef.: 38 23 84

GRUPO EXCURSIONISTA TRINTA E UM, DE Sto. AMARO
Trav. Conde da Ribeira, 25 - porta 8 - Telef.: 63 94 17

O sorteio far-se-á no próximo dia 6 de Junho pelas 21.30H, no Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, estando presentes dois representantes das Colectividades inscritas.

Participe!... Divulgue!... e Colabore com esta iniciativa, dando às Colectividades de bairro a razão da sua projecção.

Lisboa, 20 de Maio de 1985

A COMISSÃO,

REGULAMENTO

- Artigo 1º:** Este Campeonato será realizado em duas voltas.
Compõe-se de 30 CAIXAS em provas de cinco séries de 6 CAIXAS, para apuramento dos 1º e 2º classificados de cada série.
O Campeonato tem inicio em 13/6/85 e até 17/7/85 deverão ter sido apurados o 1º e 2º classificados de cada série.
Realizar-se-á em Outubro de 1985 a prova final entre as 10 CAIXAS apuradas para encontrar o VENCEDOR DO CAMPEONATO.
- Artigo 2º:** A inscrição é de Esc: 500\$00 por CAIXA (quatro jogadores).
- Artigo 3º:** Cada interveniente deverá proceder á sua identificação antes do inicio de cada encontro.
- Artigo 4º:** O recinto do jogo deverá ser limpo e devidamente marcado no inicio de cada encontro.
- Artigo 5º:** As bolas serão sorteadas antes do encontro se verificar, podendo os jogadores utilizar outra bola, desde que a mesma tenha um diâmetro inferior a 14 cm.
Sempre que hajam dúvidas quanto ao diâmetro de qualquer bola, o mesmo poderá ser medido antes do inicio do encontro, desde que tal seja solicitado.
- Artigo 6º:** + + + BOLAS ATRASADAS e a DAR + + +:
 — É da competência do árbitro do encontro, indicar a posição das bolas bem como o resultado da jogada efectuada,
 — Não serão marcados tentos a uma bola jogada que já tenha parado, mesmo que a LARANJINHA lhe vá bater, na continuação da jogada.
 — Os árbitros são nomeados pelas colectividades onde os encontros se realizarem.
- Artigo 7º:** Se após 15 minutos da hora marcada para um encontro, se verificar a ausência de uma das CAIXAS, serão atribuidos á equipa adversária 3 pontos considerados como VITÓRIA.
 — A Comissão Organizadora poderá marcar FALTA DE COMPARENCIA ou como tal considerar, desde que julgue INJUSTIFICADO o motivo apresentado pela CAIXA em falta ou atrasada.
 Se durante o tempo de jogo, houver qualquer incidente pelo qual uma das CAIXAS abandone o jogo, serão atribuidos á CAIXA que ficou no terreno e se manteve no jogo 3 pontos considerados como VITÓRIA.
 — Qualquer equipa que falte 2 jogos seguidos ou 3 alternados, será eliminada do Campeonato.
- Artigo 8º:** Cada encontro terá uma duração de 60 minutos. Deverá prolongar-se até acabar o jogo que tenha sido iniciado antes de se ter atingido esse tempo previsto.
- Artigo 9º:** Cada CAIXA é composta de três jogadores mais um jogador suplente.
O jogador suplente só poderá ser utilizado no inicio do encontro.
Não é permitida a substituição de parceiros durante o decorrer do encontro.
Os parceiros só poderão trocar de lugar no fim de cada jogo, com um mínimo de 31 tentos.
- Artigo 10º:** A pontuação será atribuída conforme segue:
- | | |
|----------------------------|----------|
| VITÓRIA | 3 pontos |
| EMPAATE | 2 pontos |
| DERROTA | 1 ponto |
| FALTA DE COMPARENCIA | 0 pontos |
- Se houver duas equipas em igualdade de pontos, o APURAMENTO FINAL far-se-á entre ambas em campo neutro.
 - Em cada série, se houver três ou mais equipas em igualdade de pontos, o APURAMENTO faz-se com jogos entre elas, numa só volta, em campos neutros. Caso se repita a igualdade, a classificação faz-se por "JOGO AVERAGE".
 - Se houver, numa série, duas equipas com igualdade de pontos, o APURAMENTO para o 2º lugar far-se-á num encontro com a duração de uma hora em campo neutro. Caso persista a igualdade, recorrer-se-á a um prolongamento com três jogos, cujos resultados apurarão a equipa VENCEDORA.

REGULAMENTO DO JOGO

São as seguintes, as condições do jogo:

- Artº 1º - Para começar o encontro a preferência da mão é escolhida por meio de moeda, atirada ~~ao ar~~ ^{cozido} ~~por~~ ^{um dos jogadores} um dos jogadores.
- " 2º - O encontro terá a duração de uma (1) hora. ou de 1/2h.
- " 3º - A Laranjinha ao ser lançada pelo jogador da mão, tem que bater em qualquer das tabelas dos lados e na tabela da cabeceira, (Cortiça) não podendo ser lançada mais do que 3 vezes, e caso aconteça o jogador que a lançar perderá o direito de jogar à mão, em favor do adversário. ~~se virem na tabela que não bateu~~
- " 4º - Se qualquer jogador pisar o traço da cabeceira, perde o direito a esse lance de bola, bem assim como apoiar as mãos nas tabelas.
- " 5º - Quando o jogador da mão lançar a Laranjinha dentro da hora regular, todos os outros jogadores são obrigados a terminar o jogo, ~~de 3 tentos~~.
- " 6º - O jogador não poderá jogar, enquanto qualquer bola ou a laranjinha esteja em andamento, caso contrário perde o resultado que faça nessa jogada.
- " 7º - Qualquer bola que seja levantada antes de todos os jogadores jogarem, ~~Não pode ser levantada~~ perde o direito ~~o tanto que possa estar fazendo~~.
- " 8º - Toda a bola que for jogada, e que bata na cantoneira, na marcação do meio, (Carrafinha) ou bata duas vezes antes da dita, (Garrafinha), perde o direito que possa ter feito nessa jogada.
- Artº 9º - Não serão válidas as bolas que se jogarem pela tabela contrária ~~perdendo assim qualquer resultado que possa fazer~~.
- " 10º - Não terão validade todas as bolas que batam na laranjinha, depois de tocarem na cabeceira (Cortiça).
- " 11º - Quando a laranjinha sair do jogo, ou bata nas cantoneiras, será colocada no centro do jogo.
- " 12º - Após o lançamento da LARANJINHA, feito pelo parceiro da mão, não é permitido a qualquer outro jogador entrar dentro do recesso do jogo, enquanto não chegar a sua vez de jogar.
- " 13º - O jogador não poderá encostar o pé á cortiça. Poderá no entanto, encostar o pé á tabela lateral bem como pisar o risco que divide a zona onde o jogador se encontra para lançar a bola.
- " 14º - Nos casos não previstos neste Regulamento, serão resolvidos pela respectiva Comissão Organizadora, após terem sido consultados os respectivos árbitros do encontro.
- " 15º - Caso a LARANJINHA, ao ser lançada pelo jogador da mão, bata no "policia", o lance deverá ser repetido. Perderá o direito á jogada, em favor do adversário, se o repetir 3 vezes.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos

- ARAÚJO N.
s.d. Peregrinações, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, vol III, livro XI.
- ANDERSON, N.
1959, The Urban Community. A World Perspective, New York, Henry Holt and Company.
- BANTON, M.
1968, "Voluntary Associations I. Anthropological Aspects", International Encyclopedia of the Social Sciences, New York, The Mac Millan Company and the Free, vol 15, 16 e 17, 357-362.
- BARTHES, R.; MARTY, E.
1987, "Oral / Escrito" Encyclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol. 11, 32-57.
- BARTHES, R.; MAURIES, P.
1987, "Escrita" Encyclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol 11, 146-172.
- BATESON, G.
1977, "Les usages sociaux du corps à Bali" Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 14, 3-33.
- BERTELL, O.
1977, Alienation. Marx's conception of man in capitalist society, Cambridge, Cambridge University Press.
- BOTTOMORE, T.; NISBET, R.
1980, (1978) História da Análise Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- BOURDIEU, P.
1977, "Remarques Provisoires sur la Perception Sociale du Corps" Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 14, 51-54.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C.
1983, (1968) Le Métier de Sociologue, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, Mouton Éditeur.

- BOURDON, A.
 1967, Bibliographie de la Société Portugaise au XIX Siècle, Toulouse, Université de Toulouse.
- BRANCO, F.
 1980, Breve História da Olisipografia, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- BRITO, R.
 1976, Lisboa: Esboço Geográfico, Lisboa, Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa, III série, 82.
- BURKE, P.
 1980, Sociology and History, London, George Allen and Unwin.
- CAILLOIS, R.
 1958, Les Jeux et les Hommes, Paris, Gallimard.
- CASTRO, A.
 1971, (1947) A Revolução Industrial em Portugal no séc. XIX, Lisboa, D. Quixote.
- CHATEAU, J.
 1975, A Criança e o Jogo, Coimbra, Atlântida Editora.
- CORDEIRO, G.
 1986, "O renascer da Laranjinha", Expresso, 18/10
 1987, "Do exótico ao familiar: a Laranjinha em Lisboa", Alicante, Abril, IV Congresso de Antropologia de Espanha (a publicar).
- COSER, L.
 1970, Men of Ideas, New York, Free Press.
- CRESPI, I.
 1956, "The Social Significance of Card Playing as a Leisure Time Activity" American Sociological Review, vol. 21, 6.
- CRESPO, J.
 1981, "Os Jogos de Fortuna ou Azar em Lisboa em fins do Antigo Regime", Revista de História Económica e Social, Julho/Setembro, 8.
- DE GRAZIA, S.
 1962, Of Time, Work and Leisure, New York, Twentieth Century.
- DELAPORTE, Y.
 1986, "L'Objet et la Méthode. Quelques réflexions autour d'une enquête d'éthnologie urbaine" L'Homme, n° 97-98.

- DENIEUL, Pierre-Noel
 1981, (1979) "Para una arqueología del juguete industrial" in Jaulin, R. (comp.), Juegos Y Juguetes, Madrid, siglo XXI.
- DIAZ, E.
 1987, "Las asociaciones andaluzas en catalunya y su función de reproducción de la identidad cultural", Alicante, Abril, IV Congresso de Antropología de España (a publicar).
- DUMAZEDIER, J.
 1962, Vers une Civilisation du Loisir?, Paris, Ed. Seuil.
 1963a, "Contenu Culturel du Loisir Ouvrier dans Six Villes d'Europe - Allemagne F., Danemark, Finlande, France, Pologne, Yougoslavie", Revue Française de Sociologie, IV, 12-21.
 1963b, "Où en est la Sociologie du Loisir et de la Culture Populaire? a propos de quelques livres récents", Revue Française de Sociologie, IV, 41-42.
 1968, "Leisure" International Encyclopedia of the Social Sciences, New York, The Mac Millan Company and the Free Press, vol 9 e 10, 248-254.
- DUMAZEDIER, J.; LANFANT, M.F.
 1964, "Enquête sur le Développement Culturel des Collectivités Locales Effectuée dans le Dép. de la Moselle (Actualité de la Recherche)", Revue Française de Sociologie, Jan./Mar., V, 1.
- DUMAZEDIER, J.; RIPERT, A.
 1966, Le Loisir et la Ville I - (Loisir et Culture), Paris, Ed. Seuil.
- DUMAZEDIER, J.; GUINCHAT, C.
 1969, La Sociologie du Loisir. Tendances Actuelles de la Recherche et Bibliographie (1945-1965), Paris, Mouton.
- DUMAZEDIER, J.; SAMUEL, N.
 1976, Le Loisir et la Ville II - (Société Educative et Pouvoir Culturel), Paris, Ed. Seuil.
- DURKHEIM, E.
 1984 (1893), A Divisão do Trabalho Social, Lisboa, Presença.
- DUVIGNAUD, J.
 1985 (1980), Le Jeu du Jeu, Paris, Editions Balland.

- ENCYCLOPEDIA UNIVERSALIS
 1980, "Groupe Primaire", Paris, Encycl. Univ. France
 SA, vol 8, 52-55.
 "Jeu", vol 9, 436-457.
- FERREIRA, V.
 1970, "O Fenómeno Urbano: Notas Prévias para a Formulação de um Objecto", Análise Social, vol. III, 29, 116-140.
- FRANÇA, J.
 1980, Lisboa: Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- FREIRE, J.
 1929, Alcantara, apontamentos para uma monografia, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- GALLIS, A.
 1903, A Taberna, (Tuberculose Social VIII), Lisboa, Gomes de Carvalho; Famalicão, Tip. Minerva.
- GASPAR, J.
 1975, Estudo Geográfico dos Aglomerados Urbanos em Portugal, Finisterra, vol. X, 19.
- GEERTZ, C.
 1978 (1973), A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- GIDDENS, A.
 1964, "Notes on the Concept of Play and Leisure", Social Review, 12(1) New Series, March, 73-90.
 1983 (1982), Sociology: a Brief but Critical Introduction, London, The MacMillan Press.
 1984 (1972), Capitalismo e Moderna Teoria Social, Lisboa, Presença.
- GILMORE, D.
 1982, "Anthropology of the Mediterranean Area", Annl. Rev. Anthropology, II, 175-205.
- GINER, J.
 1987, "Una primera aproximación global al análisis de la sociabilidad formal en el país valenciano", Alicante, Abril, IV Congresso de Antropología de España (a publicar).
- GODELIER, M.; CRESSWELL, R.
 1976, Outils d'Enquête et d'Analyse Anthropologiques, Paris, F. Maspero.

- GOFFMAN, E.
 1974 (1967), Les Rites d'Interaction, Paris, Ed. Minuit.
- GOODY, J.
 1968, "Time: Social Organization". International Encyclopedia of the Social Sciences, New York, The Mac Millan Company and the Free Press, vol 15, 16 e 17, 30-42.
 1979 (1977), La Raison Graphique, Paris, Ed. Minuit.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA
 s.d. "Laranjinha", Lisboa/Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia Lda., vol XIV, 99.
- GUEDES, M.
 1984, Jogos Tradicionais Portugueses, Lisboa, Instituto Nacional dos Desportos.
- GUIA DE PORTUGAL
 1979 (1924), "Generalidades. Lisboa e arredores", Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GURVITCH
 1979 (1968), A Vocação Actual da Sociologia, Lisboa, Edições Cosmos.
- HANNERZ, U.
 1983 (1980), Explorer la Ville. Éléments d'anthropologie urbaine, Paris, Ed. Minuit.
- HISTÓRIA DA REPÚBLICA
 s.d. Edição Comemorativa do Cinquentenário da República, Lisboa, Ed. Século.
- HOGGART, R.
 1973 (1957), As Utilizações da Cultura (aspectos da vida cultural da classe trabalhadora), Lisboa, Presença.
- HUIZINGA, J.
 1951 (1938), Homo Ludeus. Paris, Gallimard.
- INFANTE, A
 1987, "Sociedades desportivo-recreativas en el país valenciano", Alicante, Abril, IV Congresso de Antropología de España (a publicar).
- ITURRA, R.
 1986a, "Trabalho de campo e observação participante", in Silva, A; Pinto, J. (orgs), Metodologia das Ciências Sociais, Lisboa, Ed. Afrontamento.

- 1986b, "Cultura oral e cultura escrita: uma avaliação", *O Estudo da história, Boletim da A.P.H.*, 2 (II série).
- KAPLAN, M.
1975, Leisure: Theory and Policy, New York, John Wiley and Sons, inc.
- LENCLUD, G.
1986, "En être ou ne pas en être, l'Anthropologie Sociale et les Sociétés Complexes" L'Homme, 97-98.
- LEVI-STRAUSS, C.
1971, L'Homme Nu, Paris, Plon.
1974 (1958), Anthropologie Structurale, Paris, Plon.
1980, "Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss", in Mauss, Sociologie et Anthropologie, Paris, PUF.
- MARINUS, A.
1943 (1937), Les Loisirs des Travailleurs, Bruxelles, Imp. Charles Peeters.
- MARQUES, A.
1975 (1971) A 1ª República Portuguesa (alguns aspectos estruturais), Lisboa, Livros Horizonte.
1981, Guia de História da 1ª República Portuguesa, Lisboa, Estampa.
- MARTINS, A.
1963, "Cafés" Dicionário de História de Portugal, Lisboa, Iniciativas Editoriais, vol I, 427-430.
- MAUSS, M.
1980 (1925), Essai sur le Don, Paris, PUF.
- MICHEL, B.; BASSAND, M.; LEHMANN, P.
1982, "Le Voisinage: un Théâtre Expérimental de la Vie Quotidienne" Espaces et Sociétés, Junho / Dez, 41.
- MUMFORD, L.
1964 (1961), La Cité à Travers l'Histoire, Paris, Ed. Seuil.
- NARCISO, M.
1974, Evolução da Cidade de Lisboa e Desenvolvimento da sua População de 1890 a 1940, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- NEWBY, H.
1980, "Community", The Open University Press.

- O POVO DE LISBOA
 1978/79, Exposição Iconográfica, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- PAIS, J. M.
 1985, A Prostituição e a Lisboa Boémia do séc. XIX aos Inícios do séc. XX, Lisboa, Querco.
- PANOFF, M.
 1986, "Une Valeur Sure: l'Éxotisme" L'Homme, 97-98.
- PARK, R.
 1979 (1916), "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em meio urbano", in Velho, O., O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 26-67.
- PARKER, S.
 1978 (1976), A Sociologia do Lazer, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- PAVÃO, L.; PEREIRA, M.
 1981, Tabernas de Lisboa, Lisboa, Assírio e Alvim.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON; RAYBAUT, S.
 1983, Les Récits de Vie. Théorie et Pratique, Paris, PUF.
- RAPOPORT, R.
 1974, "Four Themes in the Sociology of Leisure", British Journal of Sociology 25(2), 215-229.
- REYS, J.
 1987, "Casinos, peñas, estructura social y identidad", Alicante, IV Congresso de Antropología de España (a publicar).
- RIBEIRO, O.
 1963, "Cidade" Dicionário de História de Portugal, Lisboa, Iniciativas Editoriais, vol I, 574-580.
- RICHARDS, C.
 1963, "City Taverns" Human Organization, 22, 260-268.
- RIVIÈRE, J. L.
 1987, "Gesto" Encyclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol 11, 11-31.
- ROBINSON, E.
 1934, "Play", Encyclopedia of the Social Sciences, London, Mac Millan and Co., Ltd., 160-161.

- RODRIGUES, M.
- 1979, Tradição, Transição e Mudança. A produção do espaço na Lisboa oitocentista, Lisboa, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, Série III, 84.
- RONCAYOLO, M.
- 1986, "Cidade" Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, vol 8, 396-487.
- SANTANA, F.
- s.d. Lisboa na Segunda Metade do Século XVIII (Plantas e Descrições das suas Freguesias), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- SAPORA, A. V.; MITCHELL, E.
- 1961, Theory of play and recreation, New York, Ronald Press.
- SCHELSKY, H.
- 1963, "Les Intelectuels et les Loisirs des Autres", Table Ronde, 184, 144-154.
- SCHWIMMER, E.
- 1980, "Les limites de l'idéologie économique: essai d'anthropologie comparée sur les conceps de travail", Revue Internationale de Sciences Sociales, 3, 557-573.
- SEGALEN, M.
- 1984, Organization et fonctionnement de la parenté en milieu urbain (une enquête sur les transformations familiales dans la ville de Nanterre, 1840-1980), Centre d'Ethnologie Française.
- SILVA, C.; MORAIS, M.M.
- 1958, Jogos Tradicionais Portugueses, Lisboa, Direcção-Geral do Ensino Primário, 129-144.
- SIMMEL, G.
- 1979 (1902) "A metrópole e a vida mental" in Velho, O. O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 11-25.
- SILLS, D.
- 1968, "Voluntary Associations. II - Sociological Aspects", International Encyclopedia of the Social Sciences, New York, The Mac Millan Company and the Free Press, vol 15, 16 e 17, 362-376.
- SPRADLEY, J., MAN, B.
- 1979 (1975) Les bars, les femmes et la culture. Femmes au travail dans un monde d'hommes, PUF, Paris.

- SUE, R.
1983 (1980), Le Loisir, Paris, PUF.
- TONNIES, F.
1979 (1887), Comunidad y asociacion, Barcelona, ed. 62.
- VELHO, G.
1972, A Utopia Urbana Rio de Janeiro, Zahar Editores.
1981, Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- VELHO, O.
1979, O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- VIEGAS, J.
1986, "Associativismo e Dinâmica Cultural" Sociologia Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1, 103-121.
- VIEIRA DA SILVA, A.
1943, As Freguesias de Lisboa, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- VOUTYRAS, S.
1980, "Le travail: conception classique et conception romantique", Revue Internationale de Sciences Sociales, 3, 433-443.
- WINNICOTT, D.
1975 (1971), Jeu et Réalité. L'espace potenciel, Paris, Gallimard.
- WIRTH, L.
1979, "O urbanismo como modo de vida", in Velho, O. O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 90-113.
- XAVIER DE BRITO, M.
1952, "Lisboa de outros tempos, Lisboa de hoje. Arruamentos", Lisboa, Revista Municipal, 55, 56 e 57.

Documentos e Publicações Oficiais

A Capital

- 1985, (Cobertura do Campeonato de Laranjinha de Lisboa)
3.6/5.6/11.6/14.6/19.6/24.6/27.6/29.6/4.7/6.7/
/15.7/18.7/23.7/4.10/31.10.

Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa
Mapas e Plantas

Arquivos do Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique
- Actas das reuniões semanais da Direcção
(entre 1942 e 1980)
- Livro de Posse
- Livro de Registos de Sócios
- Estatutos, Regulamentos e outros documentos

Caracterização Social da Cidade de Lisboa
1981, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Diário de Notícias

1925, "Jogos Característicos e Regionais Portugueses"
25.5

1984, "Tascas e Tabernas de Lisboa estão a
desaparecer lentamente"
8.7

O Dia

1982, "Crónica das Tabernas de Lisboa"
27.5